PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Neilane de Souza Viana

INTERFACES DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM RITUAIS DA UNIÃO DO VEGETAL (UDV): um olhar para a relação entre as práticas linguageiras e a transformação de comportamentos a partir de percepções de associados

Belo Horizonte
2024

Neilane de Souza Viana

INTERFACES DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM RITUAIS DA UNIÃO DO VEGETAL (UDV): um olhar para a relação entre as práticas linguageiras e a transformação de comportamentos a partir de percepções de associados

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros.

Belo Horizonte
2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Viana, Neilane de Souza
V614i Interfaces da linguagem na construção de sentidos em rituais da União do Vegetal (UDV): um olhar para a relação entre práticas linguageiras e transformação de comportamentos a partir de percepções de associados / Neilane de Souza Viana. Belo Horizonte, 2024.
182 f. : il.

Orientadora: Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. 2. União do vegetal. 3. Linguística. 4. Linguística aplicada. 5. Linguagem e línguas. 6. Gramática cognitiva. 7. Alucinógenos e experiência religiosa. 8. Ayahuasca - Efeitos psicotrópicos. I. Barros, Ev'Ângela Batista Rodrigues de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 801
Ficha catalográfica elaborada por Pollyanna Iara Miranda Lima - CRB 6/3320

Neilane de Souza Viana

INTERFACES DA LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM RITUAIS DA UNIÃO DO VEGETAL (UDV): um olhar para a relação entre as práticas linguageiras e a transformação de comportamentos a partir de percepções de associados

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Prof.ª Dr.ª Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros – PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dr. José Cláudio Luiz Nobre – UFVJM (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Antônio Geraldo Cantarela – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof.ª Dr.ª Josiane Andrade Militão – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Filipe Almeida Gomes – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 27 de setembro de 2024.

Dedico à toda minha família, à toda irmandade da União do Vegetal, bem como àqueles que ainda farão parte da UDV.

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que cheguei até aqui. Gratidão ao Divino Mestre Jesus pela oportunidade da vida e ao Mestre Gabriel, pela UDV, que vem contribuindo para que eu tenha passos mais seguros: razão pela qual escolhi este objeto de estudo.

À minha mãe Rosa e ao meu pai Manoel *(in memoriam*), por tudo que me proporcionaram na vida. Ao meu esposo Gilberto, pelo apoio, carinho e compreensão nos momentos de minha ausência. À Ágata, ao Antony e à Larissa, pelo carinho e por serem motivo de fortalecer em mim o querer de realizar sonhos. À minha irmã Nayane, pelo incentivo de sempre.

Gratidão aos professores do Programa de Doutorado em Letras da PUC/MG, pelo conhecimento oferecido e pelas contribuições importantes nas experiências durante a trajetória acadêmico-científica, em especial, à minha orientadora Prof.ª Dr.ª Ev'Ângela, pelas valiosas contribuições, apoio, incentivo e paciência com minhas limitações durante todo o período do curso.

Aos colegas, em especial, à Nathalie, à Selma e à Tatiana, pela amizade, pelos ricos diálogos motivadores e pelo apoio em diversos momentos da trajetória.

À minha amiga Conselheira Jozélia, que me apresentou a União do Vegetal.

Ao Mestre Joaze Bernadino, pelas palavras de orientação e por intermediar os procedimentos da pesquisa por meio do UDV-Ciência, junto aos dirigentes do Centro. À toda irmandade da UDV no Brasil, em especial, à irmandade do Núcleo Rosa Divina – Quadro de Mestres, Direção e Associados –, pela expressiva participação da pesquisa e gestos de amizade ao longo de minha caminhada.

Aos amigos e Conselheiros Lucas Ribeiro e Lariane Chaves, pelo apoio e contribuição na realização de procedimentos técnicos desta pesquisa. Gratidão também ao amigo e colega João César, pelo auxílio na execução de procedimentos necessários ao trabalho de análise sistemática de dados do estudo.

A palavra é a luz dos homens.
(Pascal Mercier).

RESUMO

Esta tese apresenta um estudo descritivo e exploratório que busca compreender a relação entre as práticas linguageiras e as representações identitárias/subjetivas quanto às transformações pessoais e às perspectivas de vida de associados da União do Vegetal (UDV), conforme as práticas ritualísticas de que participam no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV). As práticas ritualísticas constituem-se da ingestão do chá Hoasca, também denominado Vegetal, para efeito de concentração mental durante as sessões, em que a palavra na forma oral é utilizada para a transmissão da doutrina cristã reencarnacionista. Consideramos que a doutrina, aliada ao efeito psicoativo do chá Hoasca, favorece o processo de (re)significação da aprendizagem no contexto religioso em questão, em que temos a seguinte questão norteadora: Quais percepções os associados têm dos efeitos da linguagem utilizada nas práticas ritualísticas da UDV como fatores de transformação de suas condutas? Para buscar responder a essa indagação, orientamo-nos por uma perspectiva transdisciplinar, constituída por abordagens com base na linguística cognitiva e na linguística discursiva, buscando identificar as percepções apresentadas pelos respondentes quanto à influência da linguagem e das práticas ritualísticas da instituição sobre outras esferas de suas vidas. A pesquisa realizada se caracterizou como exploratória e bibliográfica, com caráter etnográfico, tomando como instrumento de coleta de dados o questionário semiestruturado aplicado aos participantes, além das observações da pesquisadora, que também é associada à referida instituição. Predominou a abordagem de modalidade qualitativa, com uso complementar do *software IRAMUTEQ* para a sistematização dos dados. Trata-se de um estudo de relevância no âmbito linguístico, por considerarmos que a ação do indivíduo, como ser de linguagem, ao longo da vida, é direcionada a partir de elementos perceptivos (ver, sentir e ouvir), bem como por meio da construção de sentidos segundo suas vivências, valores e crenças manifestadas em práticas linguageiras no ambiente em que vive. Consideramos que cada ser carrega em si sua história e suas experiências, que podem se manifestar na personalidade singular de o sujeito reagir em relação às manifestações que a vida lhe apresenta nas diferentes situações: no trabalho, na família etc. Em razão disso, o estudo tem como foco a palavra na construção de sentidos, a partir de práticas ritualísticas no CEBUDV, conforme percepções evidenciadas pelos associados quanto à forma de aceder aos ensinamentos do Centro, transmitidos predominantemente pela oralidade. Os resultados mostraram, dentre outros aspectos, que 68,8% sempre compreendem o que ouvem em práticas ritualísticas e que 30,6% frequentemente compreendem. Além disso, 98,9% afirmaram que perceberam mudanças positivas no comportamento a partir de sua inserção na

UDV, provando a influência da prática ritualística sobre a vida dos associados. Nesse mesmo sentido, 99,5% dos associados consideram que a doutrina da UDV contribui para o desenvolvimento de virtudes.

Palavras-chave: Interfaces da linguagem. Práticas ritualísticas. Chá Hoasca. Construção de sentidos. UDV.

ABSTRACT

This thesis presents a descriptive and exploratory study, which seeks to understand the relationship between language practices and identity/subjective representations regarding personal transformations and life perspectives of members of União do Vegetal (UDV), according to the ritualistic practices they participate in at the Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV). Ritualistic practices consist of drinking Hoasca tea, also called Vegetal, for the purpose of mental concentration during sessions, in which the word in oral form is used in the transmission of reincarnationist Christian doctrine. We consider that the doctrine combined with the psychoactive effect of Hoasca tea favors the process of (re)signification in learning in the religious context in question, in which we have the following guiding question: What perceptions do members have of the effects of the language used in the ritualistic practices of the UDV as factors in transforming their conduct? To seek to answer this question, we are guided by a transdisciplinary perspective, consisting of approaches based on cognitive linguistics and discursive linguistics, in the search to identify the perceptions presented by respondents regarding the influence of the institution's language and ritualistic practices on other spheres of your life. The research carried out was characterized as exploratory and bibliographic, with an ethnographic character, taking as a data collection instrument the semi-structured questionnaire applied to participants, in addition to the observations of the researcher, who is also associated with the aforementioned institution. The qualitative modality approach predominated, with complementary use of the IRAMUTEQ software in data systematization. This is a study of relevance in the linguistic sphere, as we consider that the individual's action, as a being of language, throughout life, is directed from perceptual elements (seeing, feeling and hearing), as well as through construction of meanings according to their experiences, values, beliefs manifested in language practices in the environment in which they live. We consider that each being carries within itself its history, its experiences, which can manifest itself in the unique personality of reacting to the manifestations that life presents to it in different situations: at work, in the family, etc. Because of this, the study focuses on the word in the construction of meanings based on ritualistic practices at CEBUDV, according to perceptions evidenced by members regarding the way of accessing the Center's teachings, transmitted predominantly orally. The results showed, among other aspects, that 68.8% always understand what they hear in ritualistic practices and 30.6% frequently understand. Furthermore, 98.9% stated that they noticed positive changes in behavior after joining the UDV, proving the

influence of ritualistic practice on the lives of members. In the same sense, 99.5% of members consider that the UDV doctrine contributes to the development of virtues.

Keywords: Language interfaces. Ritualistic practices. Hoasca tea. Construction of meanings. UDV.

RESUMEN

Esta tesis presenta un estudio descriptivo y exploratorio que busca comprender la relación entre las prácticas lingüísticas y las representaciones identitarias/subjetivas respecto a las transformaciones personales y perspectivas de vida de los miembros de la União do Vegetal (UDV), según las prácticas ritualistas de las que participan en el Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV). Las prácticas ritualistas consisten en beber té de Hoasca, también conocido como Vegetal, con el propósito de concentración mental durante las sesiones, en las cuales se utiliza la palabra en forma oral para transmitir la doctrina reencarnacionista cristiana. Creemos que la doctrina, combinada con el efecto psicoactivo del té de Hoasca, favorece el proceso de (re)significación en el aprendizaje en el contexto religioso en cuestión, en el que tenemos la siguiente pregunta orientadora: ¿Qué percepciones tienen los miembros sobre los efectos del lenguaje utilizado en las prácticas rituales de la UDV como factor de transformación de su comportamiento? Para responder a esta pregunta, adoptamos un abordaje transdisciplinar, basado en la lingüística cognitiva y en la lingüística discursiva, en el intento de identificar las percepciones de los entrevistados sobre la influencia del lenguaje y de las prácticas ritualistas de la institución en otras esferas de sus vidas. La investigación realizada se caracterizó como exploratoria y bibliográfica, de carácter etnográfico, utilizando un cuestionario semiestructurado como instrumento de recolección de datos aplicado a los participantes. además de las observaciones del investigador, que también está asociado a esta institución, también observó a los participantes. Predominó un abordaje cualitativo, con el uso complementario del *software IRAMUTEQ* para sistematizar los datos. Este es un estudio relevante en el campo lingüístico, pues creemos que las acciones de los individuos, como seres de lenguaje, a lo largo de su vida, son dirigidas por elementos perceptivos (ver, sentir y oír), así como a través de la construcción de significados de acuerdo con sus experiencias, valores y creencias manifestadas en las prácticas del lenguaje en el ambiente en que viven. Creemos que cada persona es portadora de su propia historia, de sus propias experiencias, que pueden manifestarse en una personalidad única que reacciona a las manifestaciones que la vida le presenta en diferentes situaciones: en el trabajo, en la familia, etc. Por esta razón, el estudio se centra en la palabra en la construcción de significados a partir de las prácticas rituales en el CEBUDV, según las percepciones mostradas por los miembros sobre la forma en que acceden a las enseñanzas del Centro, que se transmiten predominantemente de forma oral. Los resultados mostraron, entre otras cosas, que el 68,8% siempre entiende lo que escucha en las prácticas ritualistas y el 30,6% lo hace con frecuencia. Además, el 98,9% afirmó haber notado

cambios positivos en su comportamiento desde que se unió a la UDV, lo que demuestra la influencia de la práctica ritual en la vida de los miembros. En la misma línea, el 99,5% de los miembros cree que la doctrina de la UDV contribuye al desarrollo de las virtudes.

Palabras clave: Interfaces de idiomas. Prácticas rituales. Té hoasca. Construcción de significados. UDV.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Procedimento de semiotização do mundo e seu duplo sentido 61
Figura 2 – O ato de linguagem como encenação 63
Figura 3 – Mestre Gabriel e parte de sua família 69
Figura 4 – Mestres da origem 70
Figura 5 – Mestre Gabriel e seus primeiros discípulos 75
Figura 6 – Sessão dirigida por Mestre Gabriel 76
Figura 7 – Símbolos da UDV 79
Figura 8 – Forma do ritual nas sessões 80
Figura 9 – Processos com a palavra e o Vegetal 104
Figura 10 – Percepção do efeito de sentido das experiências na sessão 150
Figura 11 – Percepção de sentido do efeito do chá Hoasca 152
Figura 12 – Dendograma de classificação hierárquica descendente 155
Figura 13 – Análise fatorial de correspondência 159
Figura 14 – Árvore de similitude 160

Quadro 1 – Exemplificação de efeitos de sentidos intencionados 98
Quadro 2 – Respostas categorizadas 127

Gráfico 1 – Sexo 106
Gráfico 2 – Representação étnica 106
Gráfico 3 – Faixa etária 107
Gráfico 4 – Região do Núcleo dos Sócios 107
Gráfico 5 – Grau hierárquico no UDV 108
Gráfico 6 – Tempo de associado na UDV 109
Gráfico 7 – Nível de escolaridade dos sócios 110
Gráfico 8 – Entendimento das falas em sessão 111
Gráfico 9 – Aprendizado de novos significados de palavras 112
Gráfico 10 – Aprendizado de significados de palavras nas sessões 112
Gráfico 11 – Crenças quanto aos sentidos das palavras 113
Gráfico 12 – Orientações recebidas por meio da "burracheira" 114
Gráfico 13 – Modificação na forma de usar as palavras 115
Gráfico 14 – Mudanças nas formas de pensar após ensinos da UDV 116
Gráfico 15 – Experiências com a "burracheira" 117
Gráfico 16 – Identificação com a doutrina do Mestre Gabriel 117
Gráfico 17 – Reflexões a partir do que é ensinado na UDV 118
Gráfico 18 – A posição assumida a partir do exame do que é ensinado 119
Gráfico 19 – Mudanças no comportamento após ensinos da UDV 120
Gráfico 20 – Percepção dos efeitos do Vegetal 121
Gráfico 21 – Opções que retratam as experiências com a UDV 122
Gráfico 22 – Percepção quanto a mudanças na forma de lidar com os sentimentos 123
Gráfico 23 – Percepção do desenvolvimento de virtudes 124
Gráfico 24 – Reflexos do aprendizado nos diversos segmentos 125
Gráfico 25 – Indicação da UDV para outras pessoas 126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC – Análise Fatorial de Correspondência

CEBUDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CHD – Classificação Hierárquica Descendente

DLE – Dicionário de linguística da enunciação

DMT – Dimetiltriptamina

ST – Sequências de Texto

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UDV – União do Vegetal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 16

2. FACES METODOLÓGICAS DO ESTUDO 21
2.1. Justificativa e problematização 23
2.2. Objetivo geral 27
2.3. Objetivos específicos 27
2.4. Hipótese 27
2.5. O universo da pesquisa, suas particularidades e os sujeitos 30
2.6. Dimensões linguísticas do objeto de estudo 37

3. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM 40
3.1. A linguagem na visão da linguística cognitiva 43
3.2. Os sentimentos na perspectiva damasiana 48
3.3. Noções de sentido 51
3.4. A palavra nos aspectos discursivo e semiológico 53

4. O MESTRE GABRIEL E A UNIÃO DO VEGETAL 66
4.1. O Mestre Gabriel 66
4.2. Os princípios e a palavra alicerçada na prática 71
4.3. O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal 75
4.3.1. O ritual religioso na UDV 78
4.3.2. A consciência e sua ampliação pelo Vegetal 84

5. A ESPIRITUALIDADE E A FORÇA DA PALAVRA NA UDV 91
5.1. Noção de espiritualidade 91
5.2. Efeitos de sentidos com a palavra 95

6. ANÁLISE DOS DADOS 105
6.1. Exposição de dados quantitativos 105
6.2. Análise dos comentários coletados 126
6.3. Sistematização dos dados no *IRAMUTEQ* 154

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 162

REFERÊNCIAS 166

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 175
APENDICE B – QUESTIONÁRIO 177

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo busca compreender a relação entre as práticas linguageiras realizadas no bojo de práticas ritualísticas ocorrentes no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) e as percepções subjetivas de transformações comportamentais e/ou de perspectivas de vida dos seus associados. Consideramos a palavra essencial no processo de ensino e de aprendizagem em todos os contextos da vida, o que engloba também o contexto religioso, visto que se trata do veículo principal por meio do qual se propõe o desenvolvimento espiritual. Assim, destacam-se pontos opostos desse processo, pois o ser humano pode aprender tanto a promover a guerra, como a construir a paz; pode aprender tanto a destruir, a poluir o meio ambiente, como a zelar pela vida, ou seja, conforme La Rosa (2003, p. 15), "o indivíduo aprende o melhor e o pior".

É nesse processo de aprendizagem dotada de dualidade (do mal e do bem) que se edifica a "espiritualidade do ser", que, aqui, é considerada como a capacidade humana de compreender a essência da vida, isto é, "é o amor bem pensado à vida" (Solomon, 2003, p. 18). Nesse processo, a função das palavras é essencial na condução de estímulos ao ser humano, uma vez que as palavras recebidas podem despertar sentimentos e suscitar pensamentos, que se (re)manifestam na fala, na escrita e, até mesmo, nas ações.

A presente pesquisa se vincula à área de concentração "Linguística e Língua Portuguesa" e à linha de pesquisa "Linguagem e enunciação: interações sociais e práticas discursivas". Filiada a essa linha de pesquisa, orientamo-nos por uma perspectiva transdisciplinar, respaldada na abordagem da linguística cognitiva e na perspectiva discursiva, buscando identificar as percepções evidenciadas pelos associados sobre os impactos, em sua vida cotidiana, da participação em práticas ritualísticas na União do Vegetal (UDV). Dessa forma, foi possível compreender, a partir da coleta e análise de dados, e do questionário semiestruturado, como eles percebem a linguagem, mais especificamente, a força da palavra ouvida, introjetada, nas práticas ritualísticas de que participam.

Consideramos que o ensino e a aprendizagem no contexto religioso pressupõem pretensões por parte de ambos os coenunciadores para o desenvolvimento de conhecimentos, hábitos e atitudes. Do ponto de vista da instituição, espera-se o desenvolvimento de virtudes pertinentes ao desenvolvimento espiritual. Do ponto de vista de cada cidadão que se torna associado, há uma multiplicidade de objetivos, a partir de demandas subjetivas.

Conforme preconizado pela instituição, o desenvolvimento espiritual abrange o processo de formação humana, que consiste na edificação dos próprios sentimentos e

comportamentos na vida, dotados de uma atitude pacífica, de honestidade e de outros princípios, à luz do seguimento religioso na UDV. Para tanto, a base de formação é a palavra, sobretudo, a manifestada oralmente.

A partir dessas considerações, nosso foco de análise serão as percepções evidenciadas pelos sócios integrantes da UDV no Brasil. Para isso, consideramos os princípios da instituição e as características ritualísticas nas sessões, constituídas por perguntas, respostas e explanações. Nas práticas ritualísticas, predomina uma linguagem simples, na qual não há uma preocupação com o atendimento às normas gramaticais de uma variante padrão. Inclui-se a linguagem coloquial, de base cabocla, que é dotada de elementos que carregam marcas do modo de vida simples do "caboclo",[1] que, distante dos cânones urbanos, possui representações constituídas pelo resgate de memórias e identidades, sendo manifestada na fala informal, não monitorada (Lima-Ayres, 1999).

A linguagem cabocla de que falamos aqui está associada a um conjunto de manifestações linguísticas constituídas de simplicidade (em que não há preocupação com normas gramaticais), que propicia a integração e o entendimento mútuo na comunidade da UDV, uma relação baseada no contato com a natureza e constituída por valores sociais e culturais. Assim, acreditamos que aquele que detém saberes diversos para a aplicação prática benéfica à vida cotidiana traduz um movimento originário do lugar, como um herdeiro dos antepassados indígenas e adaptado à natureza (Rodrigues, 2006). Essa crença salienta que, por meio da linguagem, na prática ritualística, há a construção de princípios e condutas, a partir de saberes alicerçados na natureza e nas crenças da origem de tudo pela divindade, para atendimento à humanidade, tanto no sentido material, quanto no sentido espiritual, traduzido nas questões da existência humana, sua trajetória, seus feitos etc.

O interesse em realizar o presente estudo surgiu do aspecto prático da minha atuação como sócia da UDV, a partir de observações realizadas nesses eventos e de experiências compartilhadas com diversos associados da instituição, no que diz respeito à construção, à prática e à disseminação do conhecimento mediante uma linguagem carregada de especificidades e significados. Motivou-me a inquietação de compreender: Como os

[1] A palavra "caboclo" tem origem no tupi e seu significado é ligado à mestiçagem do índio com o branco europeu ou com o negro africano e seus descendentes. Além disso, caboclo é considerado como a classe de agricultores que vive em relação de complementaridade com a natureza, retirando dela o necessário à sua sobrevivência. De acordo com Carvalho (2009, p. 52), o caboclo é o "grupo humano distinto e ao mesmo tempo percebido como pequenos agricultores", sendo o habitante do interior amazônico que pratica atividades, fundamentalmente, herdadas da cultura indígena: a caça, a pesca, a coleta florestal e as pequenas agriculturas. Sua designação vem de um termo que, de acordo com Leal (*apud* Nascimento, 2006, p. 94), pertence ao Nheengatu Cacá-bõc – "tirado do mato" –, subentendendo-o como herdeiro legítimo do quadro cultural do índio.

participantes do CEBUDV se percebem a partir das práticas ritualísticas na UDV? Com valores e comportamentos diferentes do que os de outrora?

Esses questionamentos deixam entrever minhas próprias percepções sobre as mudanças dos participantes a partir de diversos contextos, de maneira geral. Como integrante da UDV, noto diferenças no comportamento relacionado à instabilidade emocional de certos membros ingressantes, visto que, com o passar do tempo, transformações são realizadas. Esse foi um dos fatores que me instigou a pesquisar sobre o que leva esses sujeitos, em várias dimensões, a buscarem pela cultura de paz, pelo centramento e pelo autoconhecimento, ou seja, por uma mudança de comportamentos. Trata-se da apreensão de uma visão holística do desenvolvimento do ser humano a que não temos acesso direto – por isso, nossos instrumentos de pesquisa (observações, aplicação de instrumento de coleta, análise de dados etc.) –, mas se revestem de grande relevância. Certamente, não será uma visão cabal, uma vez que, a partir de novas vivências, são desenvolvidas novas crenças e representações. No entanto, entendemos que a compreensão desse fenômeno complexo – linguageiro, cognitivo, místico etc. – trará contribuições à área da Linguística.

Em vista disso, o segundo capítulo, detalha as faces metodológicas do estudo, a problematização, a justificativa e a relevância da pesquisa. São apresentados também os objetivos do estudo, bem como a hipótese levantada, o universo da pesquisa, suas particularidades e seus desafios, os quais permeiam a trajetória da pesquisadora, que, em diversos momentos, se encontra imersa no campo com suas inquietudes e buscas no diálogo entre diferentes áreas fronteiriças do conhecimento. Esse movimento de alinhar o método aos objetivos do estudo propicia novas percepções quanto ao enquadramento de toda a pesquisa, suas fases e seus enfoques, mas, por outro lado, garante mais clareza dos limites e das possibilidades no produzir científico. Nessa perspectiva, apresentamos as abordagens das linguísticas cognitiva e discursiva, além do detalhamento metodológico quanto aos princípios adotados e à utilização de instrumentos para a viabilização da pesquisa.

O terceiro capítulo destaca as concepções de linguagem e as noções de sentido e de espiritualidade com as quais trabalhamos. Nessa perspectiva, apresentamos uma abordagem da linguagem na visão cognitiva, a qual comporta estudos do sistema perceptivo no processo de conhecer. Além disso, abordamos a linguagem pela ótica discursiva no processo de significação. A UDV utiliza a palavra em suas práticas ritualísticas com o objetivo de transmitir a doutrina do Centro, contribuindo com o desenvolvimento espiritual dos seus associados. Em razão disso, consideramos que a linguagem no contexto religioso apresenta uma tendência a ressignificações de modo particular: a forma singular perceptiva de cada associado nas

experiências ritualísticas e a adesão a certas escolhas lexicais a partir dos valores adotados pela comunidade de falantes. Isso pode ser verificado nas seguintes construções linguísticas expressas em situações discursivas na modalidade oral por associados do Centro: a) "Tudo **vem** dar certo"; b) "Os mau costume **está sujeito** atrapalhar sua caminhada"; c) Eu **conseguindo** passar, lhe ajudo". Quanto à primeira frase, é comum ouvirmos a expressão: "tudo vai dar certo", no entanto, na comunidade de fala desta pesquisa, o verbo "vem", no presente do indicativo, traduz o efeito de sentido de positividade e de aproximação com o interlocutor quanto ao que se deseja. Na segunda frase, há a ideia de que os maus hábitos/maus costumes poderão prejudicar aspectos na trajetória de vida da pessoa para quem se fala. O termo utilizado ("está sujeito") insere a ideia de distanciamento do fator "prejudicial" para a pessoa a quem se dirige. Devido a isso, se pronuncia "está sujeito" para não determinar a situação negativa que poderia ser dada pelas palavras "vai atrapalhar" ou "atrapalhará" no contexto em questão. Já a terceira frase, uma construção gerundiva, pressupõe a ideia condicional que poderia ser dada pela conjunção "se" ("se eu conseguir"), porém, o "se" carrega um sentido de condicionalidade/incerteza, sugerindo um impedimento de cumprir com o objetivo do interlocutor em realmente "conseguir" e "ajudar". Em razão disso, o verbo "conseguir", na forma do gerúndio, insere uma ideia mais positiva quanto às expectativas dos sujeitos interessados na ação do "conseguir passar". Essas expressões da oralidade presentes nas práticas linguageiras no Centro têm efetividade de entendimento na comunidade de fala, ainda que não atendam à estrutura estabelecida na norma padrão (representada pela gramática normativa ou prescritiva da língua portuguesa) em relação às marcas de concordâncias, às regências, às flexões etc. Assim, este estudo se depara com algumas fronteiras linguísticas referentes à significação, mas buscamos no aporte trazido pelas perspectivas cognitivas e discursivas as contribuições para compreender os fenômenos que envolvem a construção de sentido.

O quarto capítulo apresenta o campo de estudo, o CEBUDV, e seu fundador, o Mestre Gabriel, bem como os princípios, a forma de organização institucional do Centro, o funcionamento do ritual e as diretrizes que norteiam a disseminação da doutrina por meio da palavra aliada ao uso do chá Hoasca (bebida utilizada nas sessões ritualísticas), o que é fundamental para a compreensão de algumas faces da linguagem desse/nesse universo religioso. Apresentamos também estudos acerca do efeito do Vegetal (o chá Hoasca) e sua influência no potencial cognitivo e na ampliação das sensações dos órgãos de sentidos, incluídas as percepções viabilizadas pelo sistema nervoso. Entendemos que isso abrange o processo de significação no contexto religioso, já que privilegia as experiências do sentir.

O quinto capítulo traz importantes apontamentos conceituais sobre espiritualidade e sobre a palavra nas práticas ritualísticas do Centro, com vistas a apresentar, de maneira descritiva e conceitual, a força e o valor da palavra na UDV e as formas de utilização a partir de efeitos de sentidos constituídos nas experiências nas práticas ritualísticas.

O sexto capítulo expõe os dados quantitativos e comentários sobre eles, considerando que se trata de uma apresentação quantitativa de tópicos que auxiliam na compreensão do perfil dos associados e da sua relação com a instituição. Além disso, são analisadas as percepções manifestadas no campo de comentários do questionário aplicado. A discussão retoma os postulados da abordagem teórica em torno da significação, principalmente, os estudos de Benveniste (2006), Volóchinov, (1977) e Orlandi (1999; 2003; 2005) sobre as características do discurso religioso, bem como de Charaudeau (1983; 1995; 2014) quanto ao ato de linguagem no processo de significação. Retoma-se, também, a visão da linguística cognitiva, a partir de Maturana e Varela (2001). Esse capítulo inclui, ainda, a descrição da análise de conteúdo viabilizada no tratamento de dados pelo *software IRAMUTEQ* como forma complementar, para favorecer a interpretação dos textos dos participantes registrados nos campos dos comentários.

Fechando a tese, são feitas as considerações finais, em que se apresentam reflexões acerca do percurso da pesquisa, bem como posicionamentos quanto aos objetivos geral e específicos diante do que a pesquisa evidenciou em relação às práticas ritualísticas, aos participantes da pesquisa e às suas percepções sobre as práticas linguageiras nos rituais do Centro.

2. FACES METODOLÓGICAS DO ESTUDO

Realizamos um estudo exploratório e descritivo com abordagem predominantemente qualitativa e, inicialmente, de natureza bibliográfica. Para isso, iniciamos com os escritos acerca das concepções de linguagem, de sentido e de espiritualidade, conforme os principais aportes da linguística cognitiva, como Maturana (1998), Maturana e Varela (2001), e Martelotta e Palomanes (2008); e linguístico-discursiva, como Orlandi (1999; 2003), Pêcheux (1988;1995), Benveniste (2006), Volóchinov (1977), Charaudeau (1983; 1995; 2014), dentre outros. Na sequência, fizemos um perpasse pelos estudos acerca da UDV, nos principais aportes teóricos de Netto (2012) e Silva (2016).

O planejamento deste estudo pautou-se também em leituras para a estruturação metodológica quanto às possibilidades do percurso da escrita, pois, embora haja formas de dizer evidenciando um estilo discursivo, é importante conhecer algumas implicações da construção de uma tese quando esta não atende aos propósitos científicos. Nesse sentido, Eco (2008) aponta algumas incongruências a que o pesquisador está sujeito na elaboração de uma tese. Para isso, ele apresenta alguns tipos de tese, das quais destacamos a teórica, que abarca os estudos no campo das Ciências Humanas "e se propõe a atacar um problema abstrato, que pode já ter sido ou não objeto de outras reflexões: a natureza da vontade humana, o conceito de liberdade, a noção de papel social, a existência de Deus, o código genético etc." (Eco, 2008 p. 11). Nesse tipo de tese, o autor chama a atenção para a necessidade de fazer recortes de proposição teórica, uma vez que o conhecimento comporta múltiplas visões e pode ser elucidado segundo diferentes intenções conforme o campo do saber.

Com esses apontamentos, surgiu o impasse de classificar o estudo, quanto ao objetivo, como exploratório, pois, segundo Gil (2008), esse tipo de pesquisa procura tornar o problema mais explícito e familiar, podendo assumir uma natureza bibliográfica, e como estudo de caso, podendo revelar proposições expansivas em uma visão com tendência interdisciplinar. No entanto, a partir de reflexões e delineamentos do percurso da pesquisa, entendemos a pertinência de aduzir ao seu caráter exploratório, porque se trata de um estudo ainda não realizado no âmbito da UDV. Conforme exposto anteriormente, há lacunas no campo da divulgação científica de estudos linguísticos relacionados ao uso da palavra no contexto de religião hoasqueira como a UDV.

Aliada ao caráter exploratório, entende-se também a necessidade de classificar este estudo, em certa medida, como descritivo, pois as pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o

estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob esse título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil, 2008, p. 42).

Esta pesquisa também se pautou em uma análise empírica, por meio da coleta de dados de associados do Centro, para identificar a percepção desses sujeitos quanto às práticas de linguagem em rituais de que participam, na transmissão da doutrina e em suas contribuições nas mudanças de conduta de vida. Os procedimentos realizados para alcançar os objetivos consistiram em realizar um estudo que possibilitasse apresentar o perfil dos sujeitos, algumas de suas características, bem como as faces da linguagem no contexto ritualístico da UDV, razão pela qual o caráter descritivo se faz presente nesta pesquisa.

Quanto ao tipo de abordagem, este estudo se constitui predominantemente pela modalidade qualitativa, já que, conforme Denzin e Lincoln (2006), no campo linguístico, ela possibilita diversas práticas metodológicas, tais como observação, investigação participativa e, principalmente, análise interpretativa. Nessa modalidade, foi possível observar ao mesmo tempo em que participei dos eventos na UDV, o que possibilitou uma ação interpretativa, a qual comporta a construção de sentidos pela pesquisadora conforme as faces da linguagem identificadas, mas também revela alguns desafios: o primeiro iniciou-se quando a proposta da pesquisa foi submetida à Comissão UDV Ciência, que fez uma análise no âmbito institucional das pesquisas que envolvem temas relacionados à União do Vegetal. A proposta inicial tinha o objetivo de abordar questões sobre a construção de sentido no plano linguístico-discursivo no que se refere aos modos de dizer, mas um parecer da Comissão Científica da UDV orientou uma reelaboração do projeto, com enfoque na palavra e na espiritualidade no que se refere à dimensão da formação humana. No intuito de atender à orientação, buscamos realizar uma abordagem com enfoque mais amplo para a palavra (as formas de utilização nos rituais, as percepções dos associados etc.), pois esta pesquisa está vinculada à abordagem da linguagem e da enunciação. Após anuência institucional, submetemos à análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Minas, o qual deferiu o desenvolvimento da pesquisa com uso do instrumento de coleta de dados: o questionário.

O segundo desafio relacionou-se às demarcações de fronteiras nas áreas de conhecimento e nas escolhas das referências, pois a trajetória acadêmica da pesquisadora foi marcada por estudos interdisciplinares. Diante disso, o fazer científico no construto desta tese impulsionou algumas tensões no receio de se fazer uma "tese panorâmica sem limites ou parâmetros determinados, onde tudo cabe", como pontuado por Eco (2008, p. 9). No entanto,

as escolhas das perspectivas teóricas aqui presentes foram visivelmente necessárias, devido aos elementos de abordagem que envolvem o objeto de estudo: as faces da linguagem a partir da percepção dos associados de uma comunidade religiosa, sendo que essa percepção é potencialmente ampliada pelo efeito da ingestão de uma bebida, o chá Hoasca. Isso requer um perpasse teórico do âmbito dos estudos da cognição, tendo em vista a necessidade de se apresentar a ação do Vegetal aliada à linguagem e sua função na construção de sentidos que contribuem para a transformação nas formas de falar e agir dos sujeitos.

Diante disso, foi preciso "correr o risco" de fazer conexões entre abordagens e áreas disciplinares. Embora, inicialmente, algumas inter-relações possam parecer incongruentes, por se colocarem em diálogo autores de diferentes áreas do conhecimento, espera-se mostrar: a) fazer pesquisa em Ciências Humanas é complexo – no sentido etimológico, de *tecido junto* –, já que o objeto de estudo e de pesquisa é o ser humano; e b) falar de língua(gem) como mediatizadora de (mudança de) comportamentos esbarra na questão da representação que os próprios atores têm daquilo que realizam.

Não conseguimos, portanto, chegar à "verdade", tida como fonte de busca dos filósofos, mas à "verdade" vivenciada/percebida/discursivizada pelos sujeitos que aceitaram participar da pesquisa. Nesse contexto, se restringir a uma abordagem de enquadramento fechado, a uma visão unívoca, é que seria a fragilidade desta pesquisa.

2.1. Justificativa e problematização

Observa-se, nos últimos tempos, a evidência de um cenário contemporâneo marcado por algumas crises relacionadas à perda de sentido[2] – à fluidez da construção de identidade do indivíduo, manifestada em sintomas de instabilidades emocionais (como depressão, ansiedade etc.), desestrutura social –, o que, na visão de Bauman (2005), corresponde a uma fragmentação social.

Esse cenário retrata um reflexo do que Bauman (2005) chama de "mundo líquido-moderno", caracterizado pela aceleração do individualismo como condicionante da vida pós-moderna, impulsionando o avanço da sociedade do consumo. Embora se trate de um processo que evidencia a evolução tecnológica e que possibilita o compartilhamento de conhecimento através de múltiplas linguagens de forma imediata, é, por outro lado, um instrumento para ações desfavoráveis ao ser humano quanto à destituição/ao distanciamento de suas virtudes e da

[2] Na visão de Bauman (2005), a perda de sentido se caracteriza pela tendência da sociedade a uma forma de organização em que as relações são efêmeras, fugazes, sendo a identidade fragmentada e instável.

cultura da paz. Trata-se, então, de uma transformação de valores que leva à "perda do humano", conforme Santos (1999). Essa tecnologização da vida leva o homem a submeter-se às máquinas que ele mesmo construiu. Isso significa que o progresso crescente da tecnologia requer um desenvolvimento do ser humano no seu aspecto moral, a fim de evitar "um modo de ser não-racional e não espiritual" (Santos, 1999 p. 298).

No âmbito da filosofia e assumida por diversas religiões, a ação do ser humano, ao longo da vida, ocorre segundo seu livre arbítrio e sua capacidade de decidir e escolher conforme a sua vontade, a partir do que for mais estimulado pelos sentidos (ver, sentir, ouvir etc.), vivências, valores, crenças e representações do ambiente em que circula. No entanto, em muitas religiões, acredita-se que, além do que é estimulado, não se sabe o que já existe na essência de cada um, pois, num sentido transcendente, espiritual, cada ser carrega em si sua história, suas experiências, o mistério contido na existência de ser quem é, de nascer em determinada família, em determinado lugar, bem como na personalidade singular de reagir às manifestações que a vida lhe apresenta nas diferentes situações: no trabalho, na família etc.

Eu compartilho dessa visão de espiritualidade que congrega o livre arbítrio, as experiências vivenciadas no plano material atual e a carga espiritual transcendente, portanto, a docente do ensino superior e cientista linguista que assume este estudo, desafiada pelas fronteiras em que se constitui, lidou também com os desafios da pesquisa participante, em que não se pode se afastar muito do objeto investigado, sob pena de perder o foco e a vista ficar opaca.

Tratar da interface linguagem-religião não é algo trivial. Nessa conjuntura, nota-se que há uma lacuna nos espaços de divulgação científica (periódicos da CAPES, *Scielo*, *Web of Science*, *Google* Acadêmico, repositórios institucionais etc.) no que se refere a estudos sobre o poder da linguagem, manifestada sobretudo pela palavra oral, no trabalho com a espiritualidade, em religiões cujos rituais ocorrem sob efeito o chá Hoasca. A maioria das pesquisas encontradas possui o foco na dimensão discursiva do contexto religioso catolicista. Há diversos estudos que comportam discussões em torno de aspectos religiosos, mas não relacionados à espiritualidade.

Enquanto a religião é instrumento que pode contribuir para o desenvolvimento espiritual, a espiritualidade coloca em questão a existência e os feitos do espírito, a dimensão transcendente, independentemente de religião. A espiritualidade de que se trata aqui é a significação da essência da vida humana, caracterizada pela conexão subjetiva com o transcendente, com o sagrado intangível, ou seja, o ser humano como espírito, parte do universo maior. Assim, é de grande relevância trazer uma abordagem que discuta a palavra como

instrumento mobilizador de transformação humana e que envolva experiências transcendentes que vão além da religião.

Essa lacuna pode estar associada ao fato de que ainda nos deparamos, no contexto acadêmico-científico, com visões céticas, estereotipadas, de que a espiritualidade é um polo oposto ao mundo da ciência, ou de que está estritamente ligada a alguma crença religiosa que limita o desenvolvimento do saber humano. No entanto, entendemos que o ser humano é um espírito dotado de consciência que habita um corpo e aprende, portanto, (com)ciência, manifestando-se por meio da linguagem e de ações concretas no meio em que vive. Daí o nosso construto, segundo o qual a espiritualidade está contida na ciência, isto é, o conhecimento daquela não se opõe a esta, ao contrário, são visões de mundo que se complementam e, dessa forma, é possível abordar cientificamente esferas de circulação do discurso religioso. Em outras palavras, no contexto acadêmico, podemos dizer que a espiritualidade convive com a ciência, ora se aproximando ora divergindo naquilo que é trazido ao público.

Nesse sentido, dentro dos preceitos da UDV, o aprimoramento moral da pessoa consiste na clareza do próprio indivíduo sobre a realidade em que vive, para que os seus feitos, naquela esfera específica em que circula, estejam em consonância com os princípios que regem a lei da vida sob a ótica dessa religião: a fraternidade, a ética, a honestidade etc.

Com base nisso, acreditamos que é necessário olhar para as percepções evidenciadas pelos participantes quanto aos efeitos da linguagem em práticas ritualísticas em suas diversas esferas de atuação social. A partir da aprendizagem, para a qual se lança mão de diversos recursos de linguagem, entendemos que os efeitos podem ser benéficos ou prejudiciais à vida, pois o homem pode construir armas com intuito de fazer guerras, mas também pode ser orientado por meio de palavras e aprender a escolher o desenvolvimento de mecanismos para preservar a vida, beneficiar a coletividade, pensar no bem comum etc.

Assim, a vivência da espiritualidade coloca questões a respeito do significado da vida e da razão de viver, não se limitando a alguns tipos de crenças ou práticas (Fleck *et al*., 2003, p. 448). Isso pode ser exemplificado quando se questiona: De onde viemos? Para onde vamos? Por que estamos vivendo? A busca do ser humano por respostas a questões como essas podem ir além do segmento religioso, pois envolvem elementos de transcendência, dos mistérios da composição da vida humana, o que requer a construção de sentidos. Consideramos que a construção do significado pelo ser de linguagem envolve componentes da integralidade humana em seus aspectos biológicos, psíquicos e sociais, o que abrange, inclusive, o campo das emoções, manifestado nas práticas linguageiras. Dessa forma, as atividades humanas são resultantes das significações construídas nas interações com o mundo e com o outro no meio

em que vive. Conforme Maturana (2001, p 20), “o viver humano se dá num contínuo entrelaçamento de emoções e linguagem como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções”. Isso significa que uma pessoa pode escolher utilizar seus recursos para destruir outras pessoas, mobilizada por sentimentos inferiores (do mal), ou para beneficiá-las, mobilizada por sentimentos superiores (do bem). Assim, é possível compreender que “a evolução espiritual é conquistada através da conscientização da dualidade, manifesta no mal e no bem, e a escolha da prática do bem” (Silva, 2016 p. 30).

Nesse sentido, a maneira com que cada indivíduo experiencia o ser e o estar no mundo, conforme sua capacidade cognitiva imersa na instância subjetiva, influencia a forma de expressar emoções e, consequentemente, de agir e reagir etc. Isso constitui a singularidade do ser humano na dinâmica das interações, ao utilizar as palavras e transformá-las em discursos, e ao agir em sociedade.

Observamos que existem mecanismos coercitivos em diversas civilizações para moldar forçosamente o comportamento humano quanto à obediência a leis e princípios constituídos para a vida em sociedade. Compreendemos, nesse sentido, que o trabalho da UDV, que visa o desenvolvimento espiritual do ser humano, unindo a doutrina ao uso do chá Hoasca (o qual age na ampliação da percepção, da consciência), pode acionar, por meio de signos verbais (palavras), símbolos, rituais etc., a construção de sentidos centrada no desenvolvimento de virtudes. Essa construção pode se manifestar não somente na expressão ou na seleção de palavras, mas, antes, nas formas de pensar e agir.

Com base nas minhas transformações pessoais nas formas de expressar, de sentir e de agir, bem como observando as transformações de outras pessoas, percebo que é de suma importância identificar e compreender as faces dessa linguagem potente, que propicia o desenvolvimento de capacidades e virtudes, por um acionamento de motivações e representações no interior das pessoas por meio das palavras. A partir desse olhar e das experiências vivenciadas como sócia da UDV, tomo como ponto de partida a noção de que linguagem é parte constitutiva do ser humano, é um operar de ações a ser manifestada pela palavra, razão pela qual surge a seguinte questão norteadora deste estudo: Quais percepções os associados da UDV têm dos efeitos da linguagem utilizada nas práticas ritualísticas como fatores de transformação de suas condutas?

2.2. Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é compreender a relação entre práticas linguageiras e representações identitárias/subjetivas quanto a transformações pessoais e perspectivas de vida de associados da UDV, conforme práticas ritualísticas de que participam no CEBUDV.

2.3. Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

a) Descrever as características ritualísticas do CEBUDV.
b) Refletir sobre o uso do chá Hoasca, importante componente do ritual na transmissão da doutrina do CEBUDV.
c) Identificar as percepções dos participantes da pesquisa sobre os sentidos construídos ou acessados por meio da ingestão do chá Hoasca.
d) Identificar as marcas linguísticas presentes nas respostas dos associados que evidenciam suas representações ou construções de determinados efeitos de sentido, pelo recurso a expressões manifestadas na comunidade de fala desta pesquisa.
e) Identificar a percepção axiológica (valoração positiva ou negativa) dos associados quanto às práticas ritualísticas e linguageiras na UDV.

2.4. Hipótese

Bakhtin e Voloschinov (2003) consideram a natureza da linguagem como social, sendo capaz de constituir os sujeitos e ser constituída por eles. Com base em seus escritos, pode-se compreender que, por meio da atividade discursiva, o indivíduo age e reage interativamente no meio em que vive. Em razão disso, investigar as faces de uma determinada língua requer entendê-la como uma instituição social, a qual, na visão de Cezário e Votre (2011, p. 141), "não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação".

Na dinâmica da comunicação, a oralidade predomina em diferentes contextos. Nesse sentido, algumas faces da linguagem na esfera religiosa – em específico, no âmbito da religião hoasqueira da UDV – serão o foco desta pesquisa, uma vez que a aprendizagem por meio do discurso não se restringe aos espaços escolares formais de ensino ou ao ambiente familiar. Além

disso, compreendemos que o universo da religião carrega uma diversidade de elementos constitutivos, que se revelam na articulação discursiva, o que requer um olhar mais minucioso do ponto de vista científico.

Consoante aos escritos de Pinto (2002, p. 85), esse universo compõe-se "de regras, de funções e de um discurso próprio – os discursos religiosos comportam tudo isto: uma lógica própria, uma funcionalidade própria, um léxico específico". Isso indica a possibilidade de revelar sentidos ainda não identificados ou construídos por meio do estudo das marcas linguísticas presentes nas interações da comunidade de fala.

Segundo Braga (2013, p. 101), é necessário lembrar que o significado de enunciados e de itens lexicais deverá levar em consideração os contextos linguístico e situacional em que são empregados. No âmbito dos letramentos, numa sociedade grafocêntrica como a nossa, é comum considerar, de maneira exclusiva, a formação humana pela via da escrita, ensinada em espaços formais de educação, como base única para a transformação do indivíduo – intelectual, ética, moral (construção de virtudes) etc. No entanto, reconhecemos que é necessário (re)significar a noção/função da linguagem oral (sem classificá-la como inferior ou superior à modalidade escrita) na constituição do sujeito, devido às possibilidades de construção de sentidos, de mudanças de comportamentos e de atitudes práticas na vida social, no caso específico que interessa a esta investigação, a partir da doutrina da UDV, que se propõe a orientar o pensar, o sentir, o falar e o agir dos associados.

Nas práticas ritualísticas, a linguagem se efetiva pela oralidade sem preocupação com concordâncias (verbal, nominal) ou com regências padronizadas. Em razão disso, o uso do vocabulário é também comum aos participantes, para que todos possam compreender o que é falado. O sujeito falante apresenta variadas nuances – como ser empírico do mundo, como sujeito de fala/discurso –, fontes da ação comunicativa, do coenunciador etc. A nomenclatura varia bastante conforme as lentes que se usa para a análise das práticas linguageiras. Isso implica que, nesta tese, trabalharemos com as perspectivas da linguística cognitiva e da linguística discursiva.

Essas interfaces são necessárias devido aos elementos constituintes que precisam ser considerados no estudo, quais sejam: o uso do Vegetal e seus efeitos na consciência, a doutrina veiculada na modalidade oral e a percepção que os associados têm sobre essa dupla dimensão presente nas práticas ritualísticas de que participam. Assim, há diálogos nas fronteiras dos campos dos saberes mobilizados neste estudo que possibilitam identificar a percepção dos associados quanto às práticas ritualísticas e linguageiras na UDV.

As experiências com a linguagem no campo ritualístico da UDV nos possibilitam refletir acerca das atitudes diante do ato de conhecer, pois, sob a visão cognitiva, podemos aceitar a capacidade de cada um como uma condição dada ou podemos questionar como é que se dá a aquisição do conhecimento. Para mim, como pesquisadora-participante, já que sou sócia da CEBUDV e analiso comportamentos a partir de rituais e concepções que compartilho, minha hipótese inicial é a de que os ensinos demonstrados pela palavra na oralidade, evidenciando, inclusive, a prática de vida do guia espiritual (Mestre Gabriel), aliados ao efeito do chá Hoasca (nomeada pelo Mestre "burracheira"), contribuem para transformações nas formas de falar e de agir dos participantes udevistas. Por meio da ampliação perceptiva, propiciada pelo efeito do Vegetal, bem como pela doutrina apresentada nas sessões, os sujeitos passam a realizar, gradualmente, algumas mudanças nos modos de (re)significar eventos e enunciados do seu cotidiano, o que corresponde, consequentemente, à construção de novos sentidos.

Segundo Maturana, (1998, p. 27), "quando a estrutura do sujeito muda, consequentemente, a maneira de se comportar nas relações também se modifica, bem como o linguajar". Nessa dinâmica, consideramos três elementos mobilizadores das transformações comportamentais que constituem a aprendizagem a partir do objetivo da UDV: o chá Hoasca (Vegetal), a palavra (doutrina) e o querer subjetivado de cada sujeito participante da religião.

A partir das experiências vivenciadas por cada indivíduo, as transformações que vão sendo realizadas na constituição do ser possibilitam uma aprendizagem com efeito expansivo, condutas que reverberam no meio em que esses sujeitos vivem. Isso pode ser verificado quando um(a) associado(a) passa a ter uma comunicação mais pacífica, uma conduta mais ética, honesta e solidária nos diferentes espaços da vida: em casa, no trabalho etc. Ressalta-se, ainda, que todo associado fica vinculado ao cumprimento de normas internas que orientam condutas, como uma forma de controle típico da religião.

Assim, é válido evidenciar que esse trabalho de desenvolvimento espiritual proporcionado pela UDV olha para o sujeito como um todo, de forma holística, considerando suas crenças, sua história de vida, suas experiências etc. Esse desenvolvimento, conforme o objetivo do CEBUDV, consiste em construir virtudes morais, intelectuais e espirituais, sendo que todo o trabalho realizado por meio do ritual nas sessões está associado ao desenvolvimento do espírito para a (auto)transformação humana.

2.5. O universo da pesquisa, suas particularidades e os sujeitos

Conforme o banco de dados da Plataforma Reuni da instituição pesquisada, a UDV possuía, no ano de 2023, cerca de 22.000 (vinte e dois mil) sócios no Brasil. Assim, o instrumento utilizado para a coleta de dados, no que se refere à percepção dos associados de núcleos brasileiros, é um questionário do *Google Forms* semiestruturado, cujo *link* foi disponibilizado na rede virtual da instituição, à qual os associados têm acesso.

Como dissemos, para a realização da coleta, o projeto deste estudo foi submetido à análise do CEP PUC Minas, que emitiu um parecer de aprovação, autorizando o seguimento da pesquisa. Esse Comitê exigiu também uma autorização da UDV, por meio do Termo de Anuência Institucional, para que se pudesse coletar os dados dos seus associados e proceder ao desenvolvimento da tese a respeito da linguagem na instituição. No início da coleta de dados, cada sujeito da pesquisa manifestou sua anuência, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), em que evidenciaram ciência sobre os aspectos relevantes da pesquisa de que voluntariamente participaram.

A escolha por utilizar o referido instrumento de coleta de dados consistiu nas possibilidades de o levantamento trazer resultados relevantes – tanto para a comunidade interna (UDV) quanto para a comunidade externa – no que se refere aos reflexos da linguagem na prática. Visamos evidenciar cientificamente a percepção das mudanças comportamentais dos associados a partir da ótica que eles têm do Centro e da forma como a palavra tem sido utilizada para o acesso ao conhecimento e de como este tem contribuído em diversos segmentos de suas vidas.

Na visão de Lakatos e Marconi (2003, p. 202), a

> [...] elaboração de um questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, a formulação das mesmas e tudo aquilo que se sabe sobre percepção, estereótipos, etc.

Assim, o questionário elaborado possui 25 (vinte e cinco) questões de múltipla escolha, mas com espaços para comentários opcionais pelos sujeitos da pesquisa. Conforme define Vieira (2009, p. 40-41), "o questionário pode ser da tipologia: binária, múltipla escolha e escala linear. A tipologia binária possui duas alternativas". Nas questões de múltipla escolha, são dadas ao sujeito da pesquisa várias opções de resposta para que ele próprio faça a escolha. A escala linear é estruturada com valores numéricos de 0 a 5, em que o sujeito manifesta o grau

de concordância desde o discordo totalmente (nível 1) até ao concordo totalmente (nível 5). Mede-se a atitude do sujeito somando-se ou calculando-se a média do nível selecionado para cada item. Utiliza-se também o tipo de questão com caixas de seleção para a escolha de várias opções disponíveis.

De maneira complementar às abordagens da linguística cognitiva e da linguística discursiva, fizemos a análise de conteúdo dos dados (coletados por meio do questionário) com uso do *software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Texte set de Questionnaires*), que realiza análises de unidades de sentido em *corpora* de textos de forma sistemática. Trata-se de um programa de informática que viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aqueles bem simples, como a lexicografia básica, que abrange a lematização e o cálculo de frequência de palavras, até análises multivariadas, como a classificação hierárquica descendente, a análise pós-fatorial de correspondências e as análises de semelhança. Por meio desse programa, a distribuição do vocabulário pode ser organizada de forma facilmente compreensível e visualmente clara, com representações gráficas pautadas nas análises lexicográficas. De acordo com Justo e Camargo (2013, p. 515), no *IRAMUTEQ*,

> [...] estas análises podem ser realizadas tanto a partir de um grupo de textos a respeito de uma determinada temática (*corpus*) reunidos em um único arquivo de texto; como a partir de tabelas com indivíduos em linha e palavras em coluna, organizadas em planilhas, como é o caso dos bancos de dados construídos a partir de testes de evocações livres. Uma das suas grandes vantagens deste programa é a de que ele é uma ferramenta gratuita, desenvolvida sob a lógica do código aberto, que consiste num modelo colaborativo de produção intelectual que permite que programas sejam livremente usados, modificados e compartilhados.

Em outras palavras, tendo em vista que a abordagem deste estudo se caracteriza, predominantemente, pela tipologia qualitativa, buscamos realizar a interpretação dos dados considerando a análise de conteúdo a partir de um processo sistematizado dos comentários no *IRAMUTEQ*. Nesse sentido, consideramos os apontamentos de Bardin (2011, p. 47), que define esse tipo análise como

> [...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Na visão da autora, esse tipo de análise possibilita uma investigação que analise o que foi dito, com base em concepções em torno do objeto de estudo, sem perder de vista três fases. A primeira é a "pré-análise", que corresponde à organização do conteúdo, à sistematização de

ideias, a leituras, a escolhas da forma de tratamento de dados etc. A segunda fase trata da "exploração do material", que consiste na categorização do conteúdo diante das concepções teóricas, ou seja, da codificação do estudo. Conforme Bardin (2011), essa fase pode revelar desmembramentos ou agrupamentos/reagrupamentos de unidades de registro de texto. Esses processos propiciam a construção de analogias significativas da estruturação das categorias mobilizadas para análise. Por se tratar de um processo sistematizado por meio do referido *software*, a frequência ou repetições de palavras pode se configurar como um elemento de codificação para a apresentação da forma dos resultados na fase seguinte. A terceira fase compreende o tratamento dos resultados em si, ou seja, diz respeito à realização de inferências, de interpretações. Segundo Bardin (2011), essa fase requer do pesquisador a busca pela significação de mensagens, bem como uma postura crítico-reflexiva. Os processos de análise de conteúdo, segundo essa concepção, nos mostram que é necessário que o pesquisador faça uma apropriação dos conteúdos de forma sistemática, visando a interpretação e a produção de conhecimento sobre a percepção dos sujeitos, movimento fundamental na face metodológica da pesquisa.

Além da descrição conceitual dessas fases, Bardin (2011) elenca alguns princípios balizadores no processo de sistematização dos dados, quais sejam: a) a exaustividade, quando não há omissão de dados; b) a representatividade, que representa o universo do objeto de estudo; c) a homogeneidade quanto ao tema objeto de análise, que, no nosso caso, é a linguagem na percepção dos sujeitos de um contexto particular; e d) a exclusividade, que consiste na classificação em única categoria.

Para Sousa e Santos (2020, p. 1398), a "análise de conteúdo contribui para que a descrição e interpretação do conteúdo de pesquisa, submetidas a um processo de sistematização e categorização rigorosa dos dados, conduzam o(a) pesquisador(a) a respostas válidas e confiáveis na pesquisa qualitativa".

Diante desses critérios, nossa abordagem qualitativa considera o universo de significados, crenças, valores e atitudes no campo dos fenômenos de interação não reduzidos, ao que Minayo (2010) chama de mera operacionalização de variáveis quantitativas. A abordagem qualitativa com esse manejo sistemático nos oportuniza, de forma complementar, atribuir significado relevante aos dados, no sentido de olhar "como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas" (Bogdan; Biklen, 1994, p. 50). Isso significa metodologicamente, segundo esses autores, que o investigador pode interpretar o mundo com base nas interações e construir significados por meio de interações e partilha de experiências.

Com o *IRAMUTEQ*, é possível fazer uma interpretação sistemática (veremos no capítulo 7), podendo realizar análises multivariadas, como a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que consiste na decomposição de palavras com maior frequência; a Análise Pós-Fatorial de Correspondências (AFC), que consiste na identificação da conexão entre as palavras nas unidades de texto; e as Análises de Similitude, que consiste na visão global dos dados processados com os textos. Segundo Justo e Camargo (2013), a CHD viabiliza a análise lexical do texto, oferecendo contextos (classes lexicais), que são apresentados por vocabulário específico e pelos segmentos de textos que compartilham esse vocabulário. Trata-se de

> [...] um método interessante para exploração e descrição dos dados. Seu objetivo é identificar semelhanças e dessemelhanças estatísticas das palavras, a fim de identificar padrões repetitivos de linguagem. E sua principal vantagem é a de o pesquisador poder obter uma visão geral de um volumoso *corpus* de dados em um curto espaço de tempo (Justo; Camargo, 2013, p. 13).

Justo e Camargo (2013) explicam que o tratamento de dados nesse sistema possibilita a AFC com unidades textuais, o que possibilita a identificação quantitativa de elementos importantes para revelar relações entre variáveis, ou seja, são apresentadas variáveis inter-relacionadas entre si. Os autores afirmam ser possível evidenciar "as afinidades entre certas linhas e colunas de uma matriz de dados" que "se baseiam na independência entre as linhas e colunas da tabela. O resultado é a representação gráfica simultaneamente de várias variáveis em torno de um mesmo objeto" (Justo e Camargo 2013, p. 15).

A análise de similitude apresenta a identificação das co-ocorrências entre os elementos, indicando conexão entre as palavras e auxiliando na identificação da estrutura do *corpus* textual. Dessa forma, distingue também as partes comuns e suas especificidades em função de variáveis descritivas identificadas na análise.

O tratamento de dados, conforme evidenciado, realiza os seguintes processos: o sistema mapeia as ocorrências das palavras, seleciona os segmentos de texto e os inscreve em classes distintas. Além disso, realiza a identificação das palavras-formas e das formas presentes e ausentes em cada segmento de texto, para, finalmente, aproximar os segmentos de texto que apresentam comportamentos semelhantes. Assim, o *IRAMUTEQ* sistematiza os dados por meio da ocorrência das palavras e da conexão estabelecida entre elas no texto numa configuração de unidades de sentido. Diante disso, a escolha desse *software* é devida às possibilidades de um detalhamento minucioso das palavras contidas nos textos dos campos dos comentários, o que possibilita uma maior fidelidade dos resultados para a análise.

Faz parte, ainda, dessa dinâmica investigativa a observação de que se trata de "uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar" (Lakatos e Marconi, 2003, p. 190). Dessa forma, por meio do instrumento de coleta de dados, cada objetivo proposto foi um guia para ampliar as lentes de estudos e as reflexões acerca das percepções manifestadas pelos sujeitos de pesquisa.

A observação da pesquisadora, que também é integrante da instituição, comporta, em certa medida, um caráter etnográfico, pois possibilita uma relação de imersão com o tema, mediante a experiência vivenciada. Na visão de Spink (2008), a imersão do pesquisador acontece no sentido campo-tema, podendo ser central, periférica, mais ou menos densa. A central propicia um aprofundamento mais atrelado a um dado identificado com a experiência. A periférica abrange diferentes olhares aos dados identificados com a experiência, de caráter interdisciplinar. Já a densidade está relacionada aos construtos mobilizados na abordagem, ou seja, às percepções articuladas na ponte teoria-experiências, de modo que, quanto mais diálogo houver entre os estudos com os elementos percebidos, mais denso se torna o estudo.

Nesse sentido, as experiências podem abranger situações comunicativas que "acontecem em filas de ônibus, no balcão da padaria, nos corredores das universidades; outras são mediadas por jornais, revistas, rádio e televisão" (Spink, 2003, p. 29). Em razão disso, consideramos, para a análise, as experiências da pesquisadora em momentos para além do ritual, em que podem ser observadas formas de interação na comunidade durante conversas nos movimentos festivos do Centro, nos preparos do Vegetal[3] e na realização de diversas atividades no âmbito da UDV.

Quando se trata de construção de sentidos, os significados e os modelos que construímos fazem parte da nossa imersão no mundo conforme o que sentimos, segundo nossas sensações (Merleau-Ponty, 2006). Assim, podemos entender que somos afetados como seres imersos no mundo e esses afetos constituem a corporeidade na produção de experiências, o que faz com que as perspectivas epistemológicas do estudo se relacionem às singularidades da relação entre o pesquisador e o campo. Por essa razão, Merleau-Ponty (2006) afirma que esse processo

[3] As atividades de interações na UDV não se restringem aos cultos religiosos, pois realizam-se festas em datas reconhecidas pela comunidade como comemorativas, tais como dia de São João, de São Cosme e São Damião, Natal e outras referentes à história do Centro, como a data de aniversário do Mestre Gabriel, da União do Vegetal, etc. Além disso, realiza-se o preparo do chá, em que os sócios se reúnem em seus Núcleos para fazer todas as atividades.

performa a pesquisa, uma vez que os afetos influenciam as escolhas teórico-metodológicas e, consequentemente, a forma de discutir os elementos de análise.

O percurso metodológico, com essas faces, mostra os desafios de um estudo marcado por afetos, mas também por dimensões científicas balizadoras das discussões propostas, pois, ainda que discorra sobre aspectos que envolvem noções subjetivas no que tange à detecção dos sentidos, a partir de percepção dos sujeitos da pesquisa, é possível conceber novos movimentos interpretativos, já que se trata de uma abordagem predominantemente qualitativa. Esses movimentos interpretativos reverberam nas abordagens desenvolvidas neste estudo, visto que se manifestam a partir de lugares que ocupo na vida, como o de pesquisadora de base interdisciplinar, de sócia pertencente ao Corpo do Conselho da UDV,[4] dentre outros.

Considerando os apontamentos de Alves-Mazzotti (1991), as pesquisas de predominância qualitativa podem assumir um menor ou maior grau de estruturação prévia. Nas pesquisas em menor grau de estruturação, não se realizam processos descritivos e exploratórios, por fazerem recortes numa dimensão mais específica, predominando, muitas vezes, a natureza essencialmente bibliográfica. O presente estudo se caracteriza como de maior grau de estruturação, pois parte de uma abordagem teórica no que se refere à utilização da linguagem para a transmissão da doutrina, mediante o consumo (a mediação) do Vegetal, e vai ao plano da percepção evidenciada pelos sujeitos acerca da linguagem utilizada/recebida nas práticas ritualísticas, o que contribui para a construção de sentidos. Esse caráter de estruturação apresenta abordagens que, muitas vezes, ultrapassam as fronteiras das dimensões estritamente linguísticas e ampliam, a partir da perspectiva teórica, a reflexão baseada no aporte de diferentes ramos do saber humano – como a linguística cognitiva – para a análise dos dados obtidos mediante o uso de instrumentos de coleta específicos. Desse modo, partimos das contribuições teóricas para a análise de dados coletados por meio de questionários, tendo como sujeitos de pesquisa os associados do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

Como mencionado, este estudo se configura também como uma pesquisa participante, de cunho etnográfico, tendo em vista que sou sócia do Centro e compartilho, no estudo, com observações e reflexões que se dão a partir das experiências vivenciadas ao longo dos 19 anos de participação nos rituais religiosos da UDV. O aspecto etnográfico constitui-se por um estudo interpretativo a partir de observação participante. Na visão de Mattos e Castro (2011), a etnografia possibilita entender, de forma holística, as percepções e os comportamentos na rotina diária de grupos sociais ou pessoas, a fim de elucidar o significado do cotidiano no qual o ser

[4] O(a) associado(a) pode ocupar graus hierárquicos na UDV. Pessoas do Corpo do Conselho compõem a Direção dos trabalhos da UDV.

humano age. Segundo as autoras, “o objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação” (Mattos; Castro, 2011, p. 51).

Nesse sentido, é possível observar e descrever aspectos culturais (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens e significados) de determinada comunidade, cuja etnografia se caracteriza como passiva. Esse tipo etnográfico pode se realizar por iniciativa do próprio grupo observado, e não tem o objetivo de alterar os aspectos da vida da comunidade. As experiências vivenciadas como participante, aliadas a estudos acerca da linguagem para a consecução dos objetivos (direcionados à compreensão da percepção da formação humana a partir de práticas linguageiras presentes no âmbito religioso), conduzem a reflexões e a posições valorativas. Nesse aspecto, Gil (2008, p. 56) enfatiza uma particularidade relevante da pesquisa participante, já que

> [...] envolve a distinção entre ciência popular e ciência dominante. Esta última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutenção do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar a realidade, sobretudo, a partir dos recursos que a natureza lhe oferece.

Essa particularidade se torna mais clara na realização de um dos objetivos propostos, que é descrever as práticas ritualísticas no CEBUDV, as quais se alicerçam na simplicidade com que os sujeitos de diferentes classes econômicas, sociais e faixas etárias interagem, compartilhando conhecimentos e realizando atividades integradas ao meio ambiente, a partir da doutrina religiosa de origem cabocla. Assim, a ciência popular, nas palavras de Gil (2008), é uma arena que contribui para esse olhar sensível e científico de que a construção do conhecimento de diferentes áreas do saber pode ser disseminada no campo da educação informal, como a esfera religiosa, para essa construção de conhecimentos segundo sentidos e valores atribuídos por seus sujeitos.

Todavia, essa face metodológica impõe alguns desafios ao pesquisador: os limites valorativos, a apresentação de crenças e a visão crítico-científica; a sócia da UDV e a pesquisadora; e a percepção identificada na coleta e a interpretação pela ciência popular. Com base nesses desafios, o percurso da pesquisa requer um olhar cuidadoso, no sentido de evitar posições negligentes quanto aos princípios metodológicos a serem cumpridos na seara científica. Devido aos afetos construídos pela sócia com o objeto de pesquisa, a pesquisadora precisa ficar alerta em relação às normas do campo científico no desenvolvimento do estudo. Além disso, de uma forma geral, podemos destacar que o pesquisador fica sujeito ao surgimento

de vieses manifestados na forma de estereótipos, se não houver planejamento da aplicação de cada estratégia metodológica adotada.

Para minimizar esses desafios, busca-se, neste estudo, a construção de fronteiras no desenvolvimento de reflexões e diálogos com os estudos existentes, no sentido de balizar onde se encontra a sócia da UDV e onde se posiciona a pesquisadora, bem como suas escolhas teóricas para fundamentar e mobilizar o que se pretende com o estudo.

2.6. Dimensões linguísticas do objeto de estudo

A construção de sentidos é um processo complexo, que envolve atividades sociocognitivas diversas, responsáveis pela construção da significação textual, seja ela oral ou escrita. Isso implica dizer que se trata de uma prática humana sempre renovada, já que é co-construída entre os interlocutores, o que demanda um olhar holístico tanto para o contexto de enunciação quanto para a materialização discursiva, no nosso caso, sobretudo, os enunciados que evidenciam as percepções apresentadas pelos associados nos comentários realizados a partir das questões propostas no questionário. Para Koch (2003, p 7),

> [...] as teorias sócio-interacionais reconhecem a existência de um sujeito planejador/organizador que, em sua inter-relação com outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções sócio-culturais. Isso significa que a construção do texto exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas, os quais, em seu inter-relacionamento, serão responsáveis pela produção de sentidos.

As marcas discursivas a que se refere Koch nos interessam por mostrarem indícios de como os associados representam a si, aos outros e à sua participação nos eventos ritualísticos, que se realizam predominantemente sob a forma de preleções orais. No intuito de alcançar os objetivos propostos, consideramos necessário buscar, no âmbito da dimensão linguística, alguns aportes teóricos que tratam da significação em práticas discursivas, como evidenciamos no início deste capítulo. A ideia de recorrer, simultaneamente, a duas linhas teóricas, uma abordagem da linguística cognitiva e uma da linguística discursiva, ligada à análise do discurso, deve-se ao ponto de interseção entre elas, que é o significado que reflete nas atividades humanas, sobretudo no que se refere a crenças, (auto)imagens, expectativas, formas de pensar, as quais, consequentemente, direcionam as formas de agir.

Diante disso, a abordagem relacionada ao discurso nos possibilita refletir sobre os aspectos do sentido que se *depreendem das* e que *se fixam nas* práticas linguageiras da UDV, pois o discurso sob a ótica semiológica, a qual utilizamos neste estudo, revela particularidades importantes. Há uma introjeção não passiva da palavra que permeia a construção de valores e que, consequentemente, contribui para mudanças comportamentais. Essas particularidades consistem na prática de preceitos e ações em conformidade com os ensinamentos da UDV. Assim, os efeitos de sentido co-construídos são a base do aprendizado religioso e, simultaneamente, são os norteadores das relações intersubjetivas, seja no Centro, seja na vida exterior a ele. Assim, nossa hipótese é de que o sentido construído nas práticas ritualísticas a partir de experiências individuais e coletivas (plano simbólico), refletidas nas escolhas de estruturas morfossintáticas, de forma mais ampla, não aleatórias (plano linguístico), é o responsável por alterações comportamentais de conduta que são percebidos pelos associados em seu cotidiano. Assim, a construção de sentido em (re)significações possibilitam a transformação de comportamentos (veremos alguns exemplos no Capítulo 7).

Nesse aspecto, é possível entender e discutir o ato da linguagem como um fenômeno na UDV, que utiliza, além da palavra, o Vegetal como instrumento de amplificação dos sentidos, envolvendo mobilizações psíquicas por meio da ação psicoativa. Além disso, nos coloca em contato com as características do discurso religioso em contraponto com as marcas linguísticas presentes nas percepções relatadas pelos sujeitos da pesquisa.

Isso significa que, devido às múltiplas nuances da palavra reveladas, podemos verificar alguns aspectos das formas de os participantes representarem o mundo do qual fazem parte e aspectos subjetivos construídos no movimento interacional estabelecido entre interlocutores no contexto da UDV. Esse movimento analítico mostra elementos adjacentes decorrentes da interação entre interlocutores, interpretados a partir de sua visão pessoal do que lhes ocorre nas práticas ritualísticas, ou seja, a perspectiva da percepção decorrente da interação que se trava na realização de práticas discursivas no âmbito religioso, na UDV.

Linguisticamente, isso nos revela o que Charaudeau (1983, p. 7) chama de "mecanismos da comunicação através de seus contextos, das situações, do conhecimento dos interlocutores e das interpretações possíveis". Os elementos adjacentes são compostos pelo ambiente, pelo conhecimento, pelas crenças, pelos valores que cada interlocutor carrega em si e pelo contexto da interação. O resultado de cada interação pode ser, muitas vezes, determinado por esses elementos. Dessa forma, a análise linguística nos ajuda a perceber como as pessoas transferem significados de um campo para outro e como fazem a apreensão e a compreensão (atribuição de sentidos) do que ouvem na UDV a partir do que já trazem em sua bagagem. As experiências

ressignificadas são a base de possíveis alterações de comportamento, de conduta, pois são co-construídas sociocognitivamente.

Para além das faces metodológicas da pesquisa, é necessário seguirmos adiante apresentando uma abordagem acerca das concepções de linguagem, de sentido e de espiritualidade, pois as consideramos importantes para compreendermos o percurso da pesquisa em torno do seu objeto.

3. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

O campo de estudo que envolve a linguagem requer revisitas ao percurso histórico, já que possibilita compreender a trajetória de concepções em diferentes épocas e civilizações. Kristeva (1969) apresenta a linguagem como substância e força material nas sociedades primitivas, em que não se distingue matéria de espírito e real de linguagem.

Devido ao fato de a linguagem ser intrínseca à manifestação da ciência, notamos que esse tema não é objeto de estudo exclusivo de linguistas, pois, historicamente, a linguística ocidental é discutida, incialmente, por Platão, em Atenas, filósofo pioneiro em apresentar reflexões acerca da linguagem. Segundo Weedwood (2002), registra-se que, até 1900, o pensamento filosófico já colocava a linguagem em torno das discussões do estudo do homem, o que influenciou a linguística nos aspectos geográfico e temporal.

No plano geográfico, houve tentativas de ligar tradições linguísticas, em ordem cronológica, à China, à Grécia e à Roma. No aspecto temporal, a trajetória da linguística foi marcada por mudanças conceituais a partir do século XV, na transição da Antiguidade para a Idade Média. Àquela época, a linguagem era entendida como a principal ferramenta para se entender a realidade, sobretudo, por meio da religião, em que se evidenciava a valorização da forma, da antiga gramática e, assim, havia a busca pelo conhecimento como elemento universal e eterno, como princípio básico para os fenômenos terrenos. Weedwood (2002) destaca, ainda, as mudanças de visões pré-renascentistas a pós-renascentistas.

As pré-renascentistas se caracterizam pela visão racionalizada da linguagem, devido às influências que cada civilização tem, que se refletem sobre sua cultura e, consequentemente, seus modos de pensar e de discursivizar suas práticas. Destacam-se, na Grécia, duas visões predominantes da linguagem, sendo uma como fonte de conhecimento, e a outra, como meio de comunicação. Na visão greco-filosófica, estudavam-se "as causas que subjazem ao ambiente físico e cosmológico do homem, os filósofos pré-socráticos identificaram duas forças vitais: *physis*, a natureza, o poder inexorável que governa o mundo visível; e *nómos*, a crença, costume ou lei instituída por ação divina ou humana" (Weedwood, 2002 p. 20).

Nessa visão, indagava-se sobre a relação existente entre as palavras e o objeto designado, não se obtendo um consenso estabelecido acerca da arbitrariedade como elemento convencional na constituição da linguagem ou decorrente da ação divina ou humana. Isso mostrou a obscuridade quanto aos estudos do conceito e do funcionamento da linguagem.

A visão romana utilizou-se do pensamento grego acerca da linguagem para refletir sobre os processos de categorização, destacando a codificação e a transmissão de formas como

constituições gramaticais. Surge, então, o conceito de etimologia como explicação semântica, em meio a dicotomias da função da natureza e da convenção na origem das palavras, bem como da analogia e da anomalia na regulação do discurso. Na tentativa de resolver problemas obscuros sobre o funcionamento da linguagem, o estudo etimológico de palavras pautava-se segundo as categorias *corpus* (o objeto físico), *locus* (lugar) e *actio* (ação).

Weedwood (2002) explica que a reflexão antiga e medieval sobre a palavra se caracterizou pela relutância em levar em conta o aspecto físico da língua e que, de maneira geral, a busca do conhecimento se baseava na dimensão universal e eterna, e nos princípios de transcendência para a explicação de fenômenos terrenos, sendo que a observação empírica seria apenas um elemento de exemplificação dos princípios estabelecidos. Segundo a autora, a forma etimológica de significar buscava

> [...] explorar os recursos de formação de palavras do latim para acomodar suas sutis apercepções (inventou o verbo *vidare "ver* com os olhos do espírito", para contrastar com o mais usual *videre*, "ver com os olhos físicos"), empregava a tradicional *ars grammatica* como um arcabouço para mostrar como a linguagem das Escrituras apontava *ad subhmiora*, "para coisas mais elevadas" (Weedwod, 2002 p. 52).

O percurso histórico, até o século XIX, em que os estudos da linguagem são constituídos, retrata as perspectivas universal e particular nas formas de se conceber a língua. Há um destaque para o período renascentista, por demarcar esses diferentes focos na concepção de língua e a caracterização de gramáticas como a valorização da forma e dos aspectos descritivos da tradição clássica.

A visão pós-renascentista destaca interesses diversificados em se tratando da linguagem, como a lógica e a retórica, e o método comparativo com foco na análise de línguas particulares e na identificação da sua origem ao serem comparadas entre si. Por outro lado, estabeleceu-se um foco universalista em aspectos fonéticos, influenciando os estudos acerca das mudanças linguísticas.

Weedwood (2002, p. 113) afirma que, no século XX, "vamos encontrar a mesma tensão das épocas anteriores entre o foco 'universalista' e o foco 'particularista' na abordagem dos fenômenos da língua e da linguagem". A autora apresenta as dicotomias *langue* e *parole*, e os conceitos de significado e significante apresentados por Saussure, bem como as noções de competência e desempenho, e de estrutura profunda e estrutura de superfície, de Chomsky. Essa tensão, na visão da autora, corresponde aos elementos abstrato, universalista, sistêmico e formal, sendo *langue*, para Saussure, e competência, para Chomsky.

Essas dicotomias marcaram o campo dos estudos da linguagem a partir do século XX. Na perspectiva estruturalista, Saussure (1972, p. 16-17) conceitua a linguagem como

> [...] instituição atual e produto do passado. A linguagem é multiforme e heteróclita, o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

A linguagem, nessa perspectiva, se constitui na capacidade humana de desenvolver e de compreender a língua, e possui uma dimensão individual e uma dimensão social. Já a língua é concebida como o "produto social da faculdade humana e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos" (Saussure, 1972, p. 17).

Com base nos conceitos saussurianos, "língua (*langue*) é um sistema de signos que exprimem ideias" (Saussure, 1972, p. 24). A língua consiste na forma que comporta valores e constitui-se nas suas relações com outros elementos do sistema, não por seu conteúdo. O signo é denominado como imagem acústica, estabelecendo um vínculo entre o conceito e o som de uma palavra. Pelo caráter psíquico, a imagem se torna representação do som, revela sentidos e possibilita distinções no ato de significar. Nessa visão, a língua é classificável, enquanto a linguagem não, pela impossibilidade de se identificar sua unidade.

Saussure (1972) introduz a proposição de significado e significante ao explicar que o signo corresponde ao total resultante da associação arbitrária entre um significante e um significado, e denomina o pensamento como uma massa amorfa que não se vincula à massa fônica, por esta não oferecer fixação. Nesse sentido, tanto o significado quanto o significante são criados pela língua, pois a imagem acústica se torna veículo da imagem fônica. Podemos exemplificar com a ideia de que a palavra "caneta" representa um objeto para escrever, mas essa relação é social, arbitrária.

A partir dessa concepção, a fala (*parole*), para Saussure (1972), é a manifestação da inteligência do indivíduo na utilização da língua, é a expressão do pensamento realizada pelo falante, sendo que esse processo é possibilitado pelo mecanismo psicofísico das combinações no uso do código. Assim, Saussure (1972) defende que a fala é parte secundária da linguagem, e os signos, que comportam a frase e os significados construídos, consistem-se em atos individuais. Podemos entender que a proposição saussuriana concebe a linguagem como um campo maior, geral, em que a língua se caracteriza pela particularidade e, a fala, pela individualidade.

Outro ponto de vista acerca da linguagem é proposto por Chomsky, ao buscar identificar elementos mentais integrados ao modo de utilização da língua(gem). Essa proposição de caráter mentalista apresenta a competência como uma capacidade psicológica. Na visão de Chomsky (2005, p. 36), a linguagem é concebida como "um sistema complexo de regras, cada uma delas específica de línguas e de construções gramaticais particulares". Nessa visão, compreende-se que o ser humano traz a capacidade inata consigo desde a sua infância e, assim, a existência de conhecimento requer a existência de uma representação mental, mediadora na relação epistemológica entre sujeito e objeto.

Nessa perspectiva, a competência linguística é tida como o conhecimento mental e inato, dotado de regras formais e sintáticas (gramaticalidade), e o desempenho, como o uso da língua nas situações comunicativas. A partir desse caráter inatista, Chomsky (2005, p. 66) denomina a língua como "uma propriedade (descrita de maneira limitada) do cérebro, um elemento de estados transitórios da faculdade da linguagem relativamente estável".

Essas abordagens trazidas até aqui mostram a base com que o conhecimento da linguagem se estruturou historicamente. E, neste estudo, é preciso considerar a língua em uso, pois entendemos que a linguagem integra a cognição humana e comporta elementos como a percepção e a atenção no processo de construção de sentidos. Assim, recorremos à linguística cognitiva, já que ela comporta a interdisciplinaridade e possibilita a observação de fenômenos ligados a crenças, à mente humana, aos sentimentos, aos comportamentos (re)significados por meio de práticas discursivas e à forma de expressão do que se percebe, como se mostra a seguir.

3.1. A linguagem na visão da linguística cognitiva

Abordar a linguagem a partir da visão da linguístico-cognitiva requer um olhar cuidadoso para o indivíduo e o mundo, bem como para as possíveis simbolizações no ato de conhecer e expressar. Esse olhar considera a linguagem não de forma modularizada, mas, sim, integrada a diversos aspectos da cognição, ao domínio do sentir, às experiências, aos aspectos sociais da interação etc. Segundo Martelotta e Palomanes (2008, p. 181), "a linguística cognitiva propõe uma mudança de perspectiva no estudo da linguagem, colocando os usuários da língua no centro da construção do significado". Isso implica que o percurso dessa abordagem considera a percepção, a relação do homem com o mundo e os significados no processo de cognição humana. Essa relação constitui um operar no mundo, um constituí-lo e ser constituído por ele, em que conhecimentos linguísticos e não linguísticos, assim como corpo e mente, são elementos estudados de forma integrada.

Os estudos de Maturana e Varela (2001, p. 244) contribuem para entendermos aspectos da cognição humana, ao defenderem que “o processo de conhecer, na condição de fenômeno cognitivo, é muito mais amplo do que a concepção do pensar, do raciocinar e do medir”. Os autores explicam que a cognição humana se alicerça em três elementos constitutivos: percepção, emoção e ação, e que tais elementos propiciam a constituição da razão humana, por meio de um sistema perceptivo mediado pelas emoções e operado pela ação.

Podemos compreender que cognição e linguagem são imbricadas na existência e constituição do ser. Nesse sentido, a operacionalização do conhecer ocorre pela linguagem, que é parte constitutiva da ação humana. A partir disso, é pertinente olhar a construção de significados considerando a relação da linguagem com a percepção, a atenção e a memória. Essa relação pode revelar aspectos da comunicação humana como exemplos de expressão de sentimentos, pensamentos e outros aspectos relacionados à mente, o que consequentemente, influencia as ações dos sujeitos.

A percepção é elemento crucial para a cognição humana, consiste nas “atividades mentais que envolvem a aquisição, a codificação, a transformação e o emprego das diferentes formas de conhecimento e de experiências sensório-perceptuais” (Cavalcante, 2007, p. 4). As relações envolvidas na percepção revelam que ela é influenciada pelas vivências e contextos experienciados pelo indivíduo no decorrer de sua história de vida. Esses processos perceptivos envolvem uma conjuntura de elementos que constituem o sujeito, pois estão vinculados a aspectos sensoriais nas diferentes dimensões: visual, olfativa, tátil, gustativa, temporal e espacial. Cada uma dessas dimensões singulariza as experiências individuais. Nesse sentido, podemos entender que a cognição depende de todos os processos mentais, das formas de como percebermos o mundo.

A percepção envolve, portanto, a interpretação de sensações e lhes oferece sentido e organização (Matlin; Foley, 1997). Isso nos possibilita compreender a visão de Cavalcante (2007, p. 4), de que “o processo perceptivo humano ativa as habilidades cognitivas de reconhecimento e compreensão de objetos (concretos ou abstratos) com os quais temos familiaridade ou aos quais somos expostos pela primeira vez”. A partir da percepção, o processo de dar foco a algum aspecto percebido é realizado pela atenção.

A atenção é um dos processos cerebrais presentes na operação dos mecanismos dinâmicos da consciência, e pode significar tanto um filtro (Kandel, 2009) quanto um feixe de luz (Myers, 2012). Nessa visão, nossa atenção não é um processo individual, mas um grupo de subprocessos da atenção.

A partir desse conceito, entendemos que a atenção tem o significado de dar foco a determinado aspecto e deixar de lado outros. Endo e Roque (2017, p. 79) afirmam que a "atenção é a capacidade de dirigir a consciência a um estímulo, concentrando sobre este toda a atividade consciente. Assim, a atenção é a capacidade de focalização da consciência". Nessa mesma direção, Mezzasalma e Tavares (2003) consideram que a atenção é um processo fundamental na experiência constitutiva da consciência dos seres vivos. Sua participação se dá nos processos de acúmulo de conhecimento, e, nesse aspecto,

> [...] a atenção é um atributo intelectivo, visto que está intimamente relacionada com os processos do conhecimento, sendo imprescindível a todas as fases do esforço mental. **É indiscutível a influência da afetividade e de aspectos motivacionais na gênese do processo atentivo, já que necessita de interesse do indivíduo**. A atenção é uma atividade da consciência e, para manter ou mesmo para aparecer o processo atentivo, é necessária a integridade da consciência. **Toda alteração da consciência leva à alteração da atenção**. Porém, a recíproca não é verdadeira e nem toda alteração da atenção é resultado de distúrbios da consciência (Mezzasalma; Tavares 2003, p. 272, grifos meus).

Diante disso, podemos entender que as sensações, as memórias se ligam ao processo do pensamento, formando a atenção, que, por sua vez, conduz a outros processos automáticos, que resultam nas ações. Essas ações são de propriedades seletivas dos movimentos cognitivos no processo de atenção.

A atenção que cada um desenvolve para aprender, ouvir, ver etc. está diretamente ligada ao processo perceptivo. Em razão disso, Koch (2019) indica que a atenção tem uma função importante, uma vez que nos assegura o privilégio perceptivo. É papel da atenção a atividade perceptiva seletiva, e é por meio desse processo cognitivo que temos a possibilidade de escolher um estímulo relevante e, em consequência, dar-lhe uma resposta. Para isso, a atenção tem que ser despertada e mantida, o que exige a influência da afetividade e dos aspectos motivacionais para despertar o interesse do indivíduo.

Essas noções de percepção e atenção correspondem a processos cognitivos que revelam a singularidade de como a realidade aparece para cada indivíduo. Em consonância com as ideias de Maturana (2001), as estruturas cognitivas envolvem dois elementos, um que consiste no fator biológico do ser humano, que viabiliza a natureza do sentir e as experiências peculiares de cada indivíduo, e o outro que envolve o sistema nervoso, que se compõe por uma ampla plasticidade cerebral e contribui para a aprendizagem, para os processos de interação entre os seres humanos.

Essas estruturas viabilizam a cognição e seu funcionamento integra o sistema do domínio subjetivo, caracterizado pelas abstrações, responsáveis pelas significações ligadas aos atos de linguagem. Nessa perspectiva, Maturana (2001, p. 24) conceitua a linguagem como "o

domínio de coordenações consensuais de conduta que exige uma convivência constituída na operacionalidade da aceitação mútua, em um espaço de ações que envolve constantemente coordenações consensuais nessa operacionalidade".

O autor defende a ideia de que a linguagem se estabelece no mundo da vida, no fluir das condutas, em que as palavras ditas estejam em consonância com as ações de quem diz, que traduz a existência na convivência com os resultados dos dizeres, configurando o existir *na/pela* linguagem. Esse conceito de linguagem destaca a experiência humana a partir de processos mentais e de abstrações de significados como forma de o indivíduo poder transformar a si mesmo e a seu contexto social.

Segundo Martelotta e Palomanes (2008, p. 181), o processamento da experiência humana

> [...] tem como consequência a construção do significado, que é um processo interacional que envolve a compreensão de sua importância para a construção do sentido do que pensamos, falamos e fazemos – ou seja, não apenas do "conteúdo" da interação, mas também de sua dinâmica e gestão.

Para Maturana (2001), esse aspecto da experiência se destaca pela ação vinculada à emoção, pois a construção de significados se realiza por um operar no aqui-agora. E as interações fazem parte do operar no mundo pelo indivíduo, visto como um ser de linguagem integrado por domínios biológico, psicossocial etc. Segundo Maturana (2001, p. 129),

> [...] é a emoção sob a qual agimos num instante, num domínio operacional, que define o que fazemos naquele momento como uma ação de um tipo particular naquele domínio operacional. Por este motivo, **se queremos compreender qualquer atividade humana, devemos atentar para a emoção que define o domínio de ações no qual aquela atividade acontece e, no processo, aprender a ver quais ações são desejadas naquela emoção** (grifos meus).

A emoção, sob essa perspectiva de delinear as ações, está associada ao aspecto social, pois pressupõe a interação, a construção de pertença, bem como a estruturação psicossocial nas relações humanas. Em razão disso, Maturana (1998) defende que o amor é a emoção fundamental do social, está na instância de condutas e propicia a aceitação do outro na convivência como legítima. O autor amplia essa função da emoção ao afirmar que "não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato" (Maturana, 1998 p. 23). Essa visão do autor nos possibilita entender que a aceitação do outro pode abranger escolhas relacionadas a diversos segmentos da vida, como, por exemplo, a construção de

afinidades com algum tipo de ideia, estilo de vida e pertencimento a algum grupo social, que se alicerçam no processo de significação.

A partir do processo de significação, a maneira singularizada de o indivíduo expressar-se nas interações pode revelar faces subjetivas da linguagem na forma de metáforas, entendidas, conforme Lakoff e Johnson (1980), como um fenômeno cognitivo de domínio abstrato decorrente de interpretação das experiências que se realizam linguisticamente sob diversas formas de expressão. Esse conceito considera a metáfora um importante elemento para entendermos a forma de o indivíduo compreender e se expressar, não se restringindo ao sentido figurado como ornamento do discurso, ou seja, na visão dos autores, possibilita a expansão de significados de palavras além do literal, bem como de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos. Lakoff e Johnson (1980, p.185-186) argumentam que as metáforas "expressam as maneiras de se compreender experiências, dão origem às nossas vidas" e, portanto, "são necessárias para dar sentido ao que acontece em torno de nós". O processamento da metáfora acontece pelo sistema conceitual humano, em que é produzido de forma automática e inconsciente no momento da elocução, e, por isso, se torna convencional no funcionamento da língua.

Ao considerarmos as experiências subjetivas no domínio das emoções, podemos entender que as expressões linguísticas se constroem sobre metáforas, pois os efeitos de sentido pretendidos nos atos de linguagem demonstram a transposição de significado entre diferentes domínios. A partir dos apontamentos de Lakoff e Johnson (1980), as metáforas passaram a ser compreendidas como mapeamentos entre domínios conceituais, que fazem com que os conhecimentos sejam levados de um domínio-fonte para um domínio-alvo, por meio de inferências, de resultados de experiências no uso da linguagem.

> Não é possível analisar individualmente toda a riqueza de formas de expressão utilizadas pelos respondentes desta pesquisa, dada a extensão do *corpus*, mas esperamos ter evidenciado que, para eles, a palavra é algo concreto, que se origina da cultura e a ela retorna (pois as representações compartilhadas socialmente emergem); é força propulsora (de saberes, ações, condutas).
>
> Como se vê, a cognição humana se constitui a partir de uma conjuntura de processos cognitivos, imersa nas experiências vivenciadas nas diversas esferas de atividades humanas, as quais estão diretamente ligadas ao uso da linguagem no mundo da vida. E a maneira com que "sentimos" o mundo, o interpretamos ("lemos" a realidade) e reagimos a isso pode direcionar o dizer e o agir, pois as manifestações linguageiras revelam-se como reflexos de todas as experiências constituídas no mundo da vida e (e)laboradas no plano mental.

3.2. Os sentimentos na perspectiva damasiana

O domínio do sentir é um elemento perceptivo do ser humano e tem demarcações tênues com a experiência por ser a base para os estados mentais conscientes. Em razão disso, consideramos os escritos de Koch (2019) ao denominar a consciência como o sentimento da própria vida. Essa dimensão do sentimento como elemento da cognição humana pode ser relacionada à proposição de Damásio (2000) para algumas incongruências em torno dos conceitos da consciência.

Na visão desse autor, seria necessário verificar as bases biológicas dos padrões mentais que respondem pelo "eu", como forma de verificação dos eventos do organismo, ocorridos tanto interna quanto externamente. Além disso, o autor propõe que o "eu" pode ser considerado uma representação interna do organismo no cérebro, o que faria com que o processo de percepção dependesse de mudanças nas representações do corpo. Tais proposições partem do princípio de que a consciência é um fenômeno que requer o entendimento de como o cérebro engendra os padrões mentais, chamados "imagens de um objeto", inclusive, os sentidos do "eu" no ato de conhecer.

Diante disso, podemos compreender que os padrões mentais mais simples até os mais complexos reúnem, de forma unificada, o objeto e o sentido do "eu". Nessa proposição, a consciência se vincula a mecanismos de regulação da vida (Damasio, 2003). Tais mecanismos são cognitivos e indiciados linguisticamente na construção de sentidos de discurso, em que o "EU" se manifesta nas práticas linguageiras circunscritas em situações enunciativas.

A perspectiva damasiana, em torno desse aspecto, apresenta o nível de consciência central e o nível de consciência ampliada. O primeiro é o que possibilita aos seres sentirem a propriedade dos conteúdos de seus pensamentos, que são formulados internamente. O segundo se refere ao campo de pensamentos que retratam o estado presente do indivíduo, bem como o passado e o futuro prospectivo. Tanto a consciência central quanto a ampliada são alicerçadas no elemento biológico denominado *proto-self*. Assim, o sentido do "eu" é o cerne da manifestação da consciência e tem sua base nas estruturas biológicas que monitoram e garantem a manutenção do corpo (Damásio, 2000).

Esse cerne de manifestação da consciência é proposto pelo autor de forma ampliada, ao conceituar uma conjuntura de fenômenos denominada "homeostase". Segundo Damásio (2019, p. 25), a "homeostase é o conjunto fundamental de operações no cerne da vida, desde seu início mais antigo – e há muito tempo desaparecido nos primórdios da bioquímica – até o presente".

Em busca de relacionar a vida humana (que conhecemos hoje) dotada de mente, sentimentos, consciência, linguagem etc., com os primórdios da vida, de aproximadamente 3,8 bilhões de anos atrás, Damásio (2019) apresenta um viés da evolução humana em seus aspectos biológicos, constitutivos da atividade mental do ser como indissociáveis do sistema de emoções e sentimentos. Nas palavras do autor,

> [...] os sentimentos são as expressões mentais da homeostase, enquanto esta, atuando sob o manto dos sentimentos, é a linha funcional que liga as primeiras formas de vida à extraordinária parceria de corpos e sistemas nervosos. Essa associação é responsável pelo surgimento de mentes dotadas de consciência e sentimentos, e essas mentes, por sua vez, são responsáveis por aquilo que é mais distintivo no ser humano: cultura e civilização (Damásio, 2019, p. 09).

As atividades humanas têm seu direcionamento delineado por um sistema dotado de uma conjuntura complexa constituída por experiência, percepção, ativação de memória e evocação de sentimentos. Nesse sentido, compreende-se que o ser humano passa por experiências em que há necessidade de gerenciar conflitos internos, tais como conciliar as contradições advindas de sofrimentos, medos, raivas, bem-estar e habilidades de se desenvolver criativamente, como, por exemplo, com a dança, a música, a pintura etc. Incluem-se, ainda, a crença religiosa, a governança política etc. (Damásio 2019).

Os sentimentos podem se manifestar de forma positiva, voltados para o bem individual e comum, ou de forma negativa, voltados para ações destrutivas, maléficas. Assim, segundo o autor, a homeostase é considerada deficiente quando se manifesta por sentimentos negativos. Já os sentimentos positivos expressam níveis apropriados de homeostase e ensejam aos organismos benefícios nas atividades humanas. Segundo Damásio (2019, p. 25), "sentimentos são as experiências subjetivas do estado da vida, isto é, da homeostase, em todas as criaturas dotadas de mente e de um ponto de vista consciente". Podemos dizer que os sentimentos são os representantes mentais da homeostase.

Nessa abordagem damasiana, a arquitetura interior do ser humano se constitui em ações mobilizadoras para promover benefícios ou malefícios. Além disso, o ser humano é capaz de usar os sentimentos para atividades práticas de questionar a existência da dor, o fato de sentir ou não o sofrimento alheio. Assim, os sentimentos de medo, compaixão, surpresa etc. podem ser usados como guia para contrabalançar sofrimentos.

Considera-se também a função da memória, pois a evocação de memórias relacionadas a experiências vivenciadas pode sustentar e ampliar o sofrimento. Damásio (1999, p. 12) afirma que "a memória ajuda a projetar a situação no futuro imaginado e nos permite visualizar as consequências", pois armazena informações, impressões, dados etc. ao longo da vida. Se

considerarmos a evolução humana, o aprendizado e a memória avançam de forma que os indivíduos podem evocar e até manipular memórias para que a inteligência articule conhecimento mediante sentimento.

Os sentimentos podem ser considerados mobilizadores, pois "comunicam à mente se a direção do processo da vida é boa ou má, em qualquer momento, no respectivo corpo. Ao fazerem isso, eles naturalmente qualificam o processo da vida como conducente ou não ao bem-estar e à prosperidade" (Damásio, 1999, p. 13). No entanto, o sentimento não é uma fabricação independente do cérebro, mas, sim, o resultado de uma parceria cooperativa entre o corpo e o cérebro, que interagem por meio de moléculas químicas livres e vias nervosas:

> A fonte do sentimento é a vida na corda bamba, equilibrando-se entre a prosperidade e a morte. Sentimentos são agitações mentais, perturbadoras ou deliciosas, delicadas ou intensas. Eles podem nos agitar com sutileza, de um modo intelectualizado, ou com grande intensidade e perceptivelmente, chamando, imperiosos, a atenção de seu possuidor. Mesmo em suas versões mais positivas, eles tendem a perturbar a paz e romper a quietude (Damásio 2019, p. 13).

Isso nos mostra o quanto os sentimentos podem ser utilizados nas ações práticas da vida humana. Os pensamentos e as ações são carregados desse complexo sistema de sentimentos que intervêm na formação da cultura. A dimensão cultural costuma ser associada a algo essencialmente coletivo, ou seja, a manifestações de realização intelectual. Nessa seara,

> [...] ideias, atitudes, costumes, práticas e instituições que distinguem um grupo social de outro pertencem ao escopo geral da cultura, assim como **a noção de que as culturas são transmitidas entre as pessoas e as gerações pela linguagem e pelos próprios objetos e rituais que as culturas criaram** (Damásio, 2019, p. 15, grifos meus).

Pelas palavras do autor, isso significa que explicar as culturas humanas requer considerar a inteligência ligada a práticas denominadas como "cultura". Além disso, as contribuições da linguagem são essenciais para o desenvolvimento e a transmissão das culturas. Se considerarmos a expansão da inteligência e da linguagem humanas, podemos notar graus singulares de sociabilidade do ser humano que vêm contribuindo para o desenvolvimento de culturas. No entanto, ao longo do tempo, pouco se associa a dimensão do sentimento à constituição das culturas humanas, uma vez que o intelecto é sempre enaltecido como eixo principal da evolução dos seres para todos os tipos de atividades da vida. Isso se evidencia nas formas de manifestação por meio das artes e das crenças religiosas. Para Damásio (2019, p. 16), as faculdades morais, a justiça, a governança política e as instituições econômicas – mercados,

bancos –, a tecnologia e a ciência são as principais categorias de empenho e realização denotadas pela palavra ‘cultura’”.

Um ponto importante para se considerar é a ideia de que apenas os elementos sociocognitivos possibilitam o processo de desenvolvimento cultural, pois, nessa perspectiva, não se considera o valor sentido dos resultados das atividades humanas como sendo bons ou maus. Em razão disso, essa perspectiva damasiana afirma que “os sentimentos atuam como motivos para respondermos a problemas e como monitores do êxito ou do fracasso da resposta” (Damásio, 2019, p. 20). No entanto, o afeto de qualquer tipo e grau de intensidade não tem recebido o devido valor como elemento atuante na construção cultural.

Em um sentido prático, podemos inferir, pela abordagem proposta, que tanto o sofrimento ou a alegria, a privação ou a prosperidade podem ter sido elementos motivadores da inteligência criativa na produção de culturas. Da mesma maneira, podemos atribuir esse papel de motivador às experiências de afetos relacionados a desejos fundamentais, como a fome, o companheirismo social ou o medo, a ânsia de poder, de prestígio.

Assim, os afetos influenciam na mobilização de muitos aspectos da sociabilidade, guiando a constituição de grupos, de organizações em diversos níveis, manifestando-se nos acordos ou desacordos entre os indivíduos. Os sentimentos, o conhecimento e o raciocínio são processados no espaço mental com uso da linguagem nas atividades humanas e fazem parte do processo de construção de sentidos. Em razão disso, consideramos necessário apresentar a noção de sentido, uma vez que tratamos de percepções de sujeitos acerca da linguagem.

3.3. Noções de sentido

Consideramos que a significação compõe o processo cognitivo e pode ser estudada sob diferentes campos do conhecimento. No entanto, pensamos em uma concepção voltada para a enunciação, uma vez que o objeto de estudo está vinculado a práticas de linguagem específicas, num contexto específico, que pode envolver construção de significado por meio de símbolos.

Conforme o Dicionário de Cultura Básica do Simbolismo (2012), o vocábulo “símbolo” vem do grego *sum* + *ballo*, que significa “colocar junto”, e representa a vinculação entre significante e significado. Para Benveniste (1995), a faculdade de simbolizar é inerente ao homem, pois é influenciada pela língua e, portanto, integrante da sociedade. Nas palavras desse autor, “é dentro *da* e *pela* língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (Benveniste, 1995, p. 27). Assim, os símbolos podem ser considerados elementos mediadores entre as pessoas socializadas, sobretudo, no processo de compartilhamento da cultura, para

representação e comunicação, possibilitando significação pela interpretação na interação social. E essa significação se efetiva na interlocução enunciativa da interação, que propicia a construção de efeitos de sentido.

Na visão de Benveniste (2006), as ações de linguagem – semantizar e sintagmatizar – são fundamentais para viabilizar o sujeito estar no mundo *na/pela* linguagem. Para isso, o autor conceitua forma e sentido do ponto de vista da enunciação, evidenciando que a subjetividade compõe a linguagem. Ele explica que, por meio dessas operações é que o ser se constitui como ser de linguagem, e que a língua possibilita ao interlocutor utilizar diversas formas linguísticas no processo de interação, seja oral ou escrito. Nesse processo, o locutor agencia as palavras para se expressar, por meio da apropriação do aparelho formal. Em razão disso, a língua sempre se atualiza a partir do uso nas situações comunicativas, o que faz com que a enunciação seja sempre situada numa instância do aqui-agora.

Nesse sentido, sem o uso da língua, as formas linguísticas são vazias, razão pela qual é necessária a apropriação delas para a efetivação do discurso. Na apropriação, a subjetividade torna o locutor sujeito *no/pelo* discurso, pois o "eu" (sujeito) enuncia para um "tu" numa relação intersubjetiva, uma vez que um se constitui pela interação com o outro. Benveniste (2006, p. 84) afirma "toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução", ou seja, só se realiza se houver a efetivação do discurso.

A partir dessa perspectiva, Benveniste (2006, p. 222) conceitua o sentido como "a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores". E a forma é denominada como "matéria dos elementos linguísticos, quando o sentido é excluído, ou o arranjo formal no nível linguístico ao qual pertencem" (Benveniste, 2006, p. 222). Esses conceitos acionam os domínios sintático (forma) e semiótico e semântico, pois, para o sentido ser atualizado, é necessária a utilização da língua pelo locutor na situação comunicativa. E a forma consiste em uma dimensão do signo, o significante, sendo que essa relação entre forma e sentido é que possibilita ver que o funcionamento da linguagem pressupõe significação.

Em se tratando da significação, semiótica e semântica podem se manifestar por meio da língua. Na visão de Benveniste (2006, p. 234), no domínio semiótico, a língua-discurso "constrói uma semântica própria, uma significação do intentado, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo". Isso significa que o sentido no campo semiótico consiste na capacidade de o signo significar na rede de distinções com outros signos e essa significação, o que possibilita a identificação de cada signo no interior da língua.

No aspecto semântico, o foco está no uso da língua, que funciona como mediadora entre interlocutores, entre estes e o ambiente em que vivem etc. Assim, Benveniste (2006) explica que o domínio semântico decorre da ação do locutor ao transformar a língua em discurso, por meio da sintagmatização e semantização, a fim de possibilitar a compreensão. No domínio semiótico, o signo precisa ser reconhecido, uma vez que há um aspecto distintivo das formas no que se refere a relações sintagmáticas. O campo semântico tem foco no sentido, no que o locutor quer dizer, nas construções sintagmáticas escolhidas nas situações enunciativas do processo de interação.

Vale destacar, aqui, que estamos considerando a enunciação em seus aspectos linguísticos constitutivos (a partir de Benveniste e outros), porém também nos interessam os aspectos da enunciação no plano discursivo (conforme Bakhtin e outros). Segundo Flores *et al.* (2009, p. 11-26 *apud* Flores; Teixeira, 2009, p. 144), podemos aproximar tais estudiosos da enunciação considerando o aspecto da produção do sentido e a focalização do elemento subjetivo da linguagem a partir de quatro critérios:

> [...] a) a referência (continuidade ou ruptura) à dicotomia saussuriana língua/fala e, por ela, ao quadro sistêmico-estrutural; b) a proposição de análise da linguagem do ponto de vista do sentido; c) a reflexão em torno de mecanismos de produção do sentido entendidos como marcas da enunciação com a elaboração explícita de uma teoria sobre o tema da enunciação; d) a inserção do elemento subjetivo no âmbito dos estudos da linguagem. Considerados esses critérios e a perspectiva dos estudos enunciativos, tanto Bakhtin quanto Benveniste integram o campo amplamente denominado Linguística da Enunciação.

O processo de interação está relacionado à natureza social do discurso, razão pela qual nos interessa, também, a visão de Bakhtin (2003), para quem a enunciação é o produto de dois indivíduos socialmente organizados, bem como expressa a realidade da língua de forma concreta e flexível, e apresenta a variabilidade dos signos. Pelo caráter variável, a enunciação reveste-se de novidade e não se limita a regras. Diante dessas considerações, vê-se que o sentido enquanto elemento subjetivo, no funcionamento da língua, respalda-se no uso discursivo da palavra.

3.4. A palavra nos aspectos discursivo e semiológico

Ao buscarmos a origem da existência da palavra, temos sempre a referência de sua utilização como instrumento de ensino, instrução contida em registros históricos de diferentes civilizações. Em alguns escritos históricos de base Cristã, há exemplos da utilização da palavra

para explicar a origem do homem, o princípio de tudo; explicar a existência e trazer orientações como um guia às pessoas. Podemos ter como exemplo a Torá, que conta a origem da Terra por Deus até a chegada do povo Judeu em Israel e a morte de Moisés. Há também algumas frases contidas na Bíblia a esse respeito que mostram que a palavra já existia, já se manifestava: "**Disse** Deus: haja luz" (Gênesis 1:3-5); "No princípio era **o Verbo**, e o **Verbo** estava com Deus, e **o Verbo** era Deus" (João 1:1); "**A Palavra** manifesta em carne" (grifos meus). Pelos escritos, há menções à forma como o Criador se dirigiu à humanidade, mas eles também nos levam a compreender que o ser humano (criatura) se constitui da palavra e inicia com a expressão sonora na ação de chorar ao nascer.

Em razão disso, vemos que o uso da palavra está além da comunicação utilitarista para negócios e acordos individuais de como as sociedades se organizam (na materialidade). Há, antes, um sentido que rege a própria identidade individual, como, por exemplo, a existência das palavras nos nossos pensamentos, que ficam contidas até serem expressas na forma verbal ou não verbal.

Orlandi (2003, p. 242) considera o discurso religioso como "aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus". Na visão da autora, locutor e ouvinte pertencem a lugares distintos, marcados pelos níveis hierárquicos, o que coloca em evidência as posições do sujeito como o homem e de Deus como o criador.

Além do campo linguístico, verificamos algumas percepções sobre esse tipo de discurso pela visão filosófica de Foucault (1996), para quem os discursos religiosos estão associados a um ritual que determina papéis e propriedades singulares aos sujeitos de fala. Sob essa perspectiva, Foucault (1996) critica as relações de poder em diversas dimensões (religiosas, políticas, filosóficas) e mostra que a doutrinas religiosas se disseminam ao colocar em comum um conjunto de discursos aos sujeitos falantes, estabelecendo relações de pertença. Isso favorece o reconhecimento e a aceitação do que ele denomina "verdades" na legitimação de discursos. Ele detalha:

> A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e interdita-lhes, por conseguinte, todos os outros; mas, em reciprocidade, serve-se de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si, e desse modo os diferenciar de todos os outros. Ela efetua uma dupla sujeição: dos sujeitos falantes ao discurso, e dos discursos ao grupo, pelo menos virtual, dos indivíduos falantes (Foucault 1996, p. 43)

Essa construção de pertença em meio ao discurso religioso faz com que os sujeitos legitimem o exercício do poder da doutrina sobre suas práticas de vida, podendo manifestar-se,

inclusive, nos atos de enunciação, ao fazer escolhas do que deve ser dito nas diversas situações discursivas de que participam. Daí a ideia da reciprocidade ou exclusão daquilo que reconhecem como verdade ou não para a prática. Embora não seja o foco de nossa análise discutir as relações de poder no discurso sob essa visão filosófica, consideramos pertinente esse aspecto da construção de pertença por meio da doutrina religiosa, a qual possui um caráter discursivo nos atos enunciativos dos falantes.

Segundo Orlandi (2003 p. 13), devemos focalizar a análise para "a prática da linguagem; ver a palavra em movimento; ou seja, fazer observações do homem falando". Sob essa ótica, busca-se compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, numa direção do geral (prática da língua imersa no contexto histórico e social) ao mais particular, como elemento constitutivo de um sujeito, em suas condições particulares de produção e enunciação. Segundo Orlandi (2003, p. 17),

> [...] o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.

A partir dessa noção de sujeito e de sua relação com as palavras, a autora mostra o lugar da língua no mundo, nas formas de significação na prática/na produção de sentidos, em que a linguagem é concebida como mediação entre o homem e a realidade. Orlandi (2002) destaca que os sentidos não são propriedades privadas de cada um de nós. São efeitos da troca de linguagem, pois não nascem nem se extinguem no momento em que se fala. Os sentidos são partes de um processo realizado num contexto, mas não se limitam a ele, têm historicidade, têm um passado e se projetam num futuro. Na visão da autora, a origem do sentido está na primeira palavra dita por Adão no princípio, no processo constitutivo do homem e da linguagem. Isso revela que o sujeito é atravessado pelo movimento da língua nos constitutivos da história, dos elementos ideológicos construídos, e se ressignificam. Esse movimento da língua é conduzido no processo de interação do homem consigo mesmo e com a exterioridade, fazendo com que as experiências construídas por meio da linguagem abram caminhos para sua aprendizagem na formação, constituída de (negociação, aprendizagem, transmissão de) valores enquanto sujeito. Essa fundamentação envolve outros elementos, como as noções de discurso, sujeito e formação discursiva.

Pêcheux (1988) concebe o discurso como sendo efeito de sentidos entre interlocutores, segundo as condições de produção históricas, que constitui a materialidade específica da

ideologia. Para o autor, a ideologia se realiza, em grande parte, por meio de práticas discursivas, sendo que a língua (falada e/ou escrita) é a materialidade do discurso. Isso nos leva a perceber que o elemento histórico é o fio que constitui a espessura da ideologia pela linguagem. Historicamente, a materialização da língua se atualiza por meio do sentido resultante das interações entre seres de linguagem.

Tendo em vista as condições de produção de que emanam os efeitos de sentido, podemos fazer uma associação com a noção de sujeito quanto à sua posição na produção do discurso. E o sujeito de que tratamos aqui é o indivíduo interpelado pela ideologia, marcado pelas dimensões social e histórica, assim como pela via da linguagem, orientada pela formação discursiva.

Segundo Pêcheux (1988, p. 161), os "indivíduos são 'interpelados' em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes". Assim, o sujeito, com base em Pêcheux (1988), é determinado pela posição, pelo lugar de onde fala, ou seja, pelo interior de uma formação discursiva (FD), regulada por uma formação ideológica. Nessa perspectiva, o autor considera ser impossível existir um sujeito sem sociedade e sem ideologia, uma vez que ele sempre será interpelado a se tornar sujeito.

A formação discursiva, em Pêcheux, consiste em um domínio de saberes com seus enunciados, e desse lugar ocorre a interpelação e o assujeitamento ideológico, a denominada forma-sujeito, que tem um papel regulador daquele espaço, coexistindo nele interpelação, identificação e produção de sentido (Indursky, 2001). Isso nos leva a crer que cada sujeito pode adquirir os atributos específicos para cada lugar que venha a ocupar nos diferentes espaços instituídos. Assim, se tornam representantes, de alguma forma, desses lugares, reverberando, consequentemente, em seus discursos, posições valorativas nas formas de falar e de agir.

É válido evidenciar, ainda, conforme Ferreira (2010), que a posição-sujeito de que fala Pêcheux (1988) configura-se como um objeto imaginário que ocupa seu espaço no processo discursivo. Dessa forma, o sujeito não é um, mas comporta distintas posições-sujeito, variantes conforme as formações discursivas e ideológicas em que o sujeito se inscreve, ou seja, faz parte do descentramento do sujeito falar-se em posições-sujeito. O sujeito se constitui em posições-sujeito. Podemos associar essas considerações da autora a exemplos das posições assumidas por um sujeito ao ocupar diferentes lugares: de pai, filho, professor, mestre, pastor etc. Um sujeito pode ocupar diversas posições e apresentar em seu discurso as formações discursivas construídas a partir de sua constituição (como sujeito).

Nesse processo de constituição do sujeito retratado na formação discursiva, “coabitam vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem, existindo, pois, espaço para a divergência, para as diferenças, pois uma FD é constitutivamente frequentada por seu outro” (Pêcheux, 1995, p. 57). Esse “outro” consiste no interdiscurso, que se relaciona à memória discursiva delineada no curso histórico, marcado pela linguagem mobilizada pelo sujeito e entre sujeitos.

Na perspectiva pecheutiana, o interdiscurso tem estreita relação com a memória discursiva, traduzida em “um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer” (Pêcheux, 1988, p. 58). É por essa razão que o sujeito não é dono do seu sentido, que é regrado pelas questões de espaço e tempo das práticas humanas (Pêcheux, 1988).

Tomando como base os apontamentos de Orlandi (2003), o discurso é marcado por interdiscurso(s), ou seja, por algo que já se falou em outro lugar, em outro tempo, o que revela que as palavras não são só de quem fala. Para a autora, as palavras “significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nossas palavras” (Orlandi, 2003 p. 32). Além disso, “o sentido é determinado pelas posições ideológicas, e as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam” (Orlandi, 2003 p. 43).

A partir da posição ideológica, a formação discursiva (FD) determina o que pode e deve ser dito. Assim, as palavras não possuem sentidos em si, são as formações discursivas que lhes atribuem o sentido na materialidade do discurso. Na UDV em foco, as ideias/os valores de certas palavras foram engendradas pelo Mestre fundador e vêm sendo transmitidas aos discípulos, bem como articuladas conforme a necessidade e o contexto situacional, desde o início das atividades religiosas da instituição.

Nessa face discursiva, identificamos o caráter interacionista, uma vez que “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que é dirigida a alguém. Ela é exatamente o produto da interação do locutor com o ouvinte” (Volóchinov, 1977, p. 123). Nas palavras do autor, “os signos emergem em definitivo do processo de interação entre uma consciência individual e outra” (Volóchinov,1977, p. 28). Ao refletir sobre essa proposição, é possível compreender que a palavra pode ser também um elemento essencial do processo de interação que decorre de interações anteriores e podem motivar processos interativos contínuos. O significado constituído nas interações é efeito de sentido pertencente e integrado à rede de significação na vida humana.

O movimento da língua é conduzido no processo de interação do homem consigo mesmo e com a exterioridade, fazendo com que as experiências construídas abram caminhos para sua aprendizagem, crenças e representações como sujeito. Nesse campo do interacionismo,

podemos conceber os processos de formação, como apresentados por Bronckart (2006), para quem, na educação informal, os sujeitos desenvolvem atividades integradas e introduzem aspectos das normas e valores sociais – e o contexto religioso é uma das arenas para esses processos de formação.

Diante desses apontamentos, a doutrina veiculada pela palavra nas sessões está centralizada na formação dos seus sócios para a construção de novas formas de pensar, de dizer e de agir. A linguagem, nesse aspecto do ritual religioso, nos faz lembrar também do princípio filosófico mencionado por Bronckart (2006) acerca da base de fundamentos da denominada filosofia do espírito apontada por Descartes, ao defender a distinção entre os fenômenos físicos e psíquicos. Essa menção aqui se deve ao fato de que, no interacionismo,

> [...] **a linguagem não é (somente) um meio de expressão de processos que seriam estritamente psicológicos (percepção, cognição, sentimentos e emoções), mas que na realidade, dá origem e organiza suas dimensões especificamente humanas**. Isso significa que, no homem, os processos de pensamentos acessíveis à consciência e as condutas ativas que a elas estão associadas são o resultado da semiotização de um psiquismo primário, herdeiro da evolução (Bronckart, 2006, p. 122, grifos meus).

Isso significa que o interacionismo, conforme Bronckart (2006, p. 126), "assume a ideia da unidade da substância material e da continuidade dos processos que fazem emergir o psiquismo humano" e, assim, preconiza uma abordagem centrada sobre os efeitos da história coletiva humana e sobre a transformação permanente de fatos sociais. Em razão disso, considera que o pensamento, a consciência e o discurso apresentam um caráter social, semiótico e dialógico.

A partir dessas ideias, as manifestações linguageiras, no contexto religioso em foco, quanto às formas de dizer/de agir, se mostram vinculadas às dimensões históricas e sociais desses fenômenos linguísticos, bem como às propriedades internas que envolvem o aprendizado e o desenvolvimento humano. Em razão disso, é pertinente compreender além do caráter interacionista, sociodiscursivo, o simbólico, o qual se constitui nas relações entre o homem e o meio em que vive, com outros sujeitos, nos grupos a que pertence, ou seja, na dimensão social da sua existência.

Segundo Morato (2005, p. 314), "falar em interacionismo é postular determinados modos de existência ou determinados modos de funcionamento da linguagem". Na visão da autora, o interacionismo está vinculado à ação, ao outro, à prática, à sociedade e à cognição, sendo a linguagem considerada como uma ação compartilhada na relação entre sujeito e realidade. Os modos de existência estão na base da construção do conhecimento e da natureza

cognitiva e social da linguagem, uma vez que cada ação humana pressupõe um percurso, um sujeito/mundo. Morato (2005, p. 323) acrescenta que "não há possibilidades integrais de pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos".

A interação nos possibilita compreender os aspectos internos experimentais da conduta humana, ou seja, a maneira como as pessoas percebem os fatos ou a realidade à sua volta e como elas agem em relação às suas convicções. A dimensão social de que se reveste a interação mostra que as ações das pessoas estão ligadas às formas pelas quais elas significam as situações. É válido evidenciar, ainda, que a interação não acontece exclusivamente entre as pessoas, mas também dentro de cada um, na singularidade com que significam e representam a interação. E o que acontece externamente pode ser uma expressão ou reflexo do que acontece internamente em cada ser de linguagem.

Diante desses componentes, destacamos os processos de mediação formativa no que se refere à educação informal, que abarcam diferentes esferas, como o contexto familiar e o religioso, uma vez que o sujeito é instituído como tal, rege e é regido nesses contextos, sendo mediado pela linguagem. É na interação com os pré-construídos do ambiente humano que as pessoas se constroem em meio às atividades coletivas e às práticas linguageiras. No nosso entendimento, os elementos pré-construídos se estruturam no meio social e influenciam a aprendizagem pelos sujeitos. Nos escritos de Higgins (2000), esse processo equivale à apreensão do conhecimento ser determinada, em muitos aspectos, pelo contexto/materialização de representações por meio da linguagem.

Conforme Bronckart (1999), as práticas de linguagem desempenham um papel crucial na constituição e no desenvolvimento das capacidades epistêmica (ordem dos saberes) e praxiológica (ordem do agir) dos seres humanos. E nessas práticas estão embutidas todas as dimensões associadas ao praxiológico: a historicidade e a culturalidade, constituídas pela transmissão de conhecimento, crenças entre gerações e semiotização de valores, bem como a socialidade, quando de se trata das relações, os conflitos de interesses, sua gestão etc.

Diante disso, é necessário pensar o lugar e a função da linguagem na constituição do sujeito, suas fronteiras com a ação humana. Nesse aspecto, "pensamento, linguagem e imersão social são dimensões indissociáveis na constituição do sujeito: todo pensamento é semiotizado e todo processo de semiotização implica e está implicado na interação social" (Matêncio, 2007, p. 56). A imersão de que fala a autora nos revela o caráter indissociável entre o pensamento e a linguagem, que se manifesta em ações a partir da significância atribuída pelo sujeito. O dizer filosófico "se penso, logo, existo", caracteriza "a ação da linguagem, a um só tempo, como

reflexo da diversidade das ações e atividades humanas e condição para sua existência" (Matêncio, 2007 p. 57).

A manifestação do pensamento pelas palavras é o desencadear de um processo dinâmico e contínuo. Nas palavras da autora, "a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa" (Matêncio, 2007 p. 108). Disso resulta sua certeza de que o pensamento não é simplesmente expresso em palavras, é por meio delas que ele passa a existir.

Isso nos leva a entender a constituição do sujeito por meio da linguagem e a sua interação consigo mesmo e com o mundo, com as pessoas. Trata-se de um processo de construção que mobiliza as atividades humanas. Assim, a interação social é dotada de semiotização, um processo que está em constante construção pelos sujeitos, ao interpretarem o mundo que os cerca e com o qual interagem (Bronckart, 2008). Nessa dinâmica, as ações sociais não acontecem por uma lógica pré-estabelecida de ordem somente externa, pois a ordem dos fatos sociais e o sentido das ações são mutáveis no decorrer das interações.

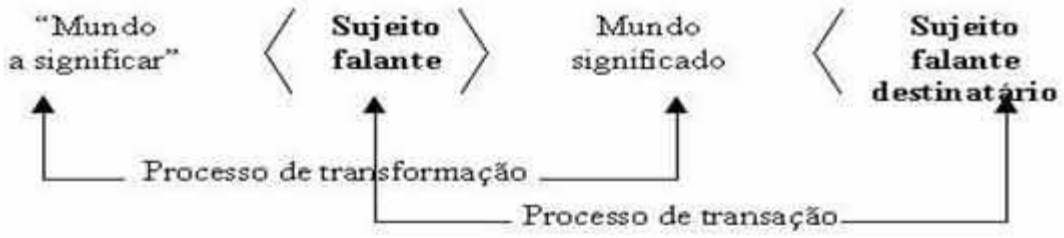
Com base nesse processo semiotizado de significação que envolve os efeitos de sentido, buscamos as ideias propostas por Charaudeau (2014), que apresenta o caráter semiológico do discurso, em que o ato da linguagem consiste no resultado da relação entre o que está explícito e o que está implícito, devido às circunstâncias de produção das práticas linguageiras. Charaudeau (2014) concebe a linguagem pela ótica do fenômeno, que abrange os fatores psicossociais para além das manifestações linguísticas, envolvendo aspectos das emoções, das representações sociais etc., constituindo os efeitos de sentido.

Segundo Corrêa-Rosado (2014, p. 4), "podemos entender os efeitos de sentido como o jogo semântico-discursivo gerado pela relação intersubjetiva e pelo contexto sócio-histórico, incluindo os aspectos materiais sobre os quais o processo discursivo ocorre, bem como seus aspectos ideológicos". Na visão desse autor, o efeito de sentido nasce por meio do discurso que o sujeito produz para seu interlocutor (a quem ele se dirige) e as palavras são compreendidas a partir dessa relação.

Para Charaudeau (1995), esse caráter semiológico envolve o saber compartilhado entre os sujeitos da linguagem, as estratégias utilizadas, as adaptações nas práticas sociais comunicativas, bem como as condições de produção e de existência dos enunciados e dos elementos extralinguísticos, o que o autor denomina como semiotização do mundo, que ocorre por meio de transformação e de transação. O primeiro consiste na ação de o sujeito falante transformar o "mundo a significar", que corresponde aos elementos externos, ao mundo significado, ao sentido.

A Figura 1 demonstra como esse processo ocorre:

Figura 1 – Procedimento de semiotização do mundo e seu duplo sentido



Fonte: Charaudeau (1995, p. 99).

Charaudeau (1995) explica que a transformação se compõe de operações de ordem linguageira, sendo de identificação, quando os seres se transformam em identidades nominais, por meio da aprendizagem e conceituação; de qualificação, quando se transformam em identidades descritivas, por meio do conhecimento da propriedade e das características de determinado objeto; de operação de ação, quando se configuram em identidades narrativas, por meio das ações que conferem razão de ser por meio do agir; e de causação, quando estabelecem relações de causalidade a partir da sucessão de fatos do mundo, ou seja, dos elementos que motivam as ações.

O segundo processo, o de transação, se alicerça em alguns princípios enunciativos, a saber: a alteridade, que corresponde à troca interacional entre os sujeitos que se identificam/se reconhecem na semelhança ou na diferença; o princípio da influência, que consiste na intenção do sujeito em produzir impacto sobre seu sujeito interpretante no processo interacional; o princípio de regulação, caraterizado pelo engajamento no processo comunicativo, a fim de que se conclua a troca na interação; e o princípio de relevância, que evidencia a reciprocidade entre os sujeitos quanto à competência de falar, nas palavras do autor, "sobre ter direito à palavra" (Charaudeau, 1995, p. 100).

Os estudos de Corrêa-Rosado (2014, p. 6) acerca desse processo nos apresentam, de forma simplificada, que a semiotização do mundo abrange diversos elementos, como, por exemplo, "os lugares de pertença nos grupos, os saberes e as visões de mundo que os sujeitos partilham e as circunstâncias de troca". Esses princípios fazem parte da conjuntura do contrato de comunicação, que, na visão de Charaudeau (2016, p. 56), "pressupõe que os indivíduos pertencentes ao mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais". Em síntese, isso significa que o ato de linguagem é produto da interação em diferentes contextos situacionais e históricos, em

que a linguagem não é transparente. Nesse aspecto, não se consideram apenas as intenções do enunciador, mas também a singularidade particular que une interlocutores, dotados de elementos explícitos e implícitos que abrangem todas as circunstâncias da comunicação.

As dimensões mais importantes que consideramos no contrato de comunicação se configuram na fala ativa e estratégica, uma vez que o sujeito é motivado por um projeto de fala nos seguintes segmentos, conforme Charaudeau (1995): o factivo (fazer fazer); o informativo (fazer saber); e o persuasivo (fazer crer) manifestados na palavra. Isso significa que o sujeito realiza articulações nas escolhas da forma de falar, de organizar seu discurso, com o objetivo de influenciar seu interlocutor. Dessa forma, o projeto de fala é a expectativa do sujeito em relação à interação com o interlocutor. Convém destacar que, embora haja essa construção de projeto de fala pelo sujeito, seu interlocutor já possui uma identidade psicossocial definida ao receber o discurso. Em razão disso, para que o objetivo do projeto de fala e suas estratégias sejam eficientes, o comunicante necessita se moldar em relação ao conhecimento e às expectativas do outro a quem se dirigir, o que se relaciona às intencionalidades socialmente condicionadas, segundo explica Charaudeau (1995).

Essa visão da linguagem nos mostra a proposta de Charaudeau (1995) quanto ao seu modelo de análise do discurso, em que múltiplas dimensões são integradas num ato de linguagem. Essa integração faz com que haja articulação entre o contexto situacional e a realidade social em que o discurso é produzido, de forma que as identidades dos interlocutores se manifestam no discurso. Para Charaudeau (1995), esse processo é de constante redefinição, pois a forma de organização do discurso se dá na interação social, no intercâmbio entre sujeitos portadores de uma intencionalidade sistêmica, às vezes, de forma inconsciente.

Pelas possibilidades de interação, entendemos que o sujeito busca atingir seu interlocutor de maneira que influencie sua forma de pensar e de agir, dinâmica que se dá na dimensão da "encenação discursiva" do produtor do ato da linguagem (Charaudeau, 2014, p. 63). Essa dimensão, conforme Charaudeau (2014, p. 63), inscreve a linguagem no campo "das representações linguageiras, das experiências dos indivíduos que pertencem a um determinado grupo ou comunidade humana, enquanto sujeitos individuais e coletivos". Nesse campo de representações, podemos compreender que existem elementos que compõem a construção de efeitos de sentido, os espaços, a imagem, a intersubjetividade, a interface sócio-histórica, as experiências. O autor compara tais elementos à encenação teatral, com luz, sonorização, texto, cenário, que constituem os efeitos de sentido na interação.

Sob essa ótica, o discurso vai além do enunciado, em que existe o lugar da encenação da significação. E esse lugar está diretamente ligado ao fenômeno do ato da linguagem,

constituído por um conjunto de saberes construídos pelos indivíduos. Nesse sentido, para Charaudeau (2014), não se deve considerar que o discurso seja assimilado apenas como expressão verbal, ou ser compreendido como unidade de frases, tendo em vista que a ação discursiva vai além dos códigos de manifestação da linguagem.

Em razão disso, o conceito de discurso de Charaudeau (2014), no campo da enunciação e da pragmática, coloca o sujeito no lugar de propagador enunciativo:

> O ato da linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultando de uma simples produção de uma mensagem que um emissor envia a um receptor. Tal ato deve ser visto como um encontro dialético (encontro esse em que se fundamenta a atividade de elucidação dos sujeitos da linguagem) em dois processos: processo de produção, criado pelo EU e dirigido a um TU-destinatário; processo de interpretação, criado por um TU, interpretante, que constrói uma imagem "EU" do locutor (Charaudeau, 2001, p. 44).

Esses processos constituem o ato interenunciativo de quatro sujeitos, pois há o lugar imaginário de dois universos distintos de discurso, o que é representado na Figura 2:

Figura 2 – O ato de linguagem como encenação

Fonte: Charaudeau (2001, p. 45).

Charaudeau (2001) explica que existe o locutor EU (sujeito comunicante), o EU como sujeito enunciador (sujeito de fala), o sujeito destinatário – TUd (destinatário ser de fala) e o sujeito TUi (sujeito interpretante), sendo que todos são protagonistas. Na dinâmica da situação comunicativa, é necessário que os sujeitos de fala estabeleçam entre si a relação de reconhecimento de cada um, para que haja projeções na representação das falas, o que propicia

a interpretação e, consequentemente, a construção de sentidos, como forma de partilha de saberes. Essa partilha se efetiva por meio da interação, por possibilitar a compreensão de determinados sentidos, a partir de saberes comuns entre os sujeitos.

Assim, podemos compreender que a ação de atribuir significado está imersa no conjunto de saberes partilhados entre os sujeitos, tais como informações que se tem sobre as situações do discurso, de determinados objetos, eventos etc. De acordo com os apontamentos de Charaudeau (2001), o saber que cada sujeito partilha pode acontecer de forma automática, pois os discursos se estruturam a partir de valores compartilhados, crenças etc. Isso revela a opacidade da comunicação, se se considerar que a fala do sujeito se compõe por várias vozes, segundo os lugares sociais que este ocupa, a situação discursiva de que participa, bem como as nuances interpretativas, as possibilidades de simetria ou não, dependendo da existência ou não de (des)entendimentos e de intenções quanto ao sentido que se pretende produzir.

Essas proposições nos levam a conceber o processo de formação no trabalho religioso pelo Centro como uma dinâmica interpretativa na interação, seja quanto à recepção/interpretação dos preceitos advindos do Mestre (por meio dos seus representantes), seja quanto à percepção de si e de sua contextualidade, a partir da qual emergem as possibilidades de se fazer escolhas e de aceitar ou não a doutrina, o que se manifestará (ou não) nas mudanças nas formas de pensar, de falar e de agir dos associados. Nesse sentido, a doutrina é conduzida, mas há também há possibilidades de interpretações divergentes, uma vez que as experiências são compartilhadas, mas os sujeitos coenunciadores são sempre únicos.

Isso significa que essa dinâmica interpretativa potencializa o significado dos conhecimentos disseminados nas interações, nos momentos em que a doutrina é apresentada nas sessões, mas o ato de concordar ou não depende do significado construído por cada um dentro de si. E esse significado pode se constituir como objeto de conhecimento para a prática na vida, com base em experiências, valores, crenças etc. Nesse sentido, não se trata de um dogmatismo. Os princípios norteadores da UDV são trazidos nas sessões, mas a escolha de seguir é de cada pessoa. Existem também as leis do Centro, com os direitos e os deveres sócios para regulamentar o funcionamento no âmbito administrativo e também para orientar as condutas em conformidade com a doutrina – tais prescrições devem ser seguidas, do contrário, não há a relação de pertença àquele grupo.

Em vista disso, Charaudeau (2014, p. 20) destaca que,

> [...] o ato da linguagem não pode ser concebido de outra forma, a não ser como conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância da sua transmissão. De onde se conclui que o objeto de conhecimento é o do

> que fala a linguagem através de como fala a linguagem, um constituindo o outro. O mundo não é dado a princípio. Ele se faz através da estratégia humana de significação.

Na concepção desse autor, o ato da linguagem se reveste de estratégias do "eu" comunicante e das possibilidades de interpretação do "tu" como interpretante. Para evidenciar com clareza, podemos ter como exemplo o fato de um sujeito se sentir ofendido pela fala recebida de outrem. De acordo com as orientações udevistas, se ofender pode ser uma escolha, pois é possível buscar entender o motivo de a fala do outro ser agressiva, desagradável, a fim de se saber quem é o outro, qual é sua história e qual é a eventual parcela de responsabilidade de ambos os envolvidos naquela situação manifestada. Esse ensinamento de como receber a voz do outro pode favorecer a compreensão de si e de outrem, direcionando a forma de agir e reagir diante de situações apresentadas no cotidiano. Vê-se, então, a face interpretativa, já que nem sempre o que é interpretado corresponde exatamente ao que outro disse. Da mesma maneira, nem sempre as intenções de quem fala correspondem fielmente à sua forma de falar, ao tom nas escolhas estratégicas das palavras manifestadas ao outro.

Assim, o associado da UDV, ao receber ensinamentos dessa natureza, pode buscar trabalhar em si essa maneira de agir, ou simplesmente não concordar e continuar agindo da mesma maneira que sempre agiu diante das situações interativas que experenciar. É o desvelar de desafios como o de se defender sem devolver a ofensa, e isso pode ser considerado como uma estratégia resultante da significação de um ato da linguagem, mas também da dimensão do trabalho espiritual atrelado ao desenvolvimento de virtudes refletidas nas interações entre as pessoas.

Além de estratégias de linguagem, a UDV orienta novas formas de significar as palavras que falamos e recebemos, em sentido transcendente, místico, não meramente utilitarista da comunicação. Em razão disso, os conceitos apresentados até aqui se relacionam com esta tese no sentido de evidenciar a interface da linguagem na construção do significado, viabilizada pelo sistema perceptivo (cognição) com a espiritualidade. Os atos de linguagem a partir de ensinamentos na dimensão da espiritualidade são ressignificados em efeitos de sentidos baseados nas experiências do sentir, conforme veremos no capítulo 4.

4. O MESTRE GABRIEL E A UNIÃO DO VEGETAL

Nos diversos espaços, a aprendizagem pode ser mediada por alguém investido de autoridade que se coloque no lugar de ensinar, interagindo, ao utilizar as formas de linguagem. No contexto religioso, não é diferente: há sempre as figuras de liderança exercendo as atribuições que lhes são concedidas pela instituição, mas permeadas pelas experiências, opiniões e crenças constituídas, ou seja, pelos elementos de identidade alicerçados ao longo da vida social.

Em se tratando da União do Vegetal, a interação nos rituais é pela oralidade, na modalidade "boca-ouvido", em que a pessoa ocupante do Quadro de Mestres, ou quem for designado, poderá dirigir sessões e conduzir os trabalhos ritualísticos e outras atividades na instituição. Além das sessões, entendemos que as experiências vivenciadas em outras atividades do Centro, que não sejam religiosas, podem contribuir para a construção de sentidos no que se refere às formas de interpretação de fatos/eventos e às orientações para ações na vida cotidiana de uma forma geral.

A mediação da aprendizagem no contexto religioso da UDV inclui a apresentação da prática de vida do Mestre Gabriel, a qual vem sendo repassada aos associados na UDV como uma forma de exemplificação dos princípios e ensinamentos disseminados na instituição, razão pela qual se faz necessária uma breve apresentação do seu fundador.

4.1. O Mestre Gabriel

Para descrever a prática ritualística, é preciso, antes, apresentar o Mestre fundador do Centro. Chamado por seus discípulos de Mestre Gabriel, o senhor José Gabriel da Costa iniciou os trabalhos com o Vegetal no interior da Floresta Amazônica. Trata-se um homem nascido no sertão da Bahia, na cidade de Coração de Maria, filho de agricultores, Manoel Gabriel da Costa e Prima Feliciana da Costa.

A trajetória do Mestre Gabriel revela-o como um autodidata, pois ele aprendeu a ler sozinho, frequentou a escola por aproximadamente 90 dias, sendo dispensado dos estudos por demonstrar alta capacidade cognitiva e habilidade intelectiva. Conforme os estudos de Fabiano (2012, p. 29), desde criança, José Gabriel apresentava dons que o diferenciavam dos demais irmãos, um deles era o de improvisar versos com grande habilidade, demonstrando domínio surpreendente do idioma, sobretudo em se tratando de alguém que teve pouca vivência nos bancos escolares.

Essas habilidades de improvisar eram dotadas de humor, conforme relatos da família. Ainda na infância, numa situação em que o pai estava doente de asma e foi acordar os filhos pela manhã dizendo “Acorda, gente!” e, na demora em responder, o pai lançou um chicote contra ele, que, com agilidade, levantou-se dizendo “O couro da vaca preta / é um couro excelente / acorda quem está dormindo / e alegra quem está doente” (Fabiano, 2012, p. 30). Essa criatividade ágil com as palavras fez com que o pai se rendesse ao humor do filho, o que demonstra seu jeito de usar as palavras para mudar uma situação, afinal, se esquivou de uma surra com essa estratégia.

Além disso, ele participava das atividades religiosas da Igreja Católica, entoando cânticos junto a seus pais nas festas de Folia de Reis e em outros eventos dessa natureza que aconteciam na região. Seus comportamentos, desde a infância, já revelavam educação e pacificação, bem como o interesse pelos mistérios da espiritualidade.

Por ser filho de agricultores, ele trabalhou com o cultivo da terra, sendo que, à época, cada filho ficava responsável por uma área denominada tarefa. Após concluir com rapidez, Mestre Gabriel ajudava os irmãos, no intuito de ter mais tempo para as brincadeiras. Ele ensinou os irmãos a lerem e a calcularem, e se destacava aonde chegava, por demonstrar habilidades avançadas para a idade, tais como cavalgar de braços abertos, em pé, no cavalo sem sela e saltar de altas árvores com agilidade.

Na fase adulta, mudou-se para Salvador, onde trabalhou no comércio por um período e, no ano de 1944, foi recrutado a trabalhar na Floresta Amazônica com a extração do látex das seringueiras. À época, passou a fazer parte do Exército da Borracha formado no Brasil para contribuir com as forças aliadas que lutavam contra o fascismo, na Segunda Guerra Mundial (Fabiano, 2012). Nesse período em que esteve no Norte do país, Mestre Gabriel trabalhou também com o fornecimento de lenha para a Estrada de Ferro Madeira Mamoré e como auxiliar de enfermagem no Hospital São José em Portugal, onde conheceu Raimunda Ferreira da Costa, com quem se casou em 1947 e teve 11 filhos.

No período em que viveu nos seringais, enfrentou muitas dificuldades para dar início ao trabalho com o Vegetal, pois era um ambiente muito hostil e violento. Os trabalhadores viviam em regime quase escravo, pois contraiam dívidas no comércio dos patrões para adquirirem alimentos para suprir as necessidades de subsistência. Eram, muitas vezes, obrigados a fugir como estratégia para saírem daquelas condições precárias de vida, pois não tinham acesso às políticas de assistência à saúde, educação etc. Registra-se, pelos escritos de Netto (2017), que muitos seringueiros morreram por falta de assistência, por condições precárias de alimentação ou por contraírem doenças naquele lugar de tão difícil acesso. Nas palavras do autor, foi nesse

ambiente rural e de muitas adversidades que o Mestre Gabriel viveu com sua família, trabalhando e estabelecendo amizade com pessoas que conviviam com ele. A forma de interagir com as pessoas “diz muito da sua figura humana e apresenta uma série de virtudes que, mais à frente, seriam reconhecidas por seus discípulos, entre elas, destacaremos a fidelidade, a amizade e o cumprimento da palavra” (Netto, 2017, p. 428).

Segundo Netto (2017), o Mestre Gabriel, muitas vezes, conviveu com situações de conflito em prol da defesa de pessoas a fim de evitar execuções, pois aquele que ficasse doente nos Seringais, normalmente, era morto por não conseguir trabalhar e produzir conforme o regime patronal da época.

Depois de trabalhar em diversas regiões do Acre, Rondônia e Bolívia, em 1959, ele conhece o Vegetal e, em 22 de julho de 1961, a União do Vegetal é criada. Após a criação da UDV, em janeiro de 1965, Mestre Gabriel e família mudam-se para Porto Velho (RO), onde a UDV foi institucionalizada como Associação Beneficente União do Vegetal e, em 1970, como Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

Como participante da UDV, considero válido ressaltar que esse ambiente de enfrentamento em que a UDV foi criada nos revela uma trajetória com alguns desafios do Mestre Gabriel em dar início a um trabalho em prol da paz, trazendo orientações de como obter fortalecimento espiritual para a vivência diária. Os ensinamentos desse Mestre na UDV foram evidenciados na prática com atos de solidariedade, mostrando que a simplicidade é a arena para o trabalho espiritual (Fabiano, 2012).

No ambiente familiar, Mestre Gabriel trouxe ensinamentos que as pessoas que conviviam com ele percebiam, na prática, por meio da criação de seus filhos. Ele ensinava a honestidade, a busca pelos objetivos por meio do trabalho e o respeito às pessoas, mostrando o movimento da vida do plantar e do colher.

A figura 3, a seguir, mostra o Mestre Gabriel e parte de sua família em Porto Velho:

Figura 3 – Mestre Gabriel e parte de sua família

Mestre Gabriel em frente à sua casa na rua Abunã. Da esquerda para a direita: Jandira, sua filha, Raimunda, sua esposa e Antônio Gabriel, seu irmão e Mestre Gabriel (Porto Velho/RO, 1971).
Fonte: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (2024).

À época em que estava iniciando as atividades de criação da UDV, Mestre Gabriel trabalhou em comércio, nos seringais em serviço braçal, bem como em hospital, como auxiliar de enfermagem. Segundo Fabiano (2012, p. 123), "os primeiros discípulos eram síntese do ambiente social de Porto Velho: seringueiros, agricultores, mecânicos, pequenos comerciantes, pedreiros, biscateiros, contadores, funcionários públicos, professores primários. Gente simples". Isso revela que, apesar das limitações econômicas e dos desafios sociais, ele trouxe uma instituição religiosa para a sociedade, agregando o potencial cultural das pessoas, em que cada um que participava dos movimentos poderia contribuir na construção da institucionalização da UDV.

Compreendemos, pelos estudos de Fabiano (2012), que a maneira de o Mestre Gabriel interagir fazia com que as pessoas se sentissem importantes e, sentindo-se assim, faziam de tudo para que as ações fossem compatíveis com a importância atribuída pelo Mestre, o que se reverberava no aprimoramento de postura das pessoas em relação a alguns vícios e desvios de condutas identificadas.[5]

Com os primeiros discípulos, foram estruturadas as leis da UDV, como o Regimento Interno, que contém os direitos e deveres dos sócios, bem como os boletins da consciência, que elencam orientações de conduta no Centro e fora dele. De origem simples, Mestre Gabriel

[5] O trabalho de orientação da UDV é pautado nos princípios cujas práticas devem ser dotadas de honestidade, sendo que os desvios se caracterizam por diversos tipos de vícios, em relação tanto ao uso de drogas e bebidas alcoólicas quanto a comportamentos que infringem às leis em geral do país, além daqueles apresentados na religião cristã, também conhecida como os 10 mandamentos de Deus.

promoveu a integração entre as pessoas de forma que possibilitou, ao longo dos anos, a expansão da UDV para os contextos urbanos, "agregando todas as classes sociais, inclusive doutores formados em universidades de renome, no Brasil e no exterior, que hoje compartilham de sua direção" (Fabiano, 2012, p. 124).

Em 1971, quando estava se preparando para ir para Brasília realizar procedimentos de saúde, Mestre Gabriel foi questionado por seus discípulos se iria deixar alguma mensagem gravada, orientações. Em resposta, ele falou, metaforicamente, "que não precisava deixar nenhuma orientação gravada porque a semente estava plantada. Daí para frente seria necessário tomar todas as medidas para que a semente germinasse, desenvolvesse a raiz, caule, folhas e frutos" (Netto, 2017, p. 434-435).

Em 24 de setembro de 1971, Mestre Gabriel faleceu, sendo que, do período em que criou a UDV até a sua desencarnação,[6] formou 25 Mestres para continuar a gestão da UDV. Denominaram-se, então, como Mestres da Origem, sendo que a maioria deles faz parte do Conselho da Recordação dos Ensinos de Mestre Gabriel, por terem convivido com ele e por terem a responsabilidade de preservar a memória e a doutrina do Mestre para as gerações seguintes, conforme a Figura 4:

Figura 4 – Mestres da origem

Fonte: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (2024).

[6] A UDV possui uma visão judaico-cristã reencarnacionista, em que a desencarnação significa que o espírito deixou de habitar o corpo, ou seja, faleceu.

A partir desses Mestres, a doutrina da UDV vem sendo transmitida nos rituais, contribuindo para a expansão da UDV e, consequentemente, para o desenvolvimento espiritual dos seus associados.

4.2. Os princípios e a palavra alicerçada na prática

Com a linguagem dotada de simplicidade, a doutrina vem sendo transmitida, sendo que, "do doutor da cidade ao caboclo da floresta, ele expressava uma clareza e uma firmeza no exercício da palavra" (Netto, 2017 p. 422). Isso significa que suas falas não tinham o caráter de formalidade estabelecido em normas gramaticais, mas se realizavam de forma comum ao entendimento dos interlocutores, sem a preocupação de se falar com atendimento à concordância verbal e/ou nominal, por exemplo. Muitos dos ensinos do Mestre Gabriel sobre a cultura da paz, a honestidade, a fidelidade, a amizade, dentre outros, eram demonstrados na prática cotidiana:

> A pedagogia do exemplo é muito presente na UDV. Praticamente toda a doutrina religiosa no que toca ao comportamento é feita por meio do exemplo. Neste sentido, o exemplo mais difundido dentro da UDV está ligado à vida e obra do guia espiritual José Gabriel da Costa. São muitos os exemplos de conduta ética e de justiça transmitidos por seus familiares e primeiros discípulos (Netto, 2017, p. 71).

Em sua pesquisa, que aborda a vida do Mestre Gabriel, Netto (2017) narra os momentos em que o Mestre auxiliava as pessoas com o trabalho de cura, a partir do conhecimento que tinha. Ele nunca pediu qualquer pagamento ou vantagem pelo trabalho espiritual que exercia. Ensinou o respeito e o valor da justiça perante a família quando corrigia os filhos e dizia que não iria protegê-los em caso de desvio de conduta. Assim, as orientações dadas em sessões eram balizadas na prática, o que contribuiu para que tivesse um número crescente de discípulos na UDV, porque eles viam o exercício do pregador.

O Mestre Gabriel deixou sua doutrina fundamentada nos seguintes princípios básicos:

> 1º – A União do Vegetal é uma religião de fundamentação cristã reencarnacionista, que afirma a existência do espírito e trabalha pela evolução do ser humano no sentido do aperfeiçoamento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais, que são expressões do amor e da fraternidade humana.
> 2ª – O chá Hoasca, o sacramento da UDV, é utilizado em seu ritual religioso para efeito de concentração mental. É a União de dois vegetais originários da Floresta Amazônica, o mariri e a chacrona, comprovadamente inofensivos à saúde.

> 3º – A UDV tem como símbolo paz e da fraternidade humana Luz, Paz e Amor. "O discípulo deve amar o próximo como a si mesmo para ser merecedor de receber o símbolo da União".
> 4º – O Centro tem sua principal referência no Mestre Gabriel, Mestre da União do Vegetal, que sempre demonstrou compromisso com a verdade, com a palavra e coerência entre o que ensinou e o que praticou. Por amor à humanidade, criou a UDV com o pensamento de construir uma paz no mundo.
> 5º – A UDV é composta por mestres, conselheiros e discípulos. A formação dos discípulos é desenvolvida pela prática dos ensinamentos, não segue, obrigatoriamente, um padrão de educação formal. Aos integrantes da Direção, é exigível exemplar conduta moral, profissional e familiar.
> 6º – O trabalho, a família e a religião são os pilares que sustentam a evolução humana. Harmonizados, trazem equilíbrio e as condições favoráveis ao crescimento espiritual.
> 7º – A exemplo do seu Guia espiritual, o Centro mantém como princípio básico a prática do trabalho voluntário de seus dirigentes, sem remuneração pelos serviços prestados.
> 8º – A UDV reconhece a origem divina da família, obra do criador na terra iniciada pelo casal primordial, Adão e Eva. O homem e a mulher se complementam e são o alicerce familiar e os principais responsáveis pela educação dos filhos.
> 9º – O Centro e seus membros associados defendem o uso responsável e estritamente ritualístico do chá Hoasca. Não comercializam, nem obtêm qualquer proveito financeiro.
> 10º – A UDV pratica e ensina o amor a Deus sobretudo, extensivo a seus semelhantes, respeitando o ser humano tanto na sua presença, como na sua ausência, pois é a semelhança de Deus. A UDV não tem preconceitos, discriminações, e considera que todo ser humano pode superar dificuldades ao longo de sua caminhada.
> 11º – Colhemos o que plantamos, assim é a Justiça Divina. Na UDV, a justiça está expressa nas leis inscritas nos Estatutos do Centro, e todos de acordo com a gravidade da falta e independente do grau hierárquico, estão submetidas a elas.
> 12º – A Beneficência é praticada e ensinada desde a origem da UDV, sendo uma expressão do amor fraternal e reconhecimento de todos os seres humanos como irmãos, filhos de um mesmo pai. Além do atendimento espiritual, a UDV desenvolve ações beneficentes nas áreas de educação, saúde, cultura e assistência nas regiões onde está estabelecida.
> 13º – A UDV reconhece a natureza como uma dádiva do criador para servir à humanidade. Por isso, trabalha pela preservação das florestas e de outros recursos naturais, e cultiva as plantas sagradas utilizadas na preparação do chá Hoasca (Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, 2016, p. 14-15).

Esses princípios balizam a doutrina nos rituais da UDV, e o trabalho religioso, disseminado por meio da palavra, é destinado ao ser humano enquanto espírito que ocupa um corpo (matéria) e precisa de aperfeiçoamento, de um despertar espiritual. Conforme mencionado anteriormente, a espiritualidade comporta um conjunto de atributos, virtudes do ser encarnado, bem como sua maneira de sentir a vida e o meio que o cerca. Em síntese, a espiritualidade coloca em evidência o reconhecimento do criador e de todas as criaturas, bem como proporciona a possibilidade do conhecimento de si, a construção do seu destino durante a vida.

Os pilares trabalho, família e religião são elementos constitutivos da evolução espiritual, pois o homem é um ser social e necessita da atividade laboral para a sua subsistência; da formação da família, a qual é considerada a célula *mater* da sociedade e possibilita a continuidade da vida; e de uma religião para contribuir com a ligação com o divino,

desenvolvendo a espiritualidade. Na visão udevista, todos esses elementos fazem parte do movimento de lapidação humana, ou seja, possibilitam o aprendizado para o desenvolvimento do indivíduo de uma maneira holística.

Tendo em vista o objetivo de desenvolver a pacificação entre as pessoas, o Centro tem como alicerce os símbolos Luz, Paz e Amor, que se compatibilizam com os mesmos ensinos de Jesus, tais como o do amor fraterno.

Dos princípios elencados, destacamos os descritos nos itens 4º ao 6º, devido ao enfoque para a linguagem neste estudo. O uso da palavra trazido pelo Mestre Gabriel comporta a prática do que se coloca no lugar de falar. A doutrina do Mestre, nesse aspecto, orienta que a pessoa que ensina pela fala deve praticar o que está falando. A palavra, na doutrina da UDV, abrange, ainda, o princípio do compromisso com o que se fala.

Dos registros em biografias acerca da prática de vida do Mestre Gabriel, há exemplos no que se refere ao cumprimento da palavra. Quando ele marcava um compromisso em determinado horário com alguém, cumpria com pontualidade. Assim, é o ensino de que ninguém é obrigado a se comprometer, mas se o fez, é obrigado a cumprir. A honra com a palavra confere confiança ao homem e, consequentemente, integridade diante das responsabilidades assumidas. Os estudos de Netto (2017, p. 435) apontam que

> [...] outras virtudes estavam ancoradas nessa questão do cumprimento da palavra, já que junto a isso estava o compromisso firmado, a pontualidade do compromisso, o cumprimento do dever, o cuidado com o uso correto das palavras para não ferir ou julgar outra pessoa e a transparência da figura humana, demonstrada pela coerência entre a palavra e a ação.

A palavra manifestada na doutrina do Mestre é um instrumento multifacetado para atividades que promovem a evolução espiritual, pois trabalha o ser a partir dos sentimentos na consciência ampliada. A palavra utilizada para ensinar reverbera no discípulo os princípios para as escolhas, ao utilizá-la no cotidiano, na forma de falar, no tom de voz, dentre outros aspectos. De maneira artística, segundo relatos contidos em Netto (2017, p. 426), era prática do Mestre "escrever livretos retratando o cotidiano das pessoas daquele lugar. Zé Ferreira cita que ele observava o comportamento das pessoas e, tendo como referência fatos ocorridos ali no seringal, escrevia uma historinha com rimas". Esses registros nos levam a perceber que a palavra não era apenas um instrumento de doutrina religiosa, mas também uma expressão lúdica, artística e cativante.

Outra dimensão da palavra é a orientação para o seu uso no sentido positivo. Nesse aspecto, podemos exemplificar pela diferença entre dizer "eu não posso realizar isso" e "até

aqui ainda não pude". O fato de que ainda não se realizou pode deixar aberta a possibilidade de se realizar. Os efeitos de sentido do uso nos sentidos negativo ou positivo das palavras fazem com que se abram ou se fechem portas para aquilo que se pretende. Para o Mestre Gabriel, a palavra pode trazer tudo para nós.

Além do fator de verbalização, em que a palavra pode trazer tudo para quem diz, é determinante quando se faz o caminho para merecer, por meio de atitudes, alcançar o objetivo. Além de ensinar a utilizar as palavras no sentido positivo, é preciso determinar dentro de si o que se quer, por que se quer e o que se está fazendo para alcançar aquilo que é dito. Saber utilizar as palavras dentro desses sentidos pela doutrina é um fator construído pelo conhecimento adquirido ao longo do tempo de caminhada na instituição.

Ao longo do tempo, nessa dimensão do sentir propiciada nos rituais da UDV, o poder da palavra passa a ficar mais evidente quando se aplica à prática. Essa utilização, no sentido negativo ou positivo, pode influenciar os acontecimentos vivenciados. Isso pode ser associado ao exercício verbal da cultura da paz, conforme a transformação interior em que se viabiliza a interação com pacificação, a integração em qualquer contexto.

O Mestre Gabriel criou a UDV com o Vegetal para uso exclusivamente religioso, não admitindo qualquer comercialização do chá. Esse caráter religioso se caracteriza como sacramento e não como um serviço, razão pela qual nenhum dirigente recebe remuneração, assim, o trabalho de todos os associados é voluntário. Diante disso, a organização institucional administrativa é constituída na forma de associação, com a realização de prestações de contas para a manutenção e o funcionamento do Centro. Segundo Netto (2017, p. 444),

> [...] em nenhum momento negociou sequer um litro de chá, não vendeu o ritual, poderia ter ganhado dinheiro com isso, mas não o fez. Não obteve nenhum tipo de vantagem econômica, nem trocas simbólicas, presentes ou coisa equivalente. E esse exemplo foi transmitido para sua família e para os primeiros sócios da UDV, que vêm lutando desde o princípio contra o uso inadequado e a comercialização do chá.

As virtudes como base para a prática estão imersas no trabalho da UDV, que igualitariamente integra e unifica diferentes classes sociais dentro do Centro. O compromisso da cultura da paz e a oportunidade de o discípulo compreender, sentindo o que é o amor ao próximo nas atividades realizadas em união, em prol da coletividade, fazem preservar a simplicidade deixada por Mestre Gabriel, desde as suas palavras até a sua prática, preservada na memória de quem conviveu com ele. Fabiano (2012), quando relata que as pessoas gostavam de estar perto dele e ouvir suas histórias, ensinamentos e conselhos, mostrae que o seu trabalho com a espiritualidade valoriza as pessoas, a história delas e seus afetos.

A Figura 5 mostra o registro de momentos do Mestre com seus amigos discípulos:

Figura 5 – Mestre Gabriel e seus primeiros discípulos

Fonte: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (2024).

Também hoje vivenciamos, nas atividades do Centro, além do ritual, momentos de confraternização e de zelo com as dependências, com as plantas no ambiente da natureza e nos preparos do Vegetal, o que possibilita a integração, o compartilhamento de experiências e a continuidade dos ensinos pelo exercício deles.

4.3. O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

Conforme dito anteriormente, o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) foi criado na Floresta Amazônica, no ano de 1961, por José Gabriel da Costa, mais conhecido como Mestre Gabriel, o qual deu início ao ritual religioso com uso do chá denominado "Hoasca" ou "*Ayahuasca*" e/ou "Vegetal", composto pelas plantas cipó Mariri (*Banisteriopsis Caapi*) e folha da Chacrona (*Phychotria viridis*). Segundo Coelho (2022), "ayahuasca" é uma palavra de origem quíchua: uma família de línguas indígenas da América do Sul, em que "Aya" significa persona, alma, espírito, e "waska" se refere a cipó.

O Vegetal é utilizado em rituais de diversas religiões, a exemplo do Santo Daime e do Xamanismo, sendo que, na UDV, é um elemento de concentração mental nas atividades sacramentais.

Na Figura 6, mostra-se como era o ritual em Porto Velho quando o Mestre Gabriel ainda estava em matéria.[7]

[7] Estar em matéria significa estar encarnado. Na UDV, o vivo encarnado é a mesma coisa que estar em matéria.

Figura 6 – Sessão dirigida por Mestre Gabriel

Fonte: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (2024).

Embora, desde aquela época, o Mestre já falasse do objetivo de construir uma paz no mundo, houve proibições do uso do chá ao longo da trajetória de existência da UDV, pois não havia clareza quanto às propriedades do chá, por meio de pesquisas científicas da época que garantissem a segurança da sua utilização. O primeiro acontecimento proibicionista ocorreu em outubro de 1967 com a prisão do Mestre, na presença de 38 de discípulos dos 198 que o acompanhavam. Esse acontecimento se encontra narrado no Estatuto do Centro, que é lido atualmente nas sessões. Depois disso, viu-se a necessidade de dar início à institucionalização do Centro.

Como havia poucas pessoas, as sessões aconteciam na casa do Mestre Gabriel, ambiente simples, de chão batido, normalmente às quartas-feiras e aos sábados. Os custos para colher mariri e chacrona na floresta, transportá-los e preparar o Vegetal eram patrocinados, inicialmente, pelo Mestre Gabriel. Com o passar do tempo, com a chegada de mais pessoas, um dos discípulos propôs a criação de uma associação que tivesse uma mensalidade para cobrir as despesas com a organização e a realização das sessões (Fabiano, 2012).

Nesse período, foram escritos por alguns discípulos os primeiros artigos do Regimento Interno, para viabilizar, na prática, o início de uma institucionalização, mas não havia crença, por parte deles, de que a UDV teria a expansão da magnitude que tem hoje, devido à falta de recursos financeiros e o contexto político social em relação ao uso da bebida. Após alguns

processos enfrentados para demonstrar a inofensividade do chá e sua legalização para uso religioso, o Centro vem se expandindo pelo Brasil e no exterior.

Como instituição religiosa, o CEBUDV traz, em suas diretrizes precípuas, o objetivo de trabalhar o ser humano no sentido do seu desenvolvimento nos aspectos moral, intelectual e espiritual. Para tal, faz uso da palavra na transmissão da doutrina cristã reencarnacionista, que vem sendo repassada desde a sua criação. A partir desse objetivo, a missão do CEBUDV é contribuir para a construção de um mundo mais justo e pacífico.

O CEBUDV é organizado em cargos hierárquicos (cuja ocupação é voluntária, sem recepção de qualquer forma de remuneração) compostos por Mestres (integrantes do Quadro de Mestres), Conselheiros(as) (integrantes do Corpo de Conselho) e discípulos(as) (do Corpo Instrutivo e do Quadro de Sócios). Para ocupar cada lugar, inicialmente, o(a) interessado(a) associa-se à instituição, passando a utilizar o uniforme, composto por camisa na cor verde-bandeira, a qual tem as letras UDV grafadas na cor branca no bolso esquerdo; e por calça branca para os homens e saia ou calça amarelo ouro para as mulheres. Ao longo do desenvolvimento do grau de memória (capacidade de compreender e praticar os ensinamentos) o(a) sócio(a) é chamado(a) a compor o Corpo Instrutivo, que é o lugar onde recebe ensinos mais graduados e reservados, e passa a ter grafadas as letras UDV na cor amarela.

Na sequência, o(a) sócio(a) do Corpo Instrutivo pode chegar ao Corpo do Conselho, no qual recebe as três letras CDC abaixo das letras UDV no bolso. O Corpo de Conselho é o lugar de direção no Centro que traz aconselhamentos a quem necessitar e contribui nas tomadas de decisões dos trabalhos da UDV no núcleo a que pertence.

Já o Quadro de Mestres é composto por sócios do Corpo do Conselho que passam a ter grafada na camisa a estrela como símbolo. Para se chegar ao Quadro de Mestres, o Conselheiro deve ter uma conduta de cidadão de boas práticas éticas e morais; ser casado com uma mulher, com a qual tenha convivência pacífica; saber reconhecer e colher as plantas (mariri e chacrona) na floresta; saber preparar o Vegetal; saber praticar e ensinar a doutrina e conduzir uma irmandade, dentre outros critérios elencados no Regimento Interno do Centro.

Assim, o lugar de Quadro de Mestre é de cumprir e fazer cumprir as leis e doutrinas do Centro no trabalho religioso, com auxílio da Direção e Irmandade de onde fizer parte. No entanto, é válido evidenciar que, a partir do Corpo Instrutivo, o(a) sócio(a) poderá ser designado(a) para dirigir sessões, ou seja, o lugar de dirigir sessão não é exclusividade de pessoas do Quadro de Mestre. Assim, o(a) discípulo(a) que adquirir capacidade, conhecimento e cumprimento da doutrina poderá ser designado pelo Mestre responsável pela Unidade

Administrativa (Núcleo) para dirigir sessão. E no lugar de dirigente de uma sessão, o discípulo é chamado de Mestre.

Nessa organização, o Centro possui cerca de 200 Unidades Administrativas, constituídas por Núcleos e Distribuições Autorizadas de Vegetal em todos os estados brasileiros e em outros países da Europa, América do Norte e Oceania. Embora a instituição tenha iniciado no Norte do país, a Administração Geral do Centro tem sede em Brasília/DF, como forma de facilitar o gerenciamento dos trabalhos do Centro nos aspectos institucionais.

Em todas as suas unidades, as sessões têm duração média de quatro horas e acontecem sempre às 20 horas aos primeiros e terceiros sábados de cada mês, e são denominadas de Sessões de Escala. Além dessas sessões, há as festivas, denominadas de Escalas Anuais, que acontecem nas datas de Natal, São João, dentre outras. E as extras, marcadas para atender a necessidades eventuais, uma delas é a Sessão de Adventícios, tendo esse nome porque é realizada para receber as pessoas para conhecerem o vegetal pela primeira vez, ou seja, para dar início ao sacramento de receberem na consciência "o que há de vir". As pessoas são recebidas de forma acolhedora, sendo que a apresentação da doutrina é realizada pouco a pouco, conforme percepções intuitivas que se manifestam durante as sessões, bem como conforme as interações por meio de perguntas e falas.

Além dessa organização administrativa e institucional do Centro, é importante registrar, aqui, que, além dos rituais, há atividades integradas, como, por exemplo, as confraternizações, com o compartilhamento de lanches após as sessões. Existe também a cultura de zelar pelas dependências dos núcleos. Essas atividades compõem-se por realização de limpezas, manutenção das dependências e preparo de alimentação pelos(as) próprios(as) sócios(as). Nos dias de preparo de Vegetal, os sócios costumam dormir no núcleo, seja em dormitórios ou em acampamento, com barracas pelo terreno, em que cada um pode levar o que denominamos de "kit hoasqueiro". Existem também as celebrações de batizados e casamentos, que frequentemente acontecem nos núcleos. Essas atividades fazem parte dos eventos a serem considerados para reflexões quanto ao uso da linguagem no presente estudo.

4.3.1. O ritual religioso na UDV

Para alcance dos objetivos, a UDV tem, nas suas diretrizes, os valores da Sagrada Família (Jesus, Maria e José – entidades do alicerce cristão), da honestidade e do respeito ao ser humano e à natureza como um todo, e tem como símbolos da fraternidade humana a Luz, a Paz e o Amor.

A Figura 7 mostra os símbolos da UDV, incluídas as cores, as quais remetem simbolicamente à ligação com a natureza, com o alto, no caso da cor azul, o amarelo indicando reverência ao sol e sua nobreza, assim como o branco faz referência à espiritualidade.

Figura 7 – Símbolos da UDV

Centro Espírita Beneficente
União do Vegetal

Fonte: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (2024).

A dimensão desses símbolos se caracteriza da seguinte forma no âmbito da UDV: a Luz é clareza na consciência, propiciada pelo efeito do Vegetal; a Paz é a manifestação do sentimento de pacificação e harmonia interior adquirida no trabalho de si; e o Amor é o símbolo considerado perfeito para as transformações necessárias ao ser. O trabalho desses valores se constitui na busca pela denominada retidão divina, ou seja, na procura de corrigir os defeitos, abandonar os vícios e ampliar as virtudes, com base nos princípios cristãos reencarnacionistas, tais como o desenvolvimento do amor à prática fiel, o reconhecimento da natureza, a transformação humana por meio do conhecimento de si e da força superior, denominada, Deus, o Divino Mestre Jesus, dentre outras denominações.

O ritual acontece nos templos de cada núcleo da UDV, aos primeiros e terceiros sábados de cada mês, em que as pessoas bebem o chá para efeito de concentração mental. A prática se dá mediada pela oralidade, constituída por cânticos, (orações denominadas “chamadas”), músicas, falas, perguntas e respostas.

Exemplificamos na Figura 8 como é o ritual nos templos nas sessões da UDV:

Figura 8 – Forma do ritual nas sessões

Núcleo Santa Fé do Cariri (Crato – CE) | Foto: Augusto Pessoa.
Fonte: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (2024).

O Mestre Dirigente distribui o chá às pessoas por ordem hierárquica, iniciando-se pela Direção, que é composta pelo Quadro de Mestres e pelo Corpo do Conselho; na sequência, pelo Corpo Instrutivo; pelo Quadro de Sócios e pelas demais pessoas presentes não sócias. Após a distribuição, o Mestre pede a todos que repitam as seguintes palavras: “Deus nos guie no caminho da Luz para sempre, sempre, amém, Jesus”. Daí em diante, uma pessoa integrante da mesa faz a leitura do Regimento Interno e, na sequência, outra pessoa faz a explanação. Nesses momentos iniciais, normalmente, as pessoas já estão sob efeito do chá e o Mestre dirigente inicia as chamadas (cânticos) de abertura da sessão.

Uma das características dos componentes da sessão é propiciar concentração mental, de forma que os participantes se sintam acolhidos e tenham condições de alcançar, pela ampliação perceptiva, dimensões psíquicas do interior consciente. Esse acesso possibilita sentir e buscar o conhecimento de si e da natureza, por assim dizer, do criador e do sagrado existente no ser. Além disso, propicia examinar com maior clareza as ações cotidianas na busca por respostas, por escolhas, nas mais diversas searas da vida.

A linguagem utilizada durante a sessão evidencia também o efeito de sentir do Mestre Dirigente, que procura responder às perguntas conforme a doutrina da UDV e utiliza algumas estratégias didáticas para mediar os assuntos. Uma das estratégias é a utilização de poemas-canções, que são apresentados como um complemento da doutrina, com mensagens de motivação, acolhimento e paz que são reproduzidas em sessões:

Poema Canção 1: Eu chego lá

Eu chego lá
Queira ou não queira eu chego lá
Eu chego lá
Queira ou não queira eu chego lá
Eu chego lá

Ê meu irmão
Eu vim aqui só pra lembrar
Que ninguém vai poder nesta vida vencer
Sem lutar
Pois a vitória é uma semente semeada no chão
A semente espera a chuva pra ela poder nascer
Se a vitória e a coragem de esquecer de morrer

Se eu não chegar a vê, vai nascer de mim quem vem pra ver
Plantei uma árvore que dá frutos
Fiz uma canção pra se cantar
Eu vou caminhando dizendo
Queira ou não queira eu chego lá.
(Marinês, 1967).

Esse poema-canção de Marinês foi lançado em 1967 e, desde então, é reproduzido em sessões da UDV, pois traz uma mensagem positiva de superação dos desafios pela resistência. É válido evidenciar que o uso de poemas-canções em rituais religiosos não é algo recente e caracterizam o sacramento em diferentes culturas. Lodi (2018, p. 26) afirma que

> [...] o uso de músicas dentro de rituais religiosos é imemorial. Seja em forma de mantras, cantos gregorianos, incaicos, hinários, chamadas, seja outras manifestações ritualísticas de diferentes povos e culturas. De que são exemplos os povos indígenas que utilizam a Hoasca, aos quais creditamos a preservação da memória do uso desse sacramento para que chegasse à idade contemporânea.

Na UDV, os poemas-canções podem dar um efeito significativo na imersão espiritual de cada um no ritual, pois remetem a sensações, marcam memórias, afloram revelações místicas em meio às experiências propiciadas pela "burracheira". Assim, é possível aos ouvintes conectar suas vivências aos enredos de histórias cantadas no universo musical. O poema-canção 'Luz Divina", por exemplo, apresenta ao "navegante perdido" (que pode ser quem se identificar como tal) quem é a Luz que acalma, orienta a seguir a trajetória de vida.

Poema-canção 2: Luz Divina

Luz que me ilumina o caminho e que me ajuda a seguir
Sol que brilha à noite e a qualquer hora
Me fazendo sorrir
Claridade, fonte de amor que me acalma e seduz
Essa luz,
Só pode ser Jesus

Essa luz
Raio duradouro que orienta
O navegante perdido
Força dos humildes, dos aflitos
Paz dos arrependidos
Brilho das estrelas do universo
O seu olhar me conduz
Essa luz
É claro que é Jesus
Essa luz
Sigo em paz no caminho da vida porque
O caminho a verdade a vida é você
Por isso eu te sigo, Jesus meu amigo
Quero caminhar do seu lado
E segurar sua mão.
Mão que me abençoa e me perdoa
E afaga o meu coração
Estrela que nos guia luz divina
O seu amor nos conduz
Essa luz
É claro que é Jesus
Essa luz
Estribilho
É claro que é Jesus
Essa luz
É claro que é Jesus
Essa luz
Só pode ser Jesus
(Só pode ser Jesus)
Essa luz (Essa luz)
Só pode ser Jesus
(Só pode ser Jesus)
Essa luz (Quero ver Jesus)
É claro que é Jesus
Essa luz divina
Essa luz...
É claro que é Jesus
Essa luz (Luz divina)
É claro que é Jesus. (É claro que é Jesus).
(Roberto Carlos, 1991).

Os poemas-canções reproduzidos podem ser de diferentes estilos: música popular brasileira, rock, forró, pop etc. Esse poema-canção de Roberto Carlos, por exemplo, é um dos que são reproduzidos quando o dirigente da sessão sente que pode trazer bem-estar aos participantes, no sentido de proporcionar o acolhimento, manifestação audível pelas mensagens que restauram crenças e direcionam a trajetória espiritual.

Poema-canção 3: Morada

Faço de mim
Casa de sentimentos bons
Onde a má fé não faz morada
E a maldade não se cria

Me cerco de boas intenções

E amigos de nobres corações
Que sopram e abrem portões
Com chave que não se copia

Observo a mim mesmo em silêncio
Porque é nele onde mais e melhor se diz
Me ensino a ser mais tolerante, não julgar ninguém
E com isso ser mais feliz

Sendo aquele que sempre traz amor
Sendo aquele que sempre traz sorrisos
E permanecendo tranquilo aonde for
Paciente, confiante, intuitivo

Faço de mim
Parte do segredo do universo
Junto à todas as outras coisas as quais
Admiro e converso

Preencho meu peito com luz
Alimento o corpo e a alma
Percebo que no não-possuir
Encontram-se a paz e a calma

E sigo por aí viajante
Habitante de um lar sem muros
O passado eu deixei nesse instante
E com ele meus planos futuros
Pra seguir

Sendo aquele que sempre traz amor
Sendo aquele que sempre traz sorrisos
E permanecendo tranquilo aonde for
Paciente, confiante, intuitivo.
(Banda Forfun, 2014).

Considerando que há participantes de diferentes faixas etárias, os estilos dos poemas-canções se diversificam quanto à época, ou seja, tanto as músicas da década de 1960 ou 1970, quanto as músicas do momento atual são utilizadas nos rituais. Essa canção de Forfun traz marcas de uma musicalidade no estilo pop que costuma agradar aos mais jovens, entre 20 e 35 anos de idade.

Os poemas-canções fazem parte do ritual, pois são elementos complementares aos ensinos. Quando determinados assuntos são falados, no decorrer da sessão, normalmente, alguma música é reproduzida para proporcionar bem-estar e reflexões aos participantes por meio dessas ferramentas artísticas. Eles podem tratar de diversos assuntos, da vida, do tempo, dos sentimentos etc., sendo que o importante é transmitir mensagens tidas como positivas, de aprendizado para a vida.

É válido evidenciar que as sessões têm como matriz o diálogo sobre diversos assuntos, ou seja, não se trata estritamente de orientar falas e comportamentos para a busca da salvação

divina, mas também do compartilhamento de ideias, experiências, conhecimentos de diferentes áreas do saber, tais como os elementos da natureza (sol, terra, plantas etc.) e os aspectos que envolvem autoconhecimento nos âmbitos psicológicos, sociais e econômicos. Isso se verifica quando há orientações no que se refere aos cuidados com os excessos quanto ao consumismo ou com as energias ou influências que muitos ambientes oferecem, ou, ainda, aos conhecimentos advindos da doutrina sobre como desenvolver uma comunicação pacífica e compreender as histórias das pessoas à nossa volta, o que, muitas vezes, nos propicia entendermos determinados comportamentos dos outros, nos mostrando como agir diante de situações no meio social, familiar, do trabalho etc.

Assim, no ritual, apresentam-se, normalmente, assuntos ou questões que muitos dos sócios presentes estão vivenciando ou já vivenciaram e que surgem na forma de perguntas ou falas (preleções). E essas manifestações possibilitam aprendizagem mútua, pois a dúvida de uma pessoa pode ser a mesma de outra ou pode ser algo que ainda não havia sido pensado por alguns.

Toda essa dinâmica acontece durante o efeito do chá, o qual tem o nome de "burracheira", dado pelo Mestre Gabriel, e se apresenta em cada um de forma singular, com sensações, sentimentos, percepções e sentidos ampliados no campo da consciência. Tendo em vista que a "burracheira" consiste no efeito do chá, consideramos importante apresentar, brevemente, como o Vegetal se comporta no organismo, bem como suas influências nas atividades do cérebro para a ampliação da consciência.

4.3.2. A consciência e sua ampliação pelo Vegetal

Os estudos que tratam da condição humana, no âmbito do desenvolvimento cognitivo, podem ser realizados sob a perspectiva de diferentes áreas do conhecimento. Entendemos que trazer abordagens acerca da consciência nos conduz a algumas reflexões de como o ser humano percebe o mundo a sua volta e aprende com ele. Nesse sentido, ter noção acerca de consciência pode ser o ponto de partida para compreender os processos dinâmicos das atividades humanas no que se refere à construção de sentido. Além disso, não se pode descartar a dimensão biológica, uma vez que o corpo é o alicerce para toda a estrutura cognitiva que direciona as ações humanas.

A partir do objetivo precípuo do CEBUDV de trabalhar pela evolução do ser humano, no sentido do seu desenvolvimento espiritual com o uso do chá (Vegetal), é fundamental que busquemos compreender a noção de consciência (e de sua ampliação) nesse processo, bem

como seus elementos adjacentes, tais como sentimentos, percepção e memória. O vocábulo "consciência", no seu sentido etimológico, vem do latim *Conscientia* "com conhecimento". O sentido possui várias definições, em virtude do fato de que está presente em literaturas de diferentes áreas de conhecimento. Autores de diferentes áreas do conhecimento apresentam sua visão particular sobre o que seria a consciência, o que demonstra que não há descrição definitiva do fenômeno enquanto conceito (Souza *et al*., 2007).

Diante da falta de um consenso quanto à definição de consciência, consideramos a noção trazida por Koch (2019), que a conceitua como experiência. Para a autora, qualquer experiência subjetiva, desde o aspecto material ao mais alto, como a sensação existencial de estar vivo, pode se considerar consciência. Logo, percebemos que essa noção pode ser associada à compreensão de que a experiência é uma das formas que possibilita ao homem conhecer o mundo. Isso nos faz refletir sobre a trajetória do ser humano, desde o nascimento até a morte.

Segundo Koch (2019), a partir de descobertas e experiências vividas diariamente, desde os primeiros passos e os primeiros balbucios, os elementos de sentidos vão se constituindo, estruturando e edificando corpo e mente. Koch (2019) retoma o postulado de Descartes, que vincula a consciência ao pensamento de existência – a partir dessa dedução do filósofo francês é que surgiu o dizer "penso, logo, existo" (*Cogito, ergo sum*).

Essa visão da consciência como experiência nos possibilita entender que a maneira como o indivíduo percebe o mundo está diretamente ligada à experiência. Nesse aspecto, o Vegetal como ampliador da consciência oportuniza experiências que conduzem o sentimento do ser em relação à sua própria vida.

Segundo o pensamento de Koch (2019), as experiências são dotadas das propriedades informativa, integrativa e definitiva, que possibilitam a expansão. A informativa se refere à forma, à percepção das informações, das cores, da noção quantitativa e de composições fenomênicas e específicas. Nessa dimensão, incluem-se as manifestações olfativas, auditivas, táteis etc. A segunda propriedade é a integrativa, que se refere à experiência holística e unitária nas vivências em que não se vê apenas uma parte do corpo, pois abrange a integralidade, já que não se separa o corpo do espaço onde ocorre a experiência. Isso pode ser exemplificado quando alguém participa de uma sessão e, ao relatar o que sentiu, descreve a experiência integrada ao espaço e tempo, ou seja, o ser integrado ao conjunto de componentes presentes na experiência. A terceira propriedade trata do conteúdo e dos elementos espaço-temporais. Essa propriedade centraliza a percepção para a aprendizagem e a constituição da memória.

A percepção é potencialmente ampliada pelo efeito do Vegetal, o qual é comprovadamente inofensivo à saúde. Recorremos a alguns estudos acerca dos efeitos cerebrais

da Dimetiltriptamina (DMT) em humanos, uma vez que o chá Hoasca contém, além dessa substância, a harmalina e a harmina, as quais aumentam os níveis de serotonina no organismo e as conexões neurais.

Escobar (2012) afirma que essas substâncias atuam sobre o sistema serotonérgico, bem como nos diversos substratos neurais, promovendo o despertar da percepção sensorial, da emoção e de importantes funções cognitivas. Nessa dimensão, incluem-se a semiotização, o processamento de imagens mentais, dentre outros aspectos. Embora se trate de uma pesquisa vinculada às abordagens linguísticas cognitiva e discursiva, é necessário trazermos, aqui, informações para evidenciar os efeitos do Vegetal no cérebro, os quais influenciam no processo cognitivo do associado.

As percepções sentidas por meio da "burracheira" podem apresentar sensações consideradas psicodélicas, como miragens, visões ancestrais, sentidos aguçados etc. Essas percepções traduzem a manifestação psicoativa do chá. Conforme estudos de Escobar (2012, p. 29),

> [...] a ação específica dos psicodélicos, e da DMT, desse modo, sobre os diversos receptores envolvidos na neurotransmissão, promovem diversas alterações na cognição, afetividade e motivação, com reflexos sobre a memória, percepção, pensamento, vontade (volição), e em toda uma complexidade funcional da consciência humana, podendo promover impactos profundos na atividade humana, comportamento, e impactos orgânicos possíveis.

Essa ação é resultante da atuação da DMT no cérebro, pois, segundo Gaujac (2013, p. 3), a DMT é uma "substância que potencializa as sinapses entre os neurotransmissores do sistema nervoso central. Sua ação impede a neurodegeneração atuando na regulação de antioxidantes no processo de proteção das células cerebrais".

Estudos recentes de Timmermanna *et al.* (2022), apresentaram, a partir da neuroimagem multimodal controlada por placebo MRI-eletroencefalografia funcional (fMRI-EEG), que a DMT propicia experiências conscientes sem diminuição de vigília, promovendo uma hiperconectividade global. Na visão dos autores, a ação de psicodélicos, como a DMT, equaliza os elementos de organização do cérebro, melhorando a experiência consciente e contribuindo para o funcionamento das atividades cognitivas no que se refere à linguagem e ao processamento semântico. Esse processamento semântico é o que, no nosso entender, contribui para a realização de escolhas, conforme pensamentos e atitudes, nas diferentes formas de atuação na vida.

Destacamos, aqui, os estudos realizados por Strassman (2013) que deram origem à obra intitulada: *DMT a Molécula do Espírito*. Nessa obra, o autor relata pesquisas que realizou com a injeção intravenosa de DMT em 60 voluntários, o que possibilitou avaliar os efeitos da substância em experiências místicas e de quase morte. A pesquisa evidenciou que os voluntários relataram terem vivenciado experiências significativas em relação à própria vida, por meio do efeito da substância e das orientações que ouviram no momento da prática.

Strassman (2013, p. 92) explica também que a DMT é produzida no nosso cérebro pela glândula pineal e constitui "a representação física de processos não materiais ou energéticos. Ela nos proporciona o veículo para vivenciarmos conscientemente o movimento de nossa força vital em suas manifestações mais extremas". A representação de que fala o autor corresponde ao momento em que o feto recebe a força vital após esta passar pela pineal, acionando a primeira carga energética de DMT. Strassman (2013) revela que a DMT é potencialmente liberada no nascimento como também na morte, com a saída da energia vital do corpo. Como a DMT está presente em nosso organismo, sua concentração na glândula pineal tem a função de fazer a intermediação com as experiências de meditação profunda, a psicose e as experiências de quase morte. Há também, na pineal, elevados níveis de serotonina, que se convertem em triptamina, constituindo-se como elemento psicodélico.

Nota-se, pela função da glândula pineal como fonte de produção da DMT, o motivo da denominação *molécula do espírito*. Além dessa função singular, o estudo revelou, ainda, que a pineal produz betacarbolinas, substâncias que atuam na mente de maneira significativa. A ação dessas substâncias inibe a neutralização da DMT pela monoamina oxidase – MAO do corpo, como acontece na ação da Hoasca. Na visão do autor, as plantas que possuem betacarbolinas, quando combinadas com as que possuem DMT, agem ativamente no organismo e têm efeitos prolongados no cérebro, promovendo a potencialização das conexões neurais, do estado de ânimo, do desenvolvimento dos pensamentos e da ampliação da percepção.

Todos os estados psicológicos obtidos com o uso da DMT, conforme evidenciados nos estudos aqui apresentados, nos levam a deduzir que as experiências sacramentais por meio do Vegetal são de grande relevância para promover as transformações do ser, quando mediadas pela linguagem, pois o uso das palavras e a significação (a construção de sentido) em estado ampliado de consciência promove maior intensidade de percepção e experiências profundas, que mobilizam as transformações internas pela via da consciência. No plano científico, o efeito do Vegetal – da "burracheira" – é uma experiência complexa, interna e coletiva, química e simbólica, na qual os diferentes níveis são unidos sob a égide de um valor central, o "conhecimento de si" (Melo, 2019, p. 220). Embora o ritual aconteça na forma de sessões com

participação coletiva, as experiências propiciadas pela ingestão do chá são individuais, podendo ser permeadas por visões simbólicas, carregadas de subjetivismo.

Numa forma mais descritiva, os estudos de Netto (2012, p. 25) evidenciam a noção da "burracheira" no sentido da espiritualidade como um instrumento de acesso ao conhecimento:

> O termo nativo "Burracheira" é o termo utilizado pelos sócios da UDV para descrever os efeitos do chá, ou seja, trata-se do conjunto de sensações físicas sentidas no corpo, mas também do processo de ampliação da consciência causada pelos fluídos da Hoasca. Mestre Gabriel é quem trouxe e definiu o sentido e o significado da palavra "Burracheira" como uma "força estranha", porque é uma sensação nova que a pessoa ainda não tinha sentido, é uma energia, a fluidez da espiritualidade. Disse ainda a respeito desta categoria nativa: "Vai conhecer coisas estranhas, que ainda não conhece". Neste sentido, ele está se remetendo ao mundo espiritual, já que a "Burracheira" conduz a pessoa para conhecer a espiritualidade e, em outros casos, para conhecer uma outra dimensão do mundo espiritual.

O desenvolvimento espiritual de que trata o objetivo do Centro abrange um conjunto de virtudes e potencialidades a serem conhecidas a partir do estudo de si, que se dá por meio do conhecimento do interior e seus reflexos pelas influências da exterioridade, constituindo aprendizados para a prática no âmbito do CEBUDV e fora dele. Há, nas possibilidades da concentração mental, a realização de reflexões e experiências individuais quanto aos pensamentos, sentimentos e ações, sob a ampliação da percepção promovida pela "burracheira".

A experiência individual propiciada pela "burracheira" é tida como uma "força estranha", não repetível, pois, a cada sessão, apresenta-se de forma singular e "suas especificidades advêm do "merecimento" de cada um na interação com o sacramento, cujo caráter soteriológico advém da "evolução do espírito" (Melo, 2013, p. 218).

A singularidade da experiência em cada ritual passa por processos cognitivos e emocionais, uma vez que a UDV é conhecida entre seus participantes como "a religião do sentir". E, por meio desses processos, o aprendizado se constitui, possibilitando, dentro de cada um, a reconstrução de significados pela ordem espiritual, o que o orienta a rever seus hábitos, formas de falar, de sentir etc.

> Quando uma pessoa tem uma experiência religiosa ou espiritual, ela é frequentemente descrita em termos de parâmetros cognitivos comportamentais e emocionais. É importante ressaltar que uma pessoa rotulará ou definirá a experiência de outras que são consideradas não-espirituais. A questão de medir os elementos subjetivos desse fenômeno é crucial, pois esses elementos não são imediatamente observáveis por um investigador externo [...] o conceito de certeza ou significado é elemento importante da espiritualidade (Newberg, 2014, p. 44).

Pode-se dizer que a doutrina trazida pela palavra mostra que a existência do ser humano (espírito encarnado na Terra) requer um "despertar espiritual", que pode ser favorecido pela conexão com a "ordem universal", com o poder da natureza, entendido como uma "força superior" proveniente do Astral e manifestado com o efeito do chá. Esse movimento se reveste do reconhecimento de si como "Criatura" diante do "Criador", ou seja, da possibilidade de ligação do "baixo" com o "alto" (Melo, 2013). Estudos já realizados pela autora, nesse aspecto, revelam que "a União do Vegetal é a doutrina que torna a substância um veículo de 'conhecimento', e não seu mero efeito químico no organismo, evidenciando o valor da sobremarcação simbólica que organiza a hipertrofia dos sentidos experimentados no rito" (Melo, 2013, p. 218).

Isso quer dizer que o sujeito se encontra sob dupla influência: das palavras ditas (a preleção feita) no decorrer da sessão e do efeito do Vegetal. Este atua como um instrumento que favorece o surgimento de diversos assuntos, sejam ligados ao ser humano, à realidade cotidiana, à natureza, à espiritualidade etc., uma vez que as percepções e os sentidos ampliados emulam as manifestações em falas e perguntas, nas sensações dos participantes, direcionando os assuntos.

No aspecto linguístico, a doutrina se realiza na/pela linguagem, colocando em evidência entes constitutivos de instâncias de enunciação, tais como o tempo, o espaço, os interlocutores, os lugares instituídos, o assunto etc. Todos esses elementos ativam processos cognitivos responsáveis pela atividade humana de construção de sentido. E, na UDV, nos rituais com o Vegetal, em momento de consciência expandida sob o efeito dos princípios ativos da Hoasca, a intensidade dos signos construídos faz da produção de sentido formas simbólicas e singulares no modo de ser e de viver, o que aciona com mais facilidade nos participantes da UDV o desejo de transformação de condutas conforme as orientações da doutrina.

Assim, a doutrina, sob o efeito do Vegetal, torna-se mais clara na consciência, trazendo à tona reflexões sobre como está o cotidiano (quanto ao que a pessoa pensa e como se sente e age), apresentando-lhe o que precisa aperfeiçoar e o que é positivo. Em busca de equilíbrio, o sujeito tem experiências que possibilitam identificar em si o que necessita ser aperfeiçoado, "por meio de reflexão e, idealmente, para além dela" (Melo 2013, p. 219). Assim, o ritual, na UDV, concebe a experiência mística propiciada pelo Vegetal como mobilizadora dos sujeitos, em consonância com valores sociais que visam à normatização do comportamento (Kjellgren; Eriksson; Norlander, 2009).

A atuação do Centro é pela via da consciência, do conhecimento de si e sua relação com/no mundo para um alcance mais efetivo do objetivo soteriológico, como mencionado por

Melo (2013). Esse caráter de desenvolvimento do ser humano no domínio religioso, a cada sessão, une a doutrina veiculada pela palavra e o Vegetal como elementos propulsores de mobilizações interiores dos sujeitos, que, consequentemente, manifestam-se em ações no meio social em que vivem. Diante disso, apresentamos a forma como a palavra é utilizada na UDV no próximo capítulo.

5. A ESPIRITUALIDADE E A FORÇA DA PALAVRA NA UDV

Ao buscar pela concepção de espiritualidade, deparamo-nos com diferentes proposições ao longo do tempo. É comum confundi-la com religião e religiosidade, como se observa na Idade Média, em que era definida como vida clerical e, somente a partir do século XVII, passa a significar vida espiritual ligada ao espírito. No entanto, ainda não existe consenso quanto ao seu conceito, tendo em vista os critérios de diversos campos de conhecimento, de ordem cronológica, geográfica etc. Nos estudos de Valle (2005), a religião consiste em um sistema que orienta condutas segundo preceitos de alguma instituição religiosa, possibilitando experiências subjetivas e o desenvolvimento de comportamento religioso, o que pode contribuir para a espiritualidade do indivíduo. E a religiosidade se caracteriza pela manifestação da crença construída por meio de uma religião.

A noção de espiritualidade está ligada ao que se denomina espírito. Nos estudos de Sheldrake (2007), o espírito consiste em ser imaterial, é a inteligência distinta de qualquer coisa física, sendo que o termo espiritualidade vem do latim "*spiritualis*", que equivale ao termo grego "*pneuma*", que significa espírito. Por se tratar de uma arena ligada à transcendência, de natureza não material, nota-se certa resistência na aceitabilidade de abordagem desse tipo de conhecimento no campo científico. O universo científico exige seguimento de normas e métodos vinculados a experimentos e comprovações de caráter empírico, o que, pela complexidade e indefinição de materialização e pela proliferação de conceitos e de fenômenos de que trata a espiritualidade, pode torná-la quase que inatingível enquanto objeto de estudo. Em razão disso, buscamos apresentar a noção de espiritualidade como um fenômeno possível de se conhecer, no tópico sequente.

5.1. Noção de espiritualidade

Sheldrake (2007, p. 5) apresenta uma visão que consideramos pertinente, neste estudo, a de que "o espírito pode ser conhecível, ainda que dito como não sendo nem material nem físico". Isso não significa que o conhecimento dos fenômenos intangíveis do ser seja integralmente acessível ou desprovido de mistérios, mas sua perspectiva questiona a exclusividade da visão mecanicista para explicar fenômenos ou fatos dos seres vivos. Sheldrake (2007, p. 23) explica que matéria é a "coisa-substância". Uma "coisa" é definida como "o que é ou pode ser um objeto de percepção, pensamento ou conhecimento". Nesse sentido, matéria

e espírito fazem parte de uma complexa composição da existência vital do ser humano que é passível de ser investigada.

Em consonância com essa ideia de composição material e física, Valle (2005, p. 102) afirma que a espiritualidade "assume o corpo e permite que o homem ultrapasse o nível biológico e emocional de suas vivências". Na visão do autor, não se trata de uma oposição entre a espiritualidade e o mundo corpóreo material, mas na vida encarnada no tempo e no espaço. A partir dessa visão, a espiritualidade é apresentada como multidimensional nas seguintes perspectivas: orientada para o criador; orientada para o mundo, ao evidenciar a relação do homem com a natureza; e a orientada para a dimensão humanista, que abrange o potencial humano. Por ser multidimensional, conforme Vaillant (2010), a espiritualidade funciona como um condutor de conexões de emoções que propicia aos seres humanos se unirem a outros seres humanos e que estabelece uma experiência com o divino, na singularidade com que cada pessoa a concebe. O autor acrescenta que a espiritualidade está alicerçada na base psicobiológica, na realidade das emoções humanas positivas, a exemplo da esperança, do amor, do perdão, da alegria, da gratidão etc.

Nessa mesma direção, Giovanetti (2005, p. 137-138) relaciona a espiritualidade à construção de valores e significados, pois

> [...] designa toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração pessoal e à integração com outros homens. O espírito nos permite fazer a experiência da profundidade, da captação do simbólico, de mostrar que o que move a vida é um sentido, pois só o espírito é capaz de descobrir um sentido para a existência.

As concepções apresentadas dão enfoque para propriedades subjetivas do ser humano, no sentido de que a noção de espiritualidade tem relação com os fenômenos psicossociais e cognitivos, com o campo das emoções, de maneira que possibilita a expressão da identidade de uma personalidade estruturada nas experiências no/com o mundo. Em consonância com essa abordagem, consideramos também os postulados de Stein (2003), que apresenta estudos numa visão fenomenológica,[8] considerando a estruturação do ser humano em três dimensões:

a) a primeira dimensão se caracteriza pela materialidade corpórea no tempo e no espaço, exercendo a concretude e a fisicalidade. Essa dimensão é considerada a

[8] A fenomenologia teve como precursor Edmund Husserl (1859-1938), no início do século XX, e seus pressupostos questionavam os métodos derivados das ciências naturais nas investigações dos diversos campos do conhecimento, por considerar que distanciava o conhecimento sobre a essência do ser humano e orientava esse conhecimento para a busca da instrumentalização do humano pelo uso da técnica, gerando uma crise em seus fundamentos. A fenomenologia de Husserl propõe uma nova visão metodológica integradora para compreender fenômenos do mundo e do ser humano (Oliveira; Antúnez, 2017).

roupagem da energia anímica do movimento integrada às demais dimensões. Além disso, demanda recursos materiais para a manutenção da vida, como a alimentação e outros elementos necessários a preservação da vida no corpo. Nessa concepção corpórea, Stein (2003) apresenta dois termos distintos (de origem alemã) para se referir ao corpo, sendo *Körper*, sentido de elemento tangível, físico. e *Leib*. para se referir ao corpo com capacidades de ação e reação, de sentir e se expressar etc. Na visão de Stein (2003), essa distinção evidencia dois polos integrados à dimensão corpórea, à materialidade e à intersubjetividade, o que possibilita compreender a forma expressiva do ser humano em decorrência do sentir.

b) A segunda dimensão é a psíquica, caracterizada pela energia vital que impulsiona o movimento corpóreo, ou seja, é a alma que funciona como um regulador das necessidades e desejos para a manutenção do corpo. Essa dimensão abrange também as emoções e os sentidos reativos a experiências com a exterioridade. Segundo Stein (2003, p. 643), "também no homem constatamos uma abertura sensitiva para impressões externas e internas, assim como a capacidade de reagir às impressões externas com movimentos e ações de tipo instintivo".

c) Além da psíquica, Stein (2003) apresenta a terceira dimensão, a espiritual, denominada *Geist*, que significa "espírito" em alemão, e comporta as posições valorativas. Trata-se da capacidade humana de exercer a liberdade de escolha, de refletir sobre si mesmo e de transcender, alicerçada em sua existência. Na visão da autora, nessa dimensão, encontra-se a consciência, que possibilita ao ser humano avaliar, decidir, se posicionar diante do outro, ter empatia, construir sentidos e (re)significá-los em meio a vivências, numa propensão intersubjetiva.

Essa estruturação humana, concebida por Stein (2003), nos possibilita compreender o homem em sua integralidade, que comporta processos complexos, ainda misteriosos quanto à sua constituição, bem como a relação entre corpo, mente e espírito. Destaca-se também a empatia, os sentimentos e a noção de alteridade, uma vez que a capacidade de questionar, aprender e racionalizar, por exemplo, são específicas do ser humano. Em razão disso, a autora enfatiza a relação constituída com o outro e com a exterioridade, e as manifestações subjetivas, que singularizam o ser humano. Em suas palavras, "o eu pertence a ele, como sujeito espiritual, pois com ele temos concebido uma consciência que constitui objeto, temos considerado o mundo externo como seu correlato; toda percepção externa se exerce em atos espirituais" (Stein, 2003, p. 109).

Pelo fato de a relação entre o ser humano e a exterioridade depender de um conjunto de processos cognitivos, a linguagem é parte constituinte no desenvolvimento dessa dimensão, pois está no movimento do ser humano e nas situações significantes e interativas, e compõe-se de subjetividade nos sentidos construídos. Pelas palavras da autora, "vivemos em um mundo que nos chega através dos sentidos e é precisamente por isso que percebemos (Stein, 2003, p. 97).

Em razão disso, Stein (2003) enfatiza a vivência como um componente mobilizador da constituição do ser humano, no desenvolvimento de se atualizar, processo denominado como atividade do "eu" espiritual em se transformar e poder transformar o mundo em que vive. É na vivência que o espírito direciona seus atos, alicerçados em valores; transforma pensamentos, ações; expressa sentimentos; significa suas experiências. Na visão da autora, o espírito é que possibilita uma abertura para a transcendência em pensar na origem da sua própria existência, em que todas as dimensões, corpórea, psíquica e espiritual, constituem a unidade, que faz com que cada ser seja singular. E, dessa forma, a dimensão psíquica funciona como um componente que integra o corpo ao espírito, promovendo as sensações e os estímulos, e favorecendo os atos espirituais nas vivências.

Na visão da UDV, o espírito ocupa um corpo e está no mundo para aprender, se aperfeiçoar, sendo que, para isso, é fundamental o despertar espiritual. Conforme Fabiano (2012, p. 171), "a UDV é uma religião espírita porque ensina o que é o espírito, em que o corpo é provisório e o espírito é permanente, imortal". Ele completa: "No corpo cabe um só espírito. Não há, pois incorporações de outros espíritos, como se ensina em algumas práticas espiritualistas".

Na UDV, trabalha-se com o alto espiritismo, pois abrange o processo de evolução por sucessivas encarnações do espírito na Terra para aperfeiçoamento até que se torne perfeito, puro na trajetória do desenvolvimento de potencialidades morais, intelectuais e espirituais. E esse processo se dá nas experiências vividas, com o conhecimento da realidade.

Nesse processo, a religião consiste no elemento que mostra o caminho para o aperfeiçoamento com a doutrina. A espiritualidade está ligada à existência do poder criador e das criaturas, no movimento das encarnações para evoluir espiritualmente, por meio da construção de virtudes, pois "o espírito traz em si a dualidade, a presença de duas forças espirituais do universo, a negativa (ou inferior) e a positiva (superior), sendo que o processo evolutivo consiste em superar essa dualidade para se chegar à unidade – a União da Força Superior, Deus, a Pureza" (Fabiano, 2012, p. 172). Nesse aspecto, a UDV tem como fundamento que a força inferior emite frequência energética sobre os sentidos do ser humano

para dificultar a sintonia com o sagrado, com a divindade. Assim, considera-se que a presença da força inferior (mal) é um elemento integrante da realidade, razão pela qual o desenvolvimento espiritual faz parte da dinâmica do livre arbítrio do ser humano quanto a qual frequência energética vai se conectar, ou seja, se vai obedecer à influência da força inferior ou da força superior, não sendo possível obedecer às duas ao mesmo tempo. Assim, o merecimento é construído perante à divindade no exercício que se faz do livre arbítrio.

A doutrina na UDV é transmitida pela palavra na forma oral e visa à construção de virtudes por um despertar espiritual de seus associados. Por se tratar de um ritual que integra o uso da palavra sob efeito do Vegetal, a experiência de cada participante envolve a construção de efeitos de sentidos.

5.2. Efeitos de sentidos com a palavra

A UDV tem como referência os ensinamentos do seu fundador, o Mestre Gabriel, que sempre demonstrou o compromisso com a palavra e a coerência entre o que ensinou e o que praticou, com o objetivo de promover a cultura da paz. A partir desse objetivo, a experiência da "burracheira", em meio à doutrina ministrada sobretudo pelo uso da palavra oral faz emergir a dimensão espiritual, no intuito de levar o sujeito a se reconhecer enquanto criatura diante do criador. A força discursiva mobilizada por meio da doutrina constrói elementos para reflexões e ações, decorrentes tanto da experiência na "burracheira" quanto das palavras que conduzem as orientações trazidas aos discípulos.

As mudanças nos modos de agir e de falar realizadas pelos sujeitos a partir dos ensinamentos recebidos na religião apontam para o atravessamento ideológico como fator determinante, inculcado pela via da linguagem. A maneira como funciona o discurso alicerçado nos construtos ideológicos faz com que a obediência aos princípios estabelecidos na UDV, por exemplo, seja um querer de transformação, internalizado como um dever de ser uma pessoa melhor.

Desse modo, "a religião constitui um domínio privilegiado para se observar esse funcionamento da ideologia, dado, entre outras coisas, o lugar atribuído à palavra" (Orlandi, 2003, p. 242). Para exemplificar, citamos uma situação discursiva de uma sessão, por meio da fala do Mestre Dirigente da sessão: "Em busca de **pecar** menos **até chegar à perfeição**, temos que ter o **pé cá** na UDV pra vê o que gente precisa melhorar [...]. Essa situação difícil **vai** passar e tudo **vem** melhorar" (Mestre Dirigente, 07 ago. 2021, grifos meus).

Nesse enunciado, há um jogo de sentidos com as palavras destacadas, que interpelam o sujeito a ter uma prática para o alcance do objetivo de "buscar a perfeição". Além disso, o uso do verbo "vai" é uma construção de sentido para fazer referência à situação de distanciamento; e o verbo "vem" é uma construção de sentido de aproximação em relação ao que virá, sendo, nesse caso, o termo "melhorar", considerado positivo. Isso revela formas de construir sentidos nos modos de dizer, segundo o significado ensinado no rito. Dessa forma, para se referir a termos desfavoráveis, tidos como negativos, utiliza-se o verbo no tempo passado, e, para se referir a termos de aspectos considerados positivos, o verbo é utilizado no presente.

A conotação do presente e/ou do passado na forma de usar os verbos está alicerçada na crença de que a palavra é que traz tudo para a pessoa ou leva/despede-se, segundo o ensinamento do Mestre Gabriel que vem sendo transmitido na doutrina da UDV.

A maneira como a palavra é utilizada na UDV abre possibilidades para a construção – apreensão, consolidação e manutenção – de diferentes sentidos, crenças e representações sobre a própria religião, sobre o sujeito e seu entorno, e, além disso, propicia a condução na forma não apenas de falar, mas também de agir, com base nos significados e valores constituídos subjetivamente por meio da doutrina.

Como afirma o filósofo e educador Bondía (2002, p. 20-21),

> [...] as palavras criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras.

Essas proposições de Bondía (2002) nos mostram o quanto as palavras podem dirigir as ações humanas, desde o norteamento de pensamentos, dos quais emergem sentimentos, até a mobilização do agir. Ele completa:

> E pensar não é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, **o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.** Todo mundo sabe que Aristóteles definiu o homem como *zôon lógon échon*. A tradução desta expressão, porém, é muito mais "vivente dotado de palavra" do que "animal dotado de razão" ou "animal racional". Se há uma tradução que realmente trai, no pior sentido da palavra, é justamente essa de traduzir logos por *ratio*. E a transformação de *zôon*, vivente, em animal. **O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra**, que

> todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra (Bondía, 2002, p. 21, grifos meus).

Isso reflete exatamente o que acreditamos: que é intrínseca a relação entre linguagem e experiência. Assim, a experiência que vivenciamos, em usos concretos, isto é, em práticas situadas, contextualizadas, pode influenciar as estratégias discursivas que desenvolvemos, pois nos deparamos com enunciados em que há um (ou vários) interdiscurso(s), ou seja, algo que já se falou em outro lugar, em outro tempo, e que revela que as palavras não são exclusivas daquele que as profere. Mas não nos prostramos passivamente diante disso, exercemos ações por meio da lingua(gem), concordando, discordando, emitindo réplicas, ainda que silentes.

Em consonância com Orlandi (2003, p. 32), as palavras com que lidamos "significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nossas palavras". Além disso, "o sentido é determinado pelas posições ideológicas e as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam" (Orlandi, 2003 p. 43).

Conforme apresentado anteriormente, a partir da posição ideológica, a formação discursiva determina o que pode/o que deve ser dito. Assim, as formações discursivas é que atribuem o sentido na materialidade do discurso. E, no caso da instituição sob análise, as ideias transmitidas por palavras, organizadas em enunciados, advêm do Mestre fundador e vêm sendo transmitidas aos discípulos desde o início da criação da instituição religiosa. Assim, a doutrina veiculada pela palavra nas sessões está centralizada no objetivo de formação dos seus sócios para a construção de novas formas de pensar, de dizer e de agir.

Pela doutrina da UDV, a palavra está na origem constitutiva do homem, na expressão das atividades humanas e carrega força própria. Por meio das experiências com a palavra nas sessões, cada um aprende mediante o sentir, que transforma os significados nos movimentos que a vida apresenta no cotidiano, e no que se refere ao plano dos mistérios, conforme ensinos ritualísticos.

Além do valor da palavra para seu cumprimento na prática cotidiana, aprende-se que é importante utilizá-la no sentido positivo, a fim de receber essa positividade nos movimentos da vida. Isso se verifica quando se utilizam, por exemplo, verbos, pronomes demonstrativos, substantivos, adjetivos e advérbios específicos (e não outros) para indicar os sentidos de aproximar, trazer ou distanciar, afastar, dependendo da intenção do falante segundo a doutrina.

Nos rituais de preparo do Vegetal, a palavra é utilizada com cuidado, pois carrega vibrações que podem influenciar no grau do Vegetal,[9] ou seja, as palavras lançadas no ar podem interferir na forma de a "burracheira" se apresentar em cada um nas sessões.

Tendo em vista a crença de que a palavra pode trazer tudo para quem diz, apresentamos no Quadro 1, abaixo, alguns exemplos de sentidos construídos com base na visão da UDV:

Quadro 1 – Exemplificação de efeitos de sentidos intencionados

Uso dos verbos		**Efeitos de sentido cosmológico**
Modalizador – chama a força que se quer aproximar ou trazer	Este ano **vem ser** próspero para nós.	**vem** – sentido de trazer prosperidade – Fala-se preferencialmente, ou seja, chama a força do que se quer.
Modalizador – despede a força que se quer – de despedir ou distanciar.	Este ano **vai ser** próspero para nós.	**vai** – sentindo de levar prosperidade – Fala-se raramente, ou seja, o verbo ir tem a força de despedir.
Uso dos pronomes		
Relacionamento com a palavra inferior (da negatividade)	**Aquela raiva** fez você agir de forma desequilibrada.	**Aquela** – sentido de distanciamento do que é inferior (a raiva)
Relacionamento com a palavra superior (da positividade)	**Esta paz** contribui para que suas ações sejam equilibradas.	**Esta** – sentido de presença, aproximação do que é superior (a paz)
Uso dos substantivos		
Escolhas, substituições	Eu me sinto **orgulhoso** por ser seu filho. Eu me sinto **honrado** por ser seu filho.	**orgulhoso** – carrega sentido inferior **honrado** – não carrega vibração inferior
O uso de advérbios		
Equilíbrio/desequilíbrio	Estou feliz **demais** com sua presença. Estou **bem** feliz com sua presença.	**demais** – carrega sentido de exagero **bem –** carrega sentido equilibrado
Possibilidade/ impossibilidade	Eu **nunca** consegui estudar o suficiente. Eu **ainda não** consegui estudar o suficiente.	**nunca –** possui sentido fechado de impossibilidade **ainda –** possui sentido de que fica aberta a possibilidade de acontecer
Uso de adjetivos		
Emprego considerado apropriado/inapropriado de sentido	Eu sou **grata(o)** pelo auxílio. **Obrigada(o)** pelo auxílio.	**grata(o)** – carrega sentido de gratidão **obrigado(a)** – carrega sentido de obrigação

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As frases apresentadas no Quadro 1 retratam formas costumeiras de falar tanto nos rituais quanto fora deles, no cotidiano. As escolhas lexicais são realizadas na comunicação após a construção individual de ressignificações, mediante a cultura vivenciada no Centro. Muitas das escolhas das palavras a serem utilizadas estão alicerçadas em mistérios conhecidos por meio de ensinos de histórias contadas na UDV, as quais não tenho autorização para apresentar aqui por serem reservadas ao rito religioso e aos graus hierárquicos de acesso.

[9] O grau do Vegetal é a forma como o efeito se manifesta nas pessoas. Pode se manifestar de maneira menos ou mais intensa, possibilitando clareza nos pensamentos, sentimentos.

Numa perspectiva metafórica, a utilização das palavras está associada, ainda, ao plantar e ao colher, devido ao seu poder de construir e destruir, de curar ou ferir conforme seu uso. Como o objetivo da UDV é ensinar a construir virtudes pelo ensinamento através das palavras, aliadas ao chá, as orientações nos rituais abrangem, para isso, o despertar do potencial humano. Demonstra-se pelas palavras, através de histórias e da prática do Mestre a superação de obstáculos, o plantio de bons feitos para a colheita de bons frutos. Ensina-se que a colheita como resignação é crucial para as travessias difíceis, ou seja, por mais que se vivenciem desafios na vida, o sentido espiritual de estar vivo para aprender e superar torna o indivíduo mais forte, compreensivo de que tudo tem um porquê. As palavras que lançamos e as ações que praticamos são instrumentos da dinâmica para as colheitas.

O estudo antropológico realizado por Silva (2016) traz apontamentos importantes no que se refere às experiências com a palavra na UDV. Segundo a autora, o mistério na "pá que lavra"

> [...] reside uma metáfora na qual a vida é comparada ao cultivo da terra: aquilo que se planta, se colhe. As palavras são como sementes de onde germinam os frutos para aqueles que as plantaram. Conforme a concepção caianinha, a força das palavras vem de seu mistério. Falar é em última instância, produzir frutos. A linguagem caianinha[10] reconhece a palavra enquanto instrumento e ação, como mediadora e causa de efeitos (Silva, 2016, p. 150).

Em um sentido mais prático, podemos entender, por exemplo, que, se tratarmos uma pessoa com desapreço, se a ferirmos com as palavras, estamos sujeitos a receber de alguém o que falamos ou fazemos. Assim, ao longo dos anos, os ensinos que envolvem plantio e colheita podem ser percebidos no cotidiano, para, então, sentir o que deve ser adotado mediante a crença construída.

Quanto aos mistérios das palavras, na UDV, costuma-se construir alguns entendimentos pelo processo de decomposição, como, por exemplo, quando se orienta nas sessões da importância do "estudo" para a vida da pessoa, trazendo o sentido "és tudo", pelo estudo vem tudo. Da mesma maneira, quando motiva os sócios de que através do esforço, é possível conquistar o que se necessita. Daí o mistério de que a força nasce do esforço – traduzido no sentido "és força":

> Argumento que a concepção de linguagem na UDV forma-se no encontro desta dupla dimensão inata e construída. Na UDV, a linguagem assume um caráter de substância: o mistério emerge como uma potência que lhe é imanente. Todavia, simultaneamente

[10] É o tipo de linguagem de quem é discípulo da UDV. Esse termo caianinho está ligado à origem do Mestre Gabriel em outra encarnação, em que era Caiano, que recebeu o conhecimento do Vegetal, que vem perpetuando ao longo das gerações.

> à imanência da força da palavra, tem-se a percepção de seu uso passível de correção, e assim, a UDV demanda um emprego consciente dos mistérios da linguagem (Silva, 2016, p.40).

No entanto, a forma de falar não é imposta como algo dogmático, que deve ser falado. Assim, essas escolhas lexicais são realizadas à medida que vão sendo sentidas, compreendidas e até comprovadas em algumas situações vivenciadas no cotidiano, pois não há uma cobrança de que os sócios falem conforme os sentidos positivos. Isso significa que, "na UDV, tudo pode e deve ser examinado: do Mestre à doutrina e para ver que ambos estão certos" (Souza, 2018, p. 58).

É importante observar que o uso exagerado das formas de falar conforme a decomposição para fins de aludir à descoberta de mistérios das palavras é considerado como o uso beato. Podemos exemplificar quando uma pessoa nunca diz "obrigado(a)" por um agradecimento, mas sempre "grato(a)". Construiu-se o sentido de que o mais apropriado para agradecer seja o termo "grato(a)", no entanto, não há uma proibição em falar "obrigado(a)". Embora a decomposição da palavra "obrigado" revele formação por "obriga", "briga", não significa que toda decomposição de palavras é propriamente a descoberta de um mistério, pois não há clareza do conhecimento da origem de toda palavra. O que pode haver é o sentimento pela percepção obtida por meio da "burracheira" e do exame individual na decomposição. No entanto, essa decomposição não possui relação com a base etimológica da palavra, mas, sim, com os sentidos construídos a partir da doutrina udevista.

Nos estudos de Silva (2016), verifica-se que as palavras estão relacionadas aos pensamentos e aos sentimentos do falante e que, dessa relação, pode-se compreender que o estudo de si se apoia na crença, constituindo comportamentos guiados pela linguagem. No contexto da UDV, observa-se que se consideram, na construção de sentidos, o conteúdo, o contexto, o lugar de fala, bem como o motivo da fala, ou seja, a pretensão.

A aprendizagem do falar, o acesso ao conhecimento dos mistérios de palavras e outros saberes acontecem por meio de observações, pelo estudo, pela busca individual de cada um, alcançando os graus hierárquicos, porém, segundo Souza (2018, p. 58), "dentro da luz da burracheira – pelo grau e merecimento do discípulo –, é possível receber revelações, obter respostas que estão sendo buscadas no estudo constante que cada qual deve fazer" (Souza, 2018, p. 58).

O Mestre normalmente se coloca no lugar de aprendiz também e não entrega todo o conhecimento que possui, ele age de forma didática para motivar seus discípulos a buscarem

por respostas, a perguntarem. Souza (2018, p. 59) revela a face pedagógica do Mestre Gabriel de ensinar através das palavras:

> Eu não sei de nada, mas sei quem sabe de tudo. E, sabendo quem sabe de tudo, eu já sou um grande sábio. E é esse o método de aprendizado religioso da UDV: pelo estudo. O conhecimento não é entregue na bandeja; o Mestre diz que é preciso buscá-lo. Se entregue de mão beijada, a pessoa não o valoriza. É preciso trabalhar a memória.

As formas de utilizar as palavras e atribuir-lhes valor eram realizadas desde a época em que Mestre Gabriel estava vivo. Souza (2018, p. 59) destaca que essa fala demonstra o princípio contido nas parábolas ensinadas por Jesus de que "não se deve dar pérola aos porcos". E narra uma situação que vivenciou com alguns discípulos quando estava dirigindo uma sessão na presença do Mestre Gabriel:

> Certa altura, o Modesto (Alves de Souza) pediu licença para ir ao sanitário. Eu respondi: "**pois não**". **E ele não foi, ficou sentado**. Mais adiante, voltou a pedir a mesma licença, e eu repeti: "**pois não, eu já não lhe disse?**". **Mas ele, mais uma vez não foi**. Nosso idioma tem umas coisas engraçadas: as pessoas dizem "**pois não**" **querendo dizer sim**. Mas o Mestre Gabriel era cuidadoso com as palavras. Na sequência, o Zé Luiz pediu também, mas de outra maneira: "Mestre, posso ir ao sanitário?". E eu: "Pode". E ele foi. Mestre Gabriel, então, disse: "Está vendo? Quem não pede de um jeito, pede de outro". Entendi a importância do jeito de perguntar e do jeito de responder, a importância de usar a palavra certa (Souza, 2018, p. 36-37, grifos meus).

Além de Souza (2018), também apresentamos o relato do Mestre José Luiz quando conheceu o Mestre Gabriel e se interessou em beber o Vegetal:

> Zé Luiz: – O que é isso?
> Mestre Gabriel: – Isso é um chá.
> Zé Luiz – E para que serve esse chá?
> Mestre Gabriel: – Esse chá é um remédio pro espírito.
> Zé Luiz: – Remédio para o espírito? Taí, é a primeira vez que eu ouço dizer que espírito precisa de remédio!
> Zé Luiz: – Mas esse é bom pro espírito. A pessoa que beber esse chá fica mais perto de Deus. Aprende a conhecer Deus em uma dimensão maior do que conhecia até então, não importa qual seja sua religião.
> Zé Luiz: – **É atrás disso que ando**.
> Mestre Gabriel: – **É por isso que o senhor não encontrou ainda. O senhor anda atrás. Quem anda atrás só alcança se andar mais depressa do que aquele que vai na frente**. Pra encontrar, é preciso que vá um daqui pra lá; e outro de lá pra cá. Aí, encontra (Bonfim, 2022, p. 17-18, grifos meus).

Os relatos aqui apresentados retratam algumas faces das crenças e preceitos integrantes da UDV, evidenciadas na seleção, no uso e na construção de sentido de palavras, bem como nos efeitos de sentido historicamente apropriados por sujeitos da comunidade hoasqueira. A

partir desses relatos, podemos perceber a utilização da face humorística da palavra “resenha”, cujo significado é distinto do que encontramos no saber acadêmico-científico. A resenha na UDV são as brincadeiras com as palavras, o jogo de sentidos construídos e suas formas de empregar.

Para exemplificar, relatamos a seguinte situação que ocorreu em um núcleo onde foi encontrada uma cobra nas dependências da cozinha e, após os procedimentos de captura do animal, uma sócia perguntou: “Mestre, como que chama a cobra?”. E ele respondeu: “Eu não quero chamar ela não. Você quer chamar ela?! Eu não quero não; ela é venenosa, deixe ela no lugar dela”. Todos riram e a jovem corrigiu: “Qual é o nome da cobra?”. E ele respondeu: “Ah, sim, é Cainana”.

Em outro momento, quando as pessoas se confraternizavam após a sessão, havia um pudim na mesa e, então, o Mestre perguntou o que era aquela sobremesa, e as pessoas que estavam perto responderam: “É pudim”. Na mesma hora, ele retrucou: “Se é pu Dim, não pode ser pra mim? Ah! Eu vou pegar um pedaço pra mim, isso tudo não pode ser só pu Dim!”.

Ao olharmos para essas marcas linguísticas na UDV, podemos dizer que a formação se dá pela informalidade, pela diversidade de abordar diferentes assuntos em que a palavra reflete diferentes enquadramentos para a ressignificação. Em suma, retrataram-se, aqui, alguns elementos já apontados nos escritos de Silva (2016), como, por exemplo, de que o sentido da palavra está além das intenções do falante, como se observa nos usos de “grato(a)” e “obrigado(a)”, ou seja, não há, necessariamente, correspondência entre o que se pretende e o que se fala, pois, normalmente, a intenção do falante em falar “obrigado” é de agradecer, mas, pelos ensinos da UDV, a palavra carrega uma força misteriosa de sentido, em que falar “grato(a)” é mais condizente com o significado de agradecer.

Na visão da autora, a escolha consiste em ter conhecimento dos mistérios das palavras e buscar a correspondência entre a intenção e a palavra. A dinâmica de aprender a falar nos mostra que há uma didática com força performativa que comporta certa metalinguagem na aprendizagem. Essa busca de performatividade na UDV consiste no uso das palavras retratando a realidade. Isso se verifica quando se manifesta um desejo de se realizar algo ou de se obter alguma coisa, e é orientado ao discípulo falar o verbo no tempo presente em sessões, por exemplo, dizer “quero agradecer” ao invés de “queria agradecer”. Embora seja comum dizer “queria agradecer”, “queria dizer tal coisa”, quando se trata de um desejo de realizar algo, há essa orientação quanto ao tempo verbal.

A ressignificação do que é dito/ouvido e interpretado para que haja a evolução espiritual decorre da articulação intrínseca entre pensamentos, sentimentos e a edificação do ser, ou seja,

da transformação do ser na interação, a partir do compartilhamento de experiências por meio da linguagem. Essa inter-relação no processo de aprendizagem possibilita a ressignificação, que faz com que o uso das palavras, considerando-se seus mistérios, tenha sentido para o falante, bem como o influencie na sua forma de agir.

A palavra, no aprendizado da doutrina no contexto da UDV, comporta sempre a prática do conhecimento, que se revela na singularidade de evoluir espiritualmente ao ampliar o significado do que se aprende. Essa singularidade se revela na forma de o discípulo se comportar a partir dos ensinos recebidos na UDV, quando se percebe a transformação no jeito de ser, de tratar o outro, inclusive através da manifestação de familiares, informando percepções de mudanças no que refere a alguns hábitos, a formas de se conduzir pacificamente na vida etc.

Segundo Souza (2018, p. 60),

> [...] o processo de evolução espiritual envolve não apenas aquisição de conhecimento, mas sua aplicação à vida prática. O conhecimento espiritual não é apenas informação; é preciso que seja fator de transformação da pessoa. Se for apenas um dado intelecto, não conduzirá à evolução espiritual. Por isso, dizemos que o conhecimento obtido pelo livro, por si só não gradua o espírito.

A doutrina, codificada também em preceitos escritos, mas prioritariamente difundida oralmente, advém da prática de pregação do Mestre fundador e vem sendo ensinada aos discípulos desde o início da criação da instituição religiosa. Assim, a doutrina da UDV por meio das palavras está centralizada no objetivo de transformação de seus sócios para a construção de novas formas de pensar, de dizer e de agir. A espiritualidade e a palavra estão ligadas ao desenvolvimento de virtudes, pois, conforme afirma Fabiano (2012, p. 172), “cada ato ou palavra emite frequência energética, estabelecendo sintonias negativas ou positivas, como uma das duas forças são de natureza diversa não se confundem”, e, por isso, é preciso ter autodomínio e até fazer sacrifícios que possibilitem o autoconhecimento, a fim de se aprimorar o livre arbítrio.

Nesse aspecto, os dados coletados apresentam, conforme o tópico sequente, o mapeamento representativo de mudanças nas formas de falar e de conduta de vida, segundo a percepção dos associados participantes. A Figura 9 apresenta, em esquema e de forma resumida, os processos desses elementos conceituados até aqui da seguinte maneira: a pessoa (espírito dotado de consciência) obtém experiências com a doutrina do Mestre, manifestada pela palavra aliada ao efeito do Vegetal (a “burracheira”). A união desses elementos nos rituais induz processos neurobiológicos e visões que envolvem a ampliação da percepção, da atenção bem como dos sentimentos.

Figura 9 – Processos com a palavra e o Vegetal

Fonte: Desenho produzido por Lucas Leal Ribeiro, em 2023.

Além disso, os sujeitos vivenciam experiências relativas a processos psicossociais nas atividades linguageiras, que envolvem crenças, desejos, historicidade e constrói sentidos, reconstruindo novos modelos e mapas mentais, ampliando a consciência de si e do mundo, e (re)significando a vida. Nesse sentido, os atributos do sujeito enquanto espírito podem ser transformados a partir de suas escolhas, de acordo com o processo de significação como produto da dinâmica interativa entre a pessoa, o Vegetal e a doutrina pela palavra, conforme veremos no capítulo 6.

6. ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada no período de 24 de agosto a 24 de setembro de 2023, por meio de questionário do *Google Forms*, divulgado nos grupos dos canais digitais dos núcleos brasileiros. O questionário (Apêndice B), contendo 25 questões fechadas, com campo para comentários opcionais, obteve 667 respostas.

A abertura do questionário para participação apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com as informações da pesquisa e as condições de participação, bem como a anuência de cada participante (Apêndice A). O questionário foi estruturado em três tópicos de coleta, sendo o primeiro o perfil do(a) sócio(a) na UDV, mapeado nas questões de 1 a 7; o segundo, a linguagem na UDV; e o terceiro, a formação humana na UDV.

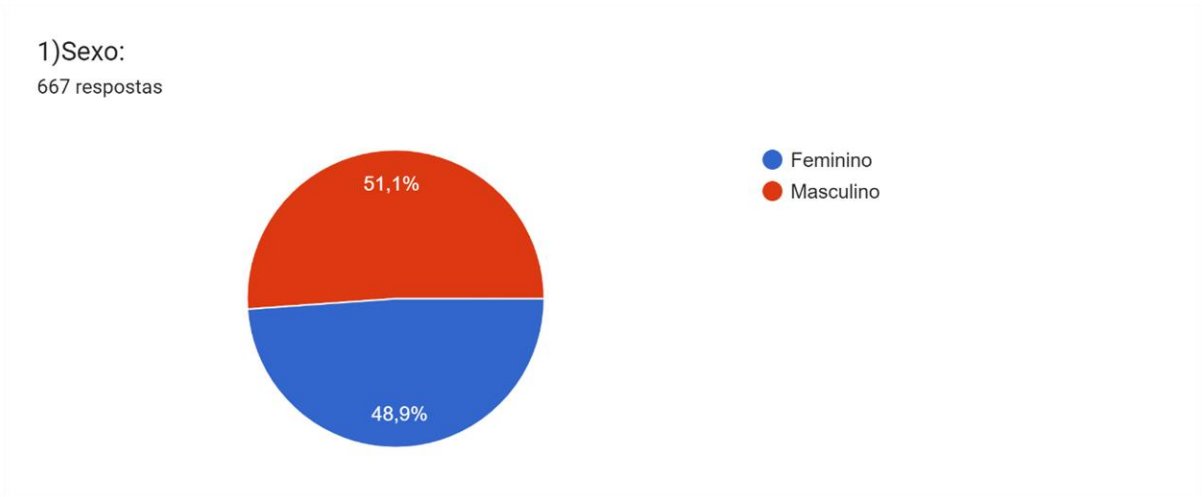
Buscamos utilizar também a ferramenta *IRAMUTEQ*, um *software* livre utilizado para análises de conteúdo, lexicometria e análise do discurso. Por meio dessa ferramenta, foi possível realizar o processamento de unidades de sentido de textos, no nosso caso, com os comentários, como forma de facilitar o tratamento dos dados coletados, evitando-se, assim, dispersões das informações. O processamento de dados pelo *software* consiste na conexão de sentido identificada nas unidades de textos pela frequência sequencial.

Neste capítulo, fazemos a exposição dos resultados quantitativos obtidos e os comentamos, tendo em vista o objetivo geral desta pesquisa de compreender a relação explicitada pelos associados entre as práticas linguageiras que se dão no transcurso de práticas ritualísticas realizadas no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal e suas percepções subjetivas quanto a transformações comportamentais e/ou de perspectivas de vida.

6.1. Exposição de dados quantitativos

Na primeira questão, observamos que 51,1% são homens e 48,9% são mulheres, sendo, 341 homens e 326 mulheres.

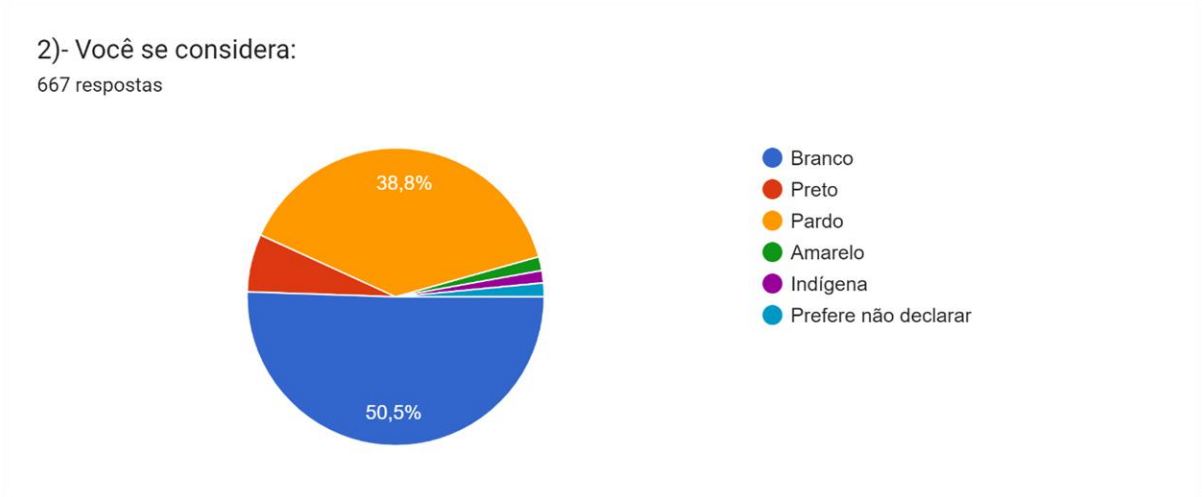
Gráfico 1 – Sexo



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Na segunda questão, buscamos saber como cada participante se considera quanto à etnia e obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 2 – Representação étnica

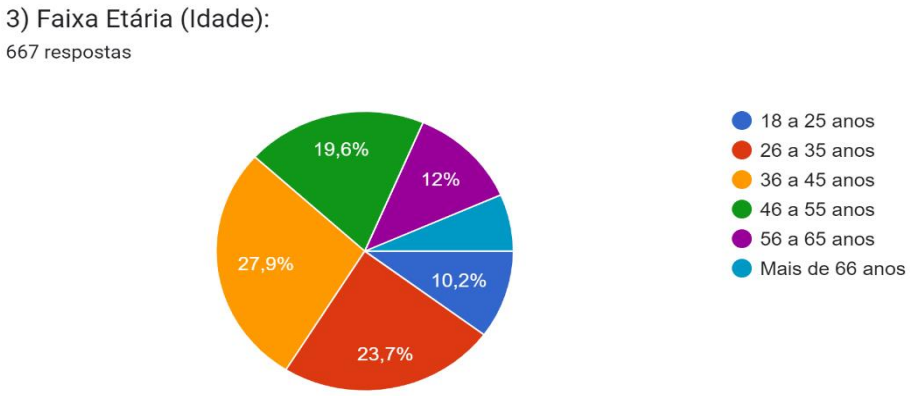


Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Dos participantes, 337 se declararam brancos (50,5%); 259, pardos (38,8%); 42, pretos, (6,3%) e os demais 1,3% e 1,5 % se declararam indígenas e amarelos, respectivamente. Desses participantes, 1,5% preferiu não declarar. Embora, inicialmente, a instituição tenha iniciado suas atividades na Floresta Amazônica, com participação de pessoas pardas e indígenas da região, a pesquisa evidenciou um quantitativo maior de pessoas que se declararam brancas, representando um público diferente dos que estiveram no início da criação da UDV. Isso significa que, ao longo de seis décadas, a UDV vem crescendo e abarcando outros públicos, de diferentes etnias, procedências, faixas etárias etc.

A terceira questão evidenciou a faixa etária das pessoas participantes que compõem a UDV, que se mostrou diversificada.

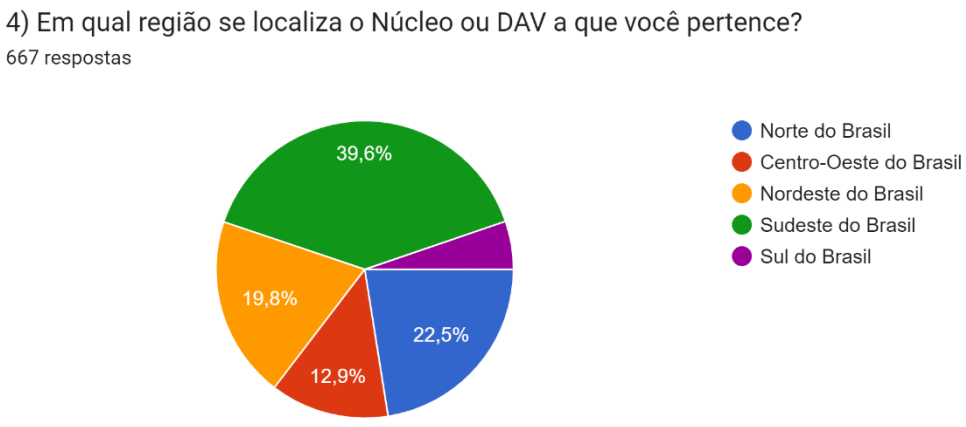
Gráfico 3 – Faixa etária



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Grande parte das pessoas pertencem à faixa etária de 26 a 45 anos, conforme os percentuais de 27,9% e 23,7%; na sequência, estão os da faixa de 46 a 55 anos, representados nos 19,6%. O quantitativo menor ficou na faixa etária de 18 a 25 anos e os que estão com mais de 56 anos de idade. O perfil evidenciado nos mostra que se trata de um público diverso, heterogêneo no que tange à faixa etária, às experiências de vida.

Gráfico 4 – Região do Núcleo dos Sócios



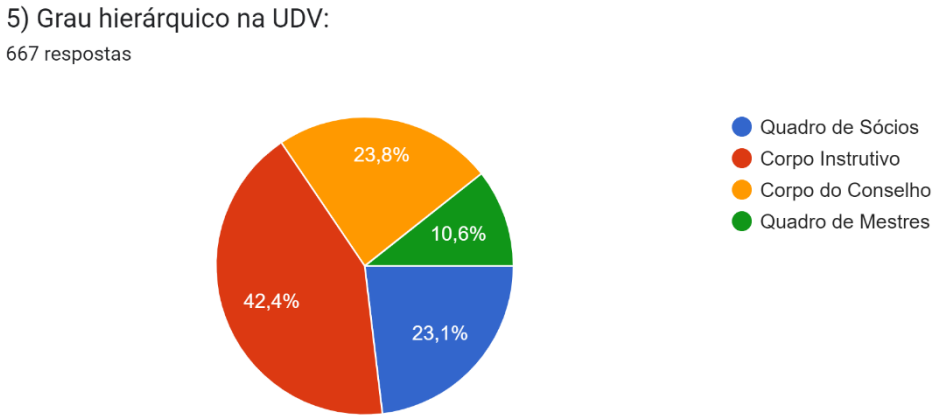
Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

No Gráfico 4, identificamos o pertencimento geográfico dos participantes, sendo que a maioria é das regiões Sudeste e Norte do país, indicada nos percentuais 39,6% e 22,5%,

respectivamente. Na sequência, o Nordeste com 19,8%; o Centro Oeste com 12,9%; e o Sul com 5,2%, mostrando a participação de sócios de todas as regiões brasileiras.

A diversidade geográfica também nos faz pensar que podem existir singularidades culturais nas manifestações linguísticas e nas formas de significar e até de reagir às interações na comunicação. Tomemos como exemplo as festas juninas realizadas no Sudeste e as realizadas no Nordeste: certamente, podemos nos deparar com particularidades nas formas de se manifestarem linguisticamente e nos aspectos culturais, como as preferências musicais, as formas de vestir, o fazer culinário etc.

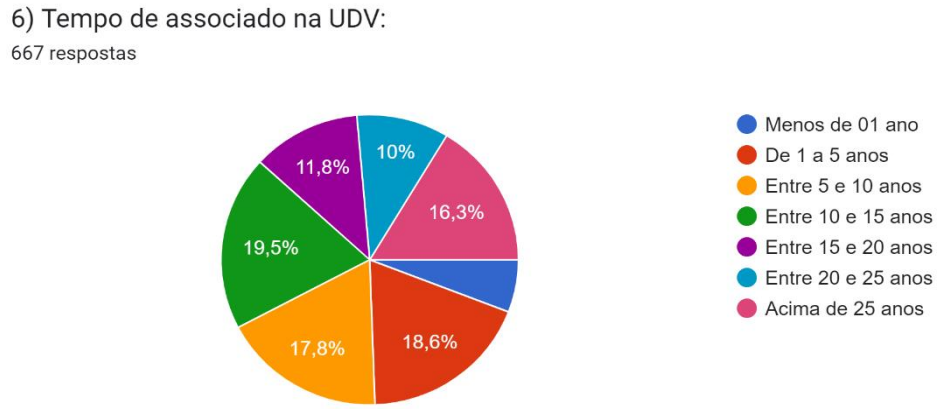
Gráfico 5 – Grau hierárquico no UDV



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Verificamos, no Gráfico 5, a participação de associados de todos os graus hierárquicos na instituição, desde pessoas do Quadro de Sócios até os dirigentes do Corpo do Conselho e do Quadro de Mestres. As percepções que a pesquisa apresenta indicam representatividade de pessoas de diferentes lugares hierárquicos na UDV. Nessa participação, verificamos que a maioria dos respondentes pertencem ao Corpo Instrutivo, indicada no percentual de 42,4%; seguida de 23,8%, do Corpo do Conselho; de 23,1%, do Quadro de Sócios; e 10,6%, do Quadro de Mestres. Isso é importante para flagrarmos diferentes perspectivas sobre a inscrição pessoal na instituição, sobre as formas de enxergar o macro e o micro desta, as práticas adotadas e a forma como estas são compreendidas e vivenciadas por cada sujeito.

Gráfico 6 – Tempo de associado na UDV

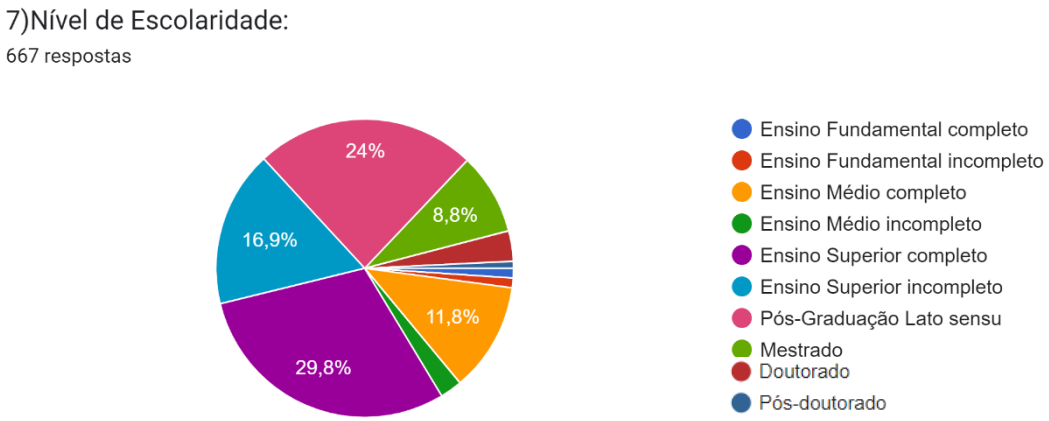


Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

O tempo de associado dos respondentes na UDV se mostrou bem diversificado, conforme se vê no Gráfico 6. Assim, podemos contar com a percepção de pessoas que têm pouco tempo de associadas e de outras que têm mais tempo. Como participante, é possível observar que as experiências na UDV, em relação ao período que as pessoas fazem parte da instituição como associados, evidenciam diferentes posições valorativas em relação à linguagem, pois as percepções de alguém que já esteja no Quadro de Mestre, por exemplo, apresentam visões de quem aprende, mas também de quem ensina pela palavra. A visão para responder se constitui de lugar de discípulo e de mestre.

A maior quantidade de associados foi expressa nos 19,5%, indicando o tempo de entre 10 e 15 anos de associados; seguida pelo quantitativo de 18, 6%, de quem está entre 1 e 5 anos; e de 17,8%, indicando que está associado entre 5 e 10 anos. O tempo acima de 25 anos foi representado nos 16,3%; de 15 a 20 anos, nos 11,8%; de 20 a 25 anos, nos 10%; e o menor tempo foi representado nos 5,8%, das pessoas que estão sócias há menos de 1 ano. Dessa forma, contamos com as percepções tanto de iniciantes quanto de quem tem décadas de inserção na UDV.

Gráfico 7 – Nível de escolaridade dos sócios



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

O Gráfico 7 nos mostra os percentuais do nível de escolaridade dos associados. Eles revelam que a religião de origem cabocla tem sócios com diferentes níveis de escolaridade, em sua maioria, com nível superior completo. Podemos entender que, pelo percentual de respondentes com mais de uma década de associados, há uma permanência significativa na instituição, o que nos leva a crer que haja razões para tal, como a identificação com os ensinos, a percepção de benefícios, o sentimento de pertença, as quais podem ter relação com a forma de utilização da linguagem.

Conforme dados do gráfico anterior, 29,7% dos associados possuem nível superior completo; 24% possuem pós-graduação; 8,8% possuem Mestrado, 3,3% são Doutores; 0,7% representam os que são pós-Doutores – juntos, são 66,5% dos respondentes; 16,9% possuem ensino superior incompleto; por outro lado, apenas 1% possui Ensino Fundamental incompleto; e 1% tem Ensino Fundamental completo. Embora a UDV tenha origem de base cabocla, possui percentual significativo de sócios com elevado nível de escolaridade.

A partir da questão 8, buscamos mapear as percepções dos associados acerca da linguagem na UDV, pois, conforme a nossa pretensão metodológica, faz-se necessário retomar algumas abordagens teóricas.

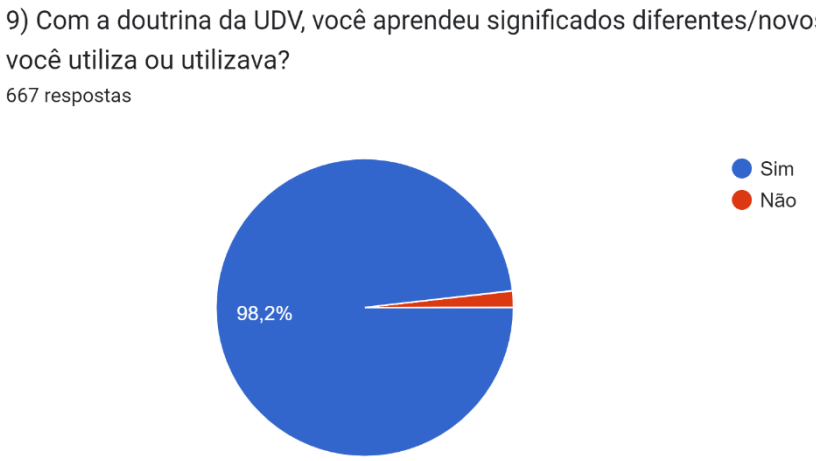
Gráfico 8 – Entendimento das falas em sessão

Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

O Gráfico 8 revela em que medida os associados afirmam entender o que é falado nas sessões, sendo que 68,8% informaram que sempre compreendem; 30,6%, frequentemente entendem; 0,6% raramente entendem. A subjetividade nas formas de entender o que é falado nas sessões é parte de um processo cognitivo individual, mas que envolve a ação do Vegetal na ampliação da percepção. Para se chegar à construção de crenças que levem a mudanças nas formas de pensar e agir, consideramos essencial haver a compreensão do que se ouve.

O objetivo de cada prática ritualística é de que todos sempre entendam o que é transmitido na sessão. Assim, a taxa expressiva daqueles que frequentemente entendem o que se fala permite deduzir que nem tudo que é dito é compreendido. No gráfico, 30% frequentemente "entende com facilidade o que é falado, e "compreender" é uma das capacidades cognitivas mais básicas (junto com "lembrar"), se não compreendem, certamente, não serão capazes de aplicar, analisar, avaliar etc.

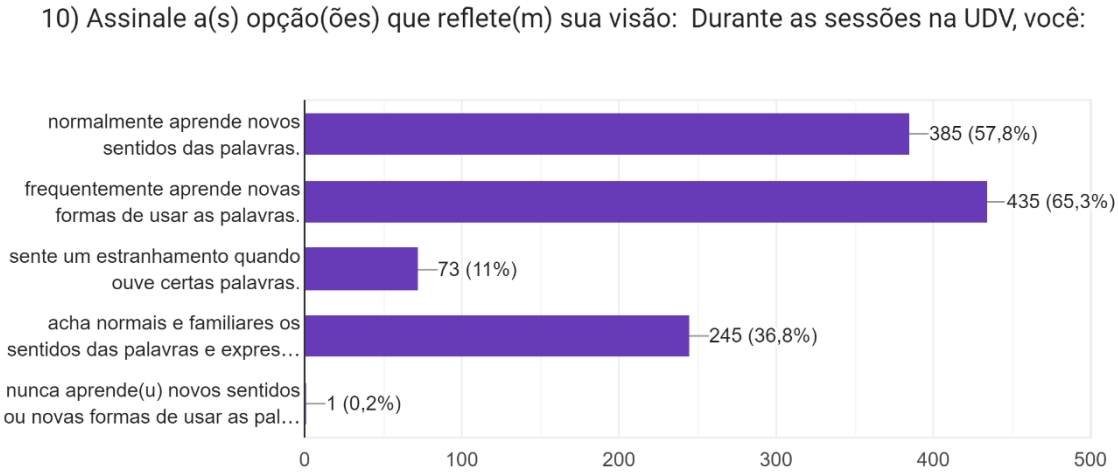
Gráfico 9 – Aprendizado de novos significados de palavras



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

O Gráfico 9 nos revela se os associados aprenderam novos significados de palavras a partir da doutrina da UDV. Conforme o percentual apresentado, 98,2% informaram que sim e 1,8% informaram que não. Podemos entender que a intenção do falante no lugar de ensinar algo não corresponde, necessariamente, ao entendimento do destinatário no momento da comunicação. Em outras palavras, nem todo associado considera que aprendeu novos significados de palavras com a doutrina nas práticas ritualísticas.

Gráfico 10 – Aprendizado de significados de palavras nas sessões



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Semelhantemente a essas percepções evidenciadas quanto a novos significados, o Gráfico 10 apresenta opiniões que refletem visões do aprendizado que ocorre durante as

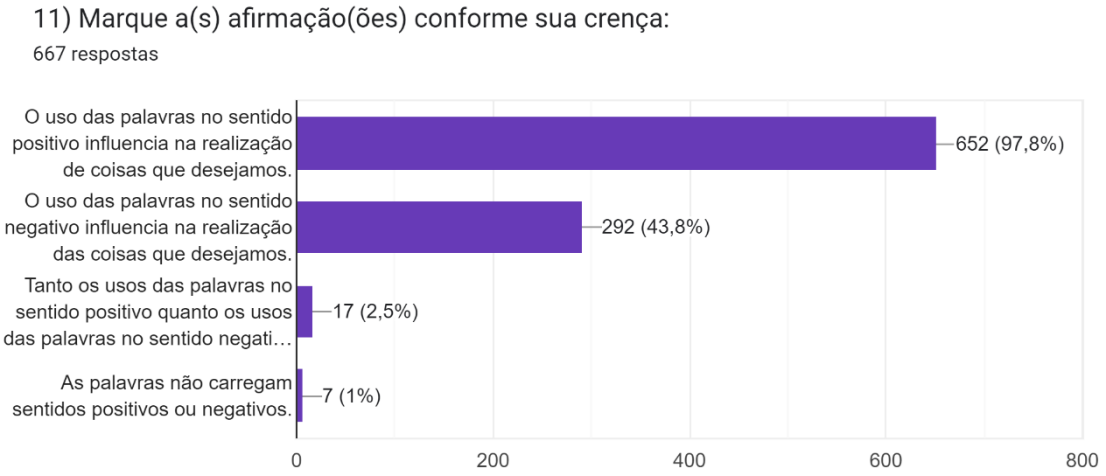
sessões. Das opiniões manifestadas, 65,3% dos respondentes informaram que frequentemente aprendem novas formas de usar as palavras; e 57,8% expressaram que normalmente aprendem novos sentidos. Isso nos possibilita inferir que, ao aprenderem novas formas de utilizar as palavras, os associados podem colocar em prática em algum momento nas interações do cotidiano, bem como ressignificar para si o aprendizado de novos sentidos, a partir da construção de crença durante a experiência.

Embora haja aprendizado de novos sentidos, 36,8% dos sócios consideram normais e familiares os sentidos das palavras e expressões. Trata-se, nesse caso, de identificação, concordância com o sentido construído. Os que marcaram que sentem estranhamento quando ouvem certas palavras correspondem a 11% dos respondentes.

Além desses resultados, verificamos que 0,2% consideraram que nunca aprenderam novos sentidos e novas formas de usar as palavras, tendo em vista que as mudanças ocorridas nas formas de usar as palavras, bem como na construção de novos sentidos estão diretamente ligadas a crenças.

O Gráfico 11 revela as visões dos sócios no que se refere aos sentidos das palavras:

Gráfico 11 – Crenças quanto aos sentidos das palavras



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

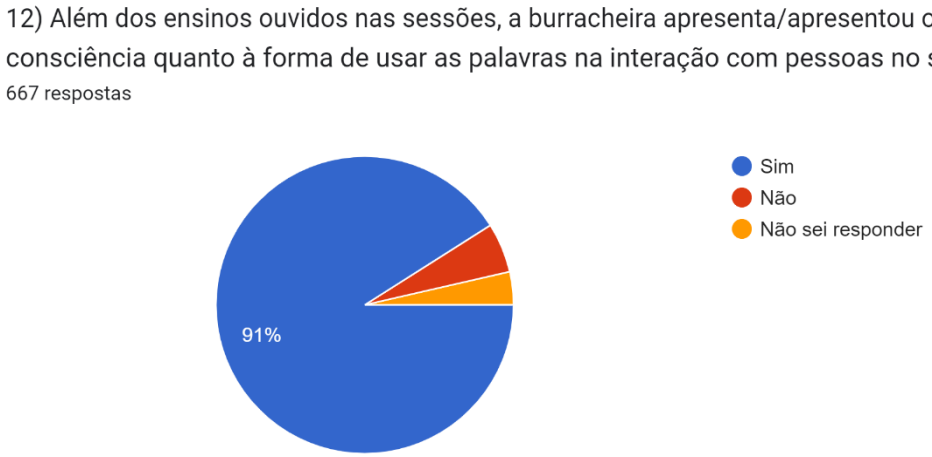
Com base nos dados do Gráfico 11, verificamos que 97,8% dos sócios apresentaram a crença de que o uso das palavras no sentido positivo influencia na realização de coisas pretendidas; 43,8% afirmaram que o uso das palavras no sentido negativo influencia na realização das coisas que se desejam; 2,5% acreditam que o uso tanto no sentido positivo quanto no sentido negativo não influencia na realização das coisas. Há também aqueles que acreditam

que as palavras não carregam sentidos positivos ou negativos, correspondendo a 1% dos respondentes.

Desses resultados, percebemos que a maioria possui a crença da existência dos sentidos positivos e negativos nas palavras, e suas influências na realização do que se pretende. Isso nos leva a refletir que a doutrina nos rituais no que se refere ao uso das palavras está sendo adotada na construção de crenças por seus associados.

Nesse aspecto, consideramos que as palavras ouvidas sob o efeito psicoativo podem influenciar sobremaneira a construção de sentidos ou de crenças, pois a ação do Vegetal é um potencializador das formas de significar o que se aprende nos rituais das sessões, por possibilitar sensações e experiências individuais. Trata-se do resultado dos ensinamentos pela palavra aliados à "burracheira", conforme percepções apresentadas no Gráfico 12:

Gráfico 12 – Orientações recebidas por meio da "burracheira"

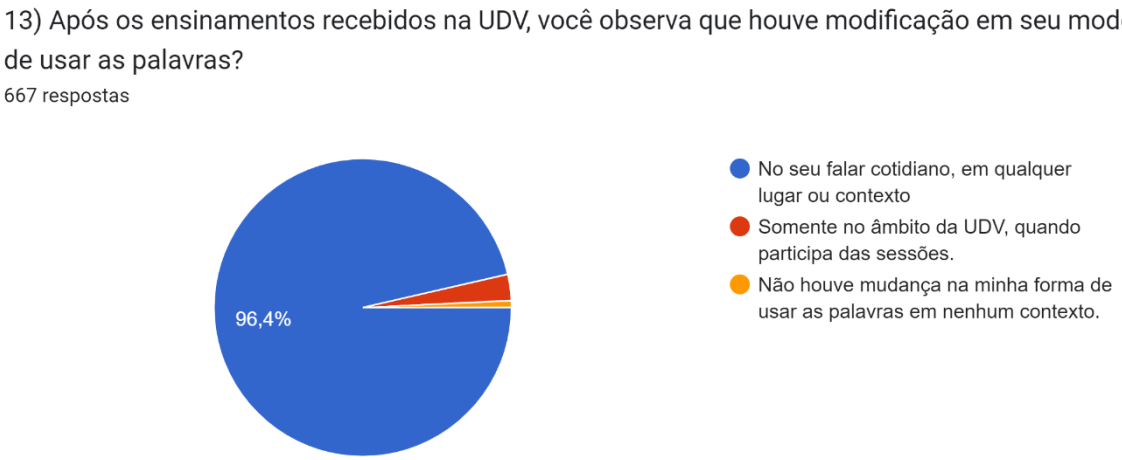


Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

As respostas apresentam que 91% dos associados percebem que recebem orientações na consciência quanto à forma de usar as palavras na interação com as pessoas no cotidiano; 5,4% informaram que não; e 3,6% informaram que não sabem responder. Essas percepções anunciam as possibilidades de algum aprendizado ser colocado em prática na comunicação cotidiana. A linguagem manifestada por meio das palavras verbalizadas no ritual, quando as percepções estão ampliadas pela ação do Vegetal, pode contribuir para a construção de sentidos e nas formas de agir a partir do aprendizado. Verifica-se, então, que a aprendizagem não acontece somente com as falas do Mestre, mas também com as reflexões realizadas no período da

concentração mental na vivência da burracheira. A aprendizagem pode influenciar na escolha das palavras a serem utilizadas, conforme respostas evidenciadas no Gráfico 13:

Gráfico 13 – Modificação na forma de usar as palavras



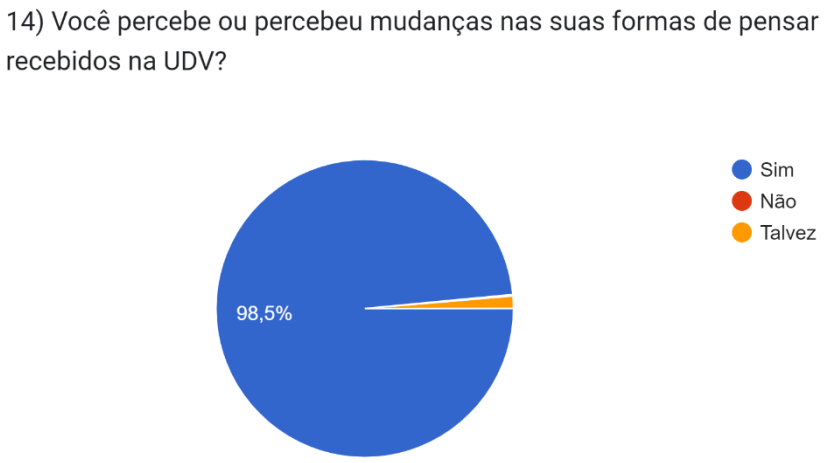
Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Foi possível identificar que, após os ensinamentos obtidos na UDV, 96,4% percebem que houve modificação na forma de usar as palavras. Isso pode incluir as escolhas baseadas nos sentidos positivos ou negativos das palavras, nos princípios transmitidos nos ensinamentos da cultura da paz, ou seja, nos objetivos individuais nas situações comunicativas, mas também na obediência aos ensinos recebidos nas práticas ritualísticas como discípulo religioso da UDV, afinal, o mais significativo dos ensinos é a prática no cotidiano.

Para demonstrar exemplos, alguns comentários revelam que as mudanças mais recorrentes tratam de substituições no uso da palavra “obrigada” por “grata”, no sentido de gratidão. A palavra “proteção” por “guarnição”, pois a palavra “proteção” carrega um sentido de cumplicidade, inclusive, com o que é ilegal ou corrupto, já a palavra “guarnição” possui sentido de guarnecer quem for, dentro da justiça divina. Há também a substituição da palavra “ajuda” pela palavra “auxílio”, pois alguns construíram o sentido de que “ajuda” faz referência a “Judas”, discípulo de Jesus, manifestando que “onde há Judas, há traição”, passando a utilizar “auxílio”. A palavra “tentar” foi substituída por “buscar”, tendo em vista a referência de que “tentar” vem de “tentação”, que possui sentido negativo, sendo que “buscar” tem um sentido mais positivo. Da mesma maneira, o ensino de que se deve evitar o adjetivo “danado”, sobretudo, quando se refere a crianças, por se vincular ao sentido negativo de “dano”, passando a ser substituído pela palavra “levado” ou por outra com sentido similar.

Esses exemplos manifestados na coleta de dados mostram que a sonoridade das palavras pode ativar campos de sentido e estimular a realização de concepções quanto à interpretação no aspecto negativo ou positivo. A percepção desse fenômeno é objeto de orientação na UDV e pode estimular a troca de uma palavra por outra com maior precisão conforme o sentido pretendido pelas pessoas que praticam tais orientações. Ainda que se trate de significado diferente dado pela formação lexical – como no caso de "ajuda", em que "há judas" –, a fonética é considerada na ressignificação para a escolha da utilização nas situações comunicativas, principalmente no âmbito do Centro. Semelhantemente, a essas mudanças na forma de utilizar as palavras, perguntamos acerca da percepção nas formas de pensar após os ensinos da UDV, e o Gráfico 14 mostrou que 98,5% afirmaram perceber tais modificações:

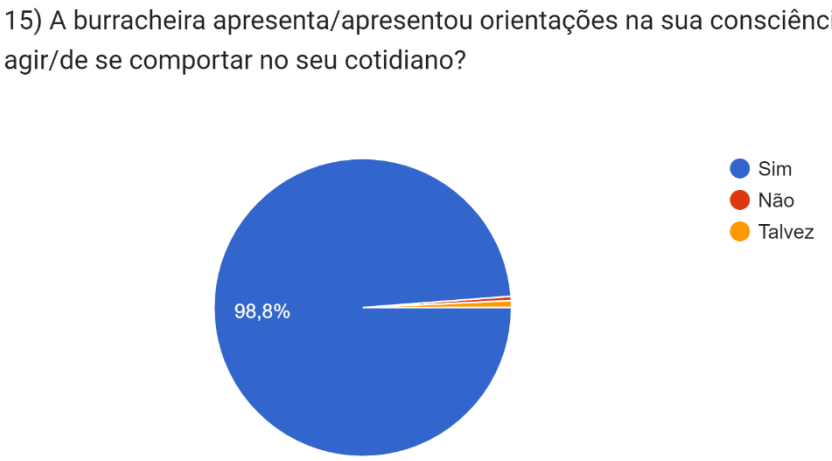
Gráfico 14 – Mudanças nas formas de pensar após ensinos da UDV



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Podemos compreender, a partir do percentual sobre as mudanças nas formas de pensar, que os associados podem ter realizado tais transformações devido ao sentimento de autorresponsabilidade quanto ao perfil comportamental, a partir de uma percepção individual por meio de reflexões. Os construtos das faces positiva e negativa também são considerados por eles quanto aos pensamentos, ao ato de compreender o outro e às possibilidades de buscar o aspecto positivo nas experiências ao invés dos aspectos negativos. Trata-se de colocar o foco nas virtudes de cada um em detrimento dos comportamentos que desagradam ou que não correspondem às expectativas daqueles com quem se relacionam.

Gráfico 15 – Experiências com a “burracheira”

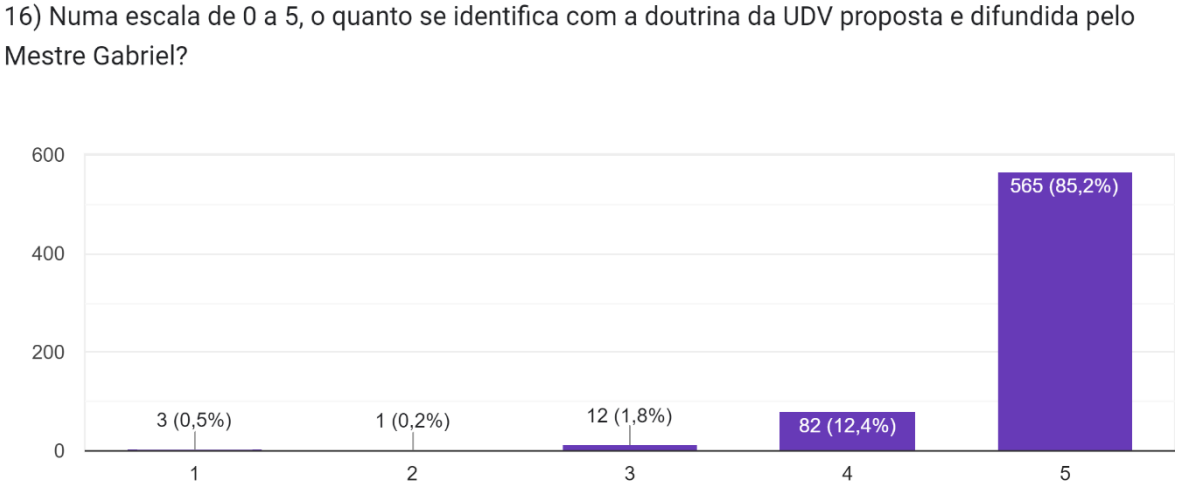


Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Com base nos dados do Gráfico 15, entendemos que, embora cada um sinta de forma singular a “burracheira” e construa um sentido fundamentado em valores individuais, o resultado indica dados de natureza coletiva expressiva na mesma direção. Assim, a experiência individual comporta resultados que expressam elementos de identidades coletivas. É como, por exemplo, termos um grupo de pessoas com o mesmo objetivo a partir de pensamentos e ações diferentes.

Buscamos também saber o quanto os associados se identificam com a doutrina do Mestre Gabriel, pois entendemos que a prática dos ensinos da UDV tem alicerce nos princípios e orientações do seu fundador.

Gráfico 16 – Identificação com a doutrina do Mestre Gabriel

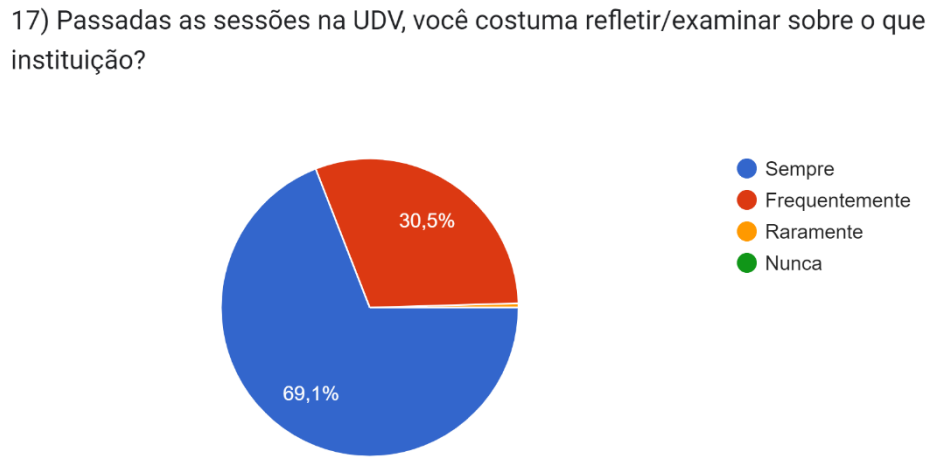


Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Conforme o Gráfico 16, na escala *likert* (proposta em que 0 é a menor medida de identificação e 5 corresponde à medida máxima), obtivemos o resultado de que 85,2 % possuem máxima identificação com a doutrina difundida por Mestre Gabriel; 12,4% marcaram 4 como medida de identificação; 1,8% marcaram 3 na escala de medida; 0,2% marcou 2; e 0,5% marcou 1.

Diante dos resultados, avançamos a hipótese de que a percepção das mudanças pelos respondentes, conforme apresentadas nos gráficos anteriores, se vinculam ao fato de estes, em maioria absoluta, se identificarem com a doutrina, com os princípios enunciados pelo seu fundador e consolidados, ao longo das décadas, pelos rituais e estratégias de comunicação empregadas com os sócios, tanto os mais antigos quanto os que vêm ingressando e permanecendo atuantes e interessados pelos preceitos religiosos, difundidos por meio, sobretudo, das práticas rituais com a linguagem oral.

Gráfico 17 – Reflexões a partir do que é ensinado na UDV



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Consideramos que a construção de sentidos passa pela vivência das experiências com a UDV, incluídas as reflexões sobre tudo o que é ensinado a partir da doutrina, cujo percentual é evidenciado no Gráfico 17. Dos associados participantes da pesquisa, 69,1% sempre refletem sobre que é ensinado na UDV, o que corresponde à orientação dada pelo Mestre Gabriel de examinar os seus ensinamentos. Os que frequentemente refletem estão identificados nos 30,5% e os que raramente refletem correspondem a 0,5% dos respondentes.

Podemos entender que pensar sobre o que é ensinado está no processo de assimilação/identificação com os princípios da instituição, mas também pode envolver contraposições, já que as pessoas podem avaliar, criticamente, o que ouvem. Essa reflexão envolve também os sentimentos, as crenças e as posições valorativas, que formarão um substrato responsável por promover (ou não) possíveis mudanças no perfil comportamental.

Propusemo-nos também a conhecer a postura dos associados mediante as reflexões sobre o que é ensinado, conforme exposto no Gráfico 18:

Gráfico 18 – A posição assumida a partir do exame do que é ensinado

Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

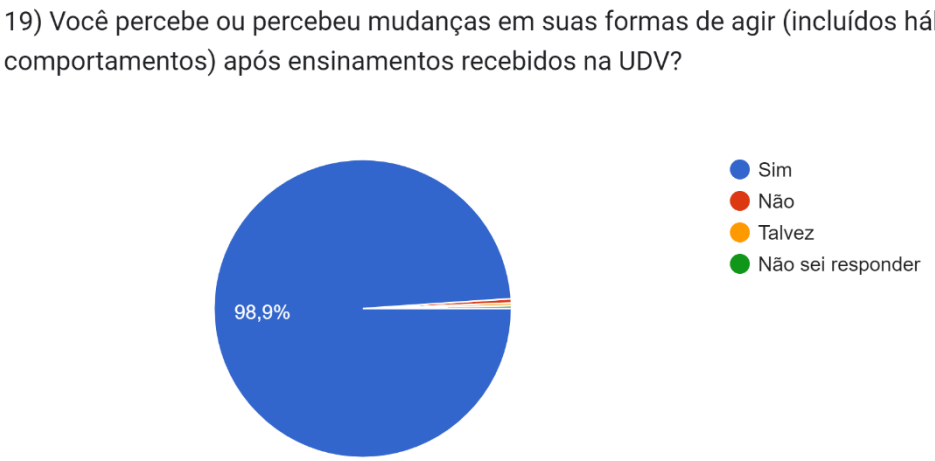
Diante dos ensinos, 76,3% afirmaram que frequentemente concordam com o que é ensinado; 23,1% marcaram que sempre concordam com tudo que é ensinado; e 0,6% marcaram que raramente concordam com o que é ensinado.

Nessa dimensão, refletimos também sobre as nuances entre o que é a doutrina do Mestre e o que é a opinião ou a interpretação da pessoa que está ensinando. Como os ensinos acontecem oralmente, consideramos a possibilidade de haver construções de posições ou argumentações que, necessariamente, não são do fundador.

A posição assumida, após reflexão do que é ensinado, corresponde à definição referente a se concordar ou não com algo, ou a tomar decisões a partir de aprendizados, o que depende da clareza ao olhar para si e para o contexto que justifique qualquer posicionamento. Nesse aspecto, convém retomar a orientação do Mestre Gabriel no Regimento Interno do Centro, em que consta que aquele que achar que o Mestre está errado não deve acompanhá-lo, ou seja, há sempre orientações para se examinar o que é dito.

A partir de reflexões sobre os ensinos, entendemos que a tomada de decisão sobre possíveis formas de agir no cotidiano se fundamenta em muitos deles, tanto nas posições valorativas quanto na construção de sentidos com base na crença udevista, na identificação com os preceitos, dentre outros aspectos. Diante disso, propusemos uma questão para verificar a percepção quanto às formas de agir, conforme elucidado no Gráfico 19:

Gráfico 19 – Mudanças no comportamento após ensinos da UDV

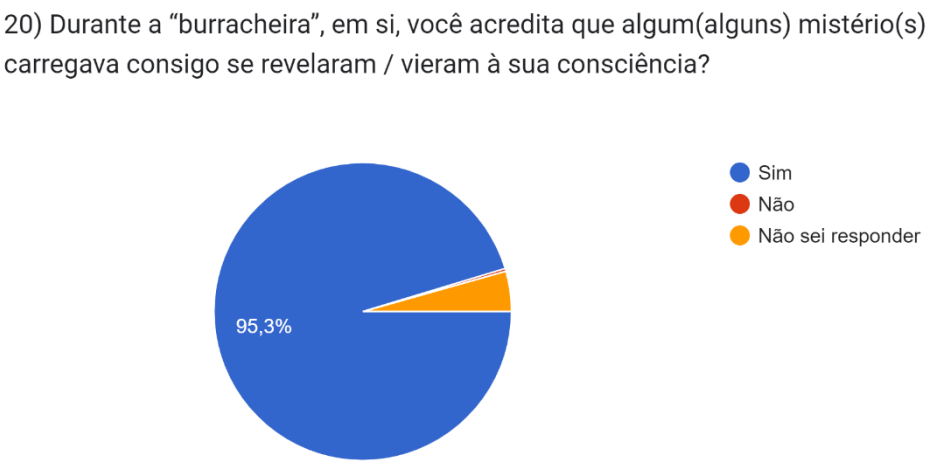


Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Identificamos que 98,9% dos associados perceberam mudanças nas formas de agir após os ensinos recebidos na UDV. Ao refletirmos sobre os escritos de Damásio (2019), entendemos que tais mudanças ocorrem diante da projeção de situações desejadas por meio do recurso à memória de eventos que despertaram sentimentos positivos (e vice-versa – a rejeição de comportamentos que trouxeram resultados ruins, a evitação de repeti-los, já que acionam memórias negativas). Isso pode ser um fator influenciador das mudanças comportamentais evidenciadas, uma vez que o domínio do sentir carrega marcas evocadas pela memória, o que determina também as escolhas nas formas de agir.

Nesse aspecto, além do efeito discursivo pelas palavras nas práticas ritualísticas, buscamos identificar a percepção dos associados quanto ao efeito do Vegetal em relação a dúvidas na busca pelo conhecimento que cada um tem, conforme o Gráfico 20:

Gráfico 20 – Percepção dos efeitos do Vegetal



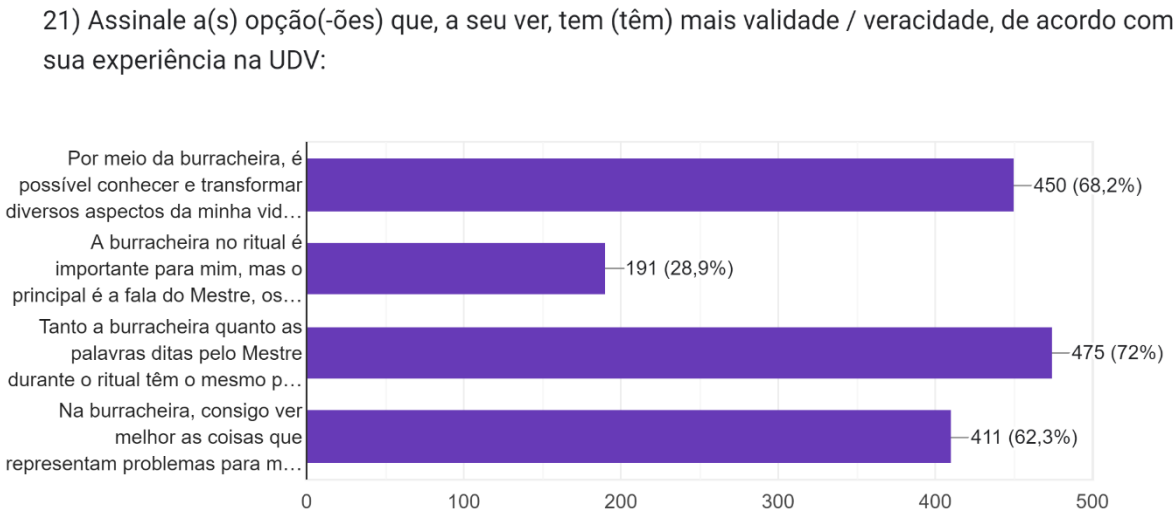
Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Os resultados apresentados no Gráfico 20 revelaram que 95,3% dos associados consideram que obtiveram o esclarecimento de dúvidas ou mistérios na consciência por meio da “burracheira”; 4,4% não souberam responder; e 0,3% não perceberam o esclarecimento de dúvidas ou o mistério nesse estado de consciência pós-ingestão da Hoasca.

Esses resultados confirmam os apontamentos, abordados no capítulo 4, quanto à ampliação de consciência durante a experiência com o Vegetal nas práticas ritualísticas. Podemos dizer, pelo aumento das conexões neurais, a ampliação da percepção promovida pela ação do Vegetal. Os elementos cognitivos são potencializados para o desenvolvimento de aprendizagens, de construção de sentidos e de compreensões a partir do conhecimento que cada um carrega consigo.

Assim, as experiências constituem elementos para a construção de sentido, razão pela qual consideramos importante identificar a função do efeito do Vegetal para as transformações nas formas de falar e de agir, conforme o Gráfico 21:

Gráfico 21 – Opções que retratam as experiências com a UDV



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

A questão 21 possibilitou obtermos informações quanto às experiências dos associados com a "burracheira" na UDV, sendo que 72% consideraram que tanto a "burracheira" quanto as palavras ditas pelo Mestre durante o ritual possuem peso no sentido de levar à transformação de consciência; 68,2% indicaram que, por meio da "burracheira", é possível conhecer e transformar diversos aspectos da vida e da personalidade; 62,3% percebem que conseguem ver melhor as coisas que representam problemas na vida e descobrem soluções que antes não viam; e 28, 9% indicaram que a "burracheira" é importante, mas consideram principalmente a palavra do Mestre e os exemplos que ele apresenta.

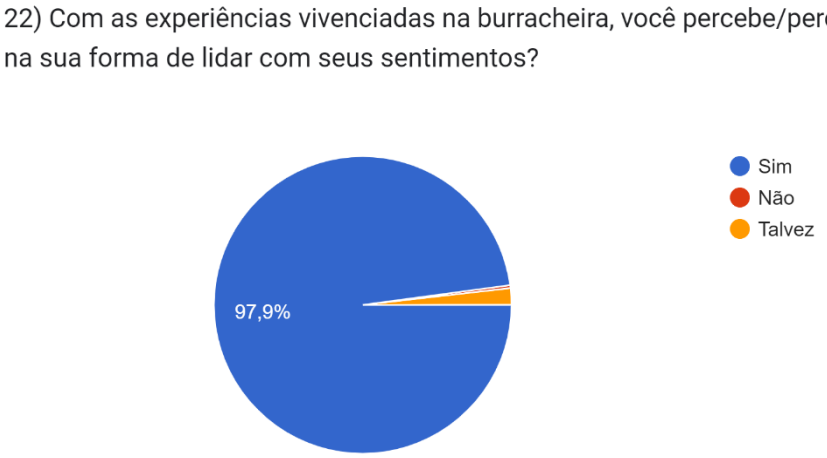
Com esses dados, identificamos que a opção com maior percentual é a que considera a "burracheira" e a palavra do Mestre com o mesmo peso no que se refere à transformação de consciência. Assim, pode-se compreender que tanto a palavra quanto o Vegetal são elementos essenciais para alcançar o objetivo precípuo da UDV de desenvolvimento do ser humano no sentido espiritual. A transformação da consciência por meio da clareza viabilizada pela ampliação da percepção com o Vegetal, certamente, facilita a construção de sentidos por meio das palavras. Isso significa que ouvir um ensinamento com a percepção ampliada é diferente de ouvir sem a mesma condição de concentração ou de sensibilidade.

Os outros dados da questão representam também, de forma significativa, o quantitativo de opções que retratam a função da "burracheira" em possibilitar a transformação dos aspectos da vida e da personalidade, bem como em contribuir para a clareza na resolução de situações. Com isso, as experiências, ainda que individualizadas, representadas neste estudo, nos mostram

a função da doutrina pela palavra aliada ao Vegetal como elemento de mobilização de possíveis transformações comportamentais dos associados da UDV.

Conhecida por muitas pessoas como a “religião do sentir”, não deixamos de considerar os sentimentos no processo de construção de sentidos a partir das práticas ritualísticas da UDV, razão pela qual buscamos identificar a percepção dos associados quanto a mudanças nas formas de lidar com os sentimentos, conforme o Gráfico 22:

Gráfico 22 – Percepção quanto a mudanças na forma de lidar com os sentimentos

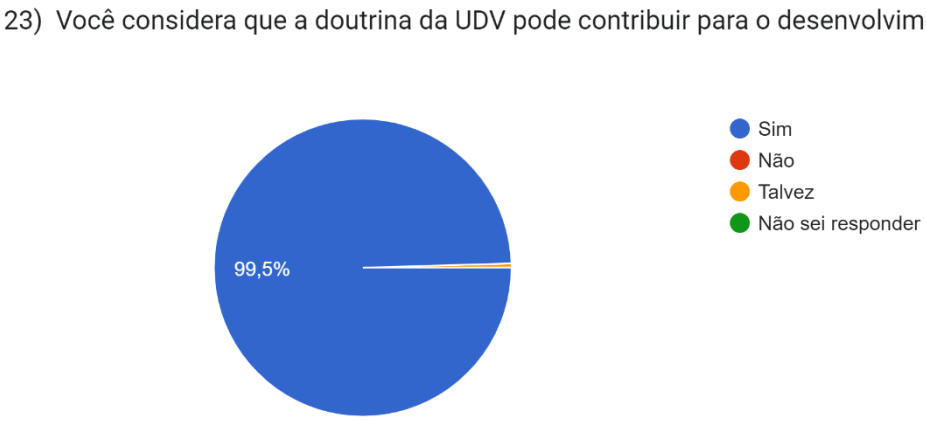


Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

As percepções apresentadas na questão 22 revelam que 97,9% consideram que houve mudanças positivas na forma de lidar com os sentimentos; 1,8% indicaram talvez; e 0,3% responderam que não perceberam mudanças. O alto percentual indicando a percepção de mudanças positivas nos mostra que a construção de sentidos se fundamenta no processo do autoconhecimento, viabilizado nas experiências de concentração mental nas práticas ritualísticas com o Vegetal. Em outras palavras, consiste em identificar o que sente, por que sente, a origem do sentimento e a consequência dele, para, assim, promover as mudanças que julgar necessárias. A dimensão do sentir é inerente ao ser e, certamente, tem sua estrutura afetada pela ampliação de consciência na ressignificação que mobiliza as mudanças.

Na questão 23, nos propusemos a identificar as percepções quanto ao desenvolvimento de virtudes.

Gráfico 23 – Percepção do desenvolvimento de virtudes



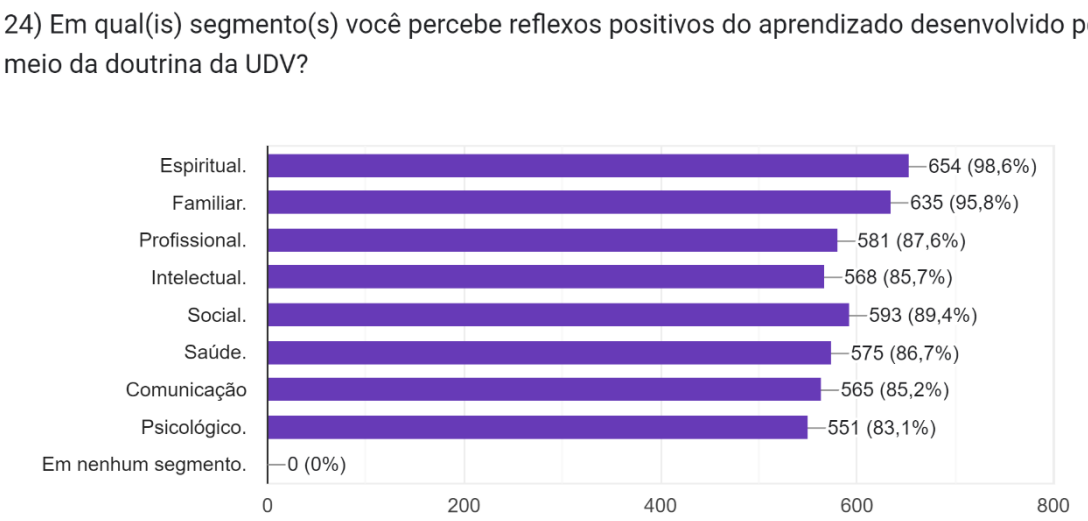
Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Os dados mostraram que 99,5% dos associados consideram que a doutrina da UDV contribui para o desenvolvimento de virtudes, sendo que 0,5% consideram que talvez possa contribuir. Isso significa, a nosso ver, que as práticas ritualísticas da UDV propiciam em seus associados a possibilidade de construir sentidos na ressignificação de pensamentos e de sentimentos, e de realizar mudanças nas formas de agir.

Esses dados evidenciados na questão 23 indicam a percepção quanto a um dos objetivos precípuos da UDV, que é o desenvolvimento de virtudes, e comportam as dimensões dos símbolos da instituição apresentados como Luz, Paz e Amor, uma vez que consideramos que o desenvolvimento de virtudes envolve sentimentos na experiência para a sensibilização interior na consciência, o que leva a mudanças de aspectos da personalidade.

Considerando os diversos segmentos com que se reveste a vida, buscamos conhecer as percepções dos associados quanto aos reflexos do aprendizado nos aspectos espiritual, familiar, profissional, intelectual, social, de saúde, de comunicação e psicológico.

Gráfico 24 – Reflexos do aprendizado nos diversos segmentos



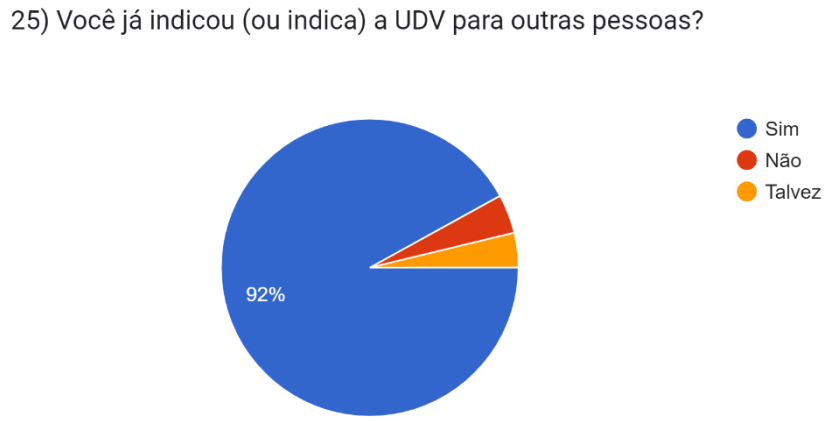
Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Com base nos dados do Gráfico 24, verifica-se que os associados percebem reflexos positivos dos aprendizados da UDV nos diversos segmentos, descritos numa escala bem expressiva: mais de 80%. Pelas percepções dos respondentes identificadas nesta pesquisa, é possível afirmar que estes consideram que houve transformações nas formas de usar as palavras, bem como na conduta de vida. Isso significa que os elementos do discurso religioso na UDV – a doutrina, transmitida precipuamente pela palavra, e o Vegetal – têm potencializado mudanças no significado de crenças e valores, e, consequentemente, nas formas de pensar, falar e agir.

Assim como na questão 23, as respostas do Gráfico 24 expressam resultados favoráveis quanto aos objetivos pretendidos pela UDV, pois apresentam um quantitativo significativo de associados que perceberam reflexos positivos nos diversos segmentos da vida. Nesse sentido, é possível identificar que a doutrina e o Vegetal são elementos que estão contribuindo para esses reflexos positivos, segundo as percepções dos associados.

Ao final, procuramos saber se os associados indicaram ou indicam a UDV para outras pessoas, conforme apresentado no Gráfico 25:

Gráfico 25 – Indicação da UDV para outras pessoas



Fonte: Formulário do *Google Forms* aplicado pela pesquisadora.

Como resposta, 92,5% já indicaram ou indicam; 4,2% informaram que não; e 3,8% talvez indiquem. A partir dos comentários, verificamos que a maioria que informou não indicar ou não ter indicado relata que as pessoas que sabem não demonstraram interesse; outros, disseram que só convidam quem pedir para conhecer. Há também comentários de que já indicaram para amigos e familiares, por terem expectativas de que vão ter boas experiências.

6.2. Análise dos comentários coletados

Após a exposição dos resultados quantitativos, buscamos discutir, neste tópico, os comentários, numa abordagem qualitativa, tendo em vista as concepções teóricas mobilizadas no presente estudo. A análise focaliza os comentários mais recorrentes das 12 questões relacionadas às percepções referentes à linguagem e às mudanças nas formas de pensar, sentir e agir.

As percepções identificadas nesta pesquisa nos revelam importantes aspectos atinentes à relevância da palavra (escutada, memorizada, introjetada etc.), a partir das práticas ritualísticas na UDV de que os associados participaram. Retomando a afirmação de Orlandi (2003), é necessário ver a palavra em movimento, pois as experiências tecem a historicidade de cada sujeito quanto à sua forma de significar. Entendemos que cada participante tem sua história de vida e carrega consigo experiências que, certamente, influenciam na forma de compreender o mundo e de agir sobre ele.

Incialmente, verificamos os comentários da questão: **Entende com facilidade o que é falado nas sessões das quais você participa na União do Vegetal?**

Embora 68,8% dos participantes tenham afirmado que sempre entendem o que ouvem nas sessões e 30,6% revelaram que frequentemente entendem, alguns disseram ter dificuldades encontradas, conforme a seguinte categorização:

Quadro 2 – Respostas categorizadas[11]

Tipo de dificuldade	Respostas
Problemas referentes a aspectos formais – qualidade acústica, sotaque etc.	Gravações com ruídos, termos regionais da cultura do Norte (Participante A). As vezes sinto dificuldade quando é gravação (Participante E). Sotaque do Dirigente (Participante C). Dicção dos mestres dificulta muito entendimento, TB percebo dificuldade em templos com problemas de reverberação do som (tratamento acústico ruim) (Participante S). Tenho um pouco de dificuldade com alguns áudios antigos que trazem as doutrinas (Participante T). Dialetos regionais (Participante L). A dicção de algumas pessoas em alguns momentos impossibilita uma compreensão maior do que tá sendo falado (Participante H). Já houve caso de não entender alguma expressão idiomática dos caboclos, ou em visita a outra região onde são utilizadas expressões diferentes (Participante K). Por vezes, em gravações do Mestre Gabriel ou mesmo dos Mestres antigos, certas expressões não são familiares para mim (Participante P). Aparelhagem de som desregulada e acústica do ambiente que não favorecia. Sotaques e jeitos de falar diferentes de outras regiões do Brasil (ocasionalmente) (Participante V). Tenho um pouco de dificuldade com alguns áudios antigos que trazem as doutrinas (Participante U). Mais relacionado à dicção (Participante N). As vezes que tive dificuldade de compreender o que é falado na sessão foi por falha nos equipamentos de som ou por dificuldade na dicção do dirigente (Participante Q). Alguns áudios colocados nas falas de Mestres, tenho dificuldade de entender. Ou pelo sotaque ou pela qualidade do som (Participante Z). Algumas gravações, pela baixa qualidade da mesma, não me permite um perfeito entendimento do que está sendo dito (Participante X). Quando tivemos uma sessão com um dirigente da região norte, a fala dele parecia muito anasalada ou "pra dentro". Não consegui entender quase nada. Tenho alguns amigos da mesma região e muitos tem essa característica na voz (Participante F). Dirigentes falando, muito baixo e com dicção, ruim (Participante J). Festas em terrenos vizinhos com música alta no mesmo dia e horário das sessões (Participante M).
Problemas referentes a aspectos linguísticos – incompreensão de vocábulos	Nas poucas vezes no início da caminhada que ouvi palavras que uso de outra maneira. Ex: tortura (coisa torta ou crime de mau trato) ou a palavra melindre (sensível ou ofendido). Mas poucas vezes e esclarecido em seguida (Participante B).

[11] As respostas foram transcritas como se encontravam, sem correção referente a aspectos normativos ou de qualquer natureza. Os participantes foram indicados por letras, a fim de lhes preservar a identidade.

	A simplicidade da linguagem do caboclo às vezes é difícil (Participante Y). Algumas palavras caboclas, como por exemplo "machucar" a memória, que tem um significado diferente do que normalmente utilizamos (Participante D). Por exemplo uma linguagem culta, dificulta o entendimento de alguns ensinamentos aplicado nas sessões, por não entender o significado de algumas palavras, cria dúvidas, que precisa ser perguntadas, principalmente pra quem é analfabeto. O caminho mais claro é a linguagem cabocla (Participante C). Desaire (Participante AC). Os documentos têm algumas passagens contraditórias, por exemplo quando diz que podemos até ser revoltados, mas não podemos ser revoltados (Participante BX). Os 9 vegetal (dificuldade em aceitar o linguajar caboclo inicialmente com a conjugação correta do plural) (Participante EG). No que se refere a palavras tive dificuldades no início com as concordâncias verbais e com algumas palavras que ainda não conhecia, a exemplo de esblandece, resplandece, desaire... mas me adaptei aos poucos e hoje acho tudo muito bom (Participante LC).
Problemas referentes ao conteúdo disseminado	Apenas quando intelectualizam demasiadamente a sessão ou trazem assuntos sem uma base ou origem devidamente comprovada (Participante JC).
Problemas do âmbito individual (memória, dispersão, etc.)	Memorizar chamadas (Participante PP). Quando não consigo estar tão concentrada e o assunto requer mais atenção aos detalhes (Participante DG). Na linguagem até que não tenho dificuldade de assimilar a borracheira com concentração, foco em cada momento da sessão, eu me distraio (Participante DX). Quando não consigo estar tão concentrada e o assunto requer mais atenção aos detalhes (Participante TR).
Problemas nas formas de responder.	Quando é respondido de forma pouco educada ou muito genérica (Participante RR). Dificilmente encontra com algum mestre que se preocupa se as pessoas estão ouvindo. As dificuldades em entender se devem à altura da voz, fala ríspida, mesmo com microfone (Participante TY). Alguns comentários feitos como brincadeiras ou piadinhas que somente alguns mais próximos do QM acompanham. Esses comentários são frequentes (Participante KX).
Inabilidade com o efeito do Vegetal.	Quando a burracheira cresce mais (Participante UL). Muita Burracheira (Participante NP). Quando a burracheira cresce mais (Participante GW). Alto tempo de burracheira já tive dificuldade em escutar o que estava sendo falado (Participante W).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Do ponto de vista mecânico, físico, da transmissão dos saberes doutrinários, conforme as manifestações coletadas, grande parte das dificuldades são relativas à qualidade acústica e a sotaques ou timbres de voz, o que revela a necessidade de se realizar aperfeiçoamentos na execução de áudios, bem como de promover aprimoramentos na expressão vocal (como a dicção, o ritmo) de dirigentes de sessão. Assim, a eficiência do entendimento entre interlocutores não se restringe a aspectos de significado, interpretação distinta do interlocutor,

mas também a disfunções técnicas em execuções de materiais sonoros e sotaques, e expressões com diferentes tons vocais.

Nesses casos, é pertinente considerar o aspecto perceptivo, pois envolve processos cognitivos relacionados à atenção, a capacidades sensoriais e, principalmente à maneira individual de compreender o que é dito quando se está sob efeito do Vegetal. Conforme escritos de Matlin e Foley, (1997), a percepção envolve a possibilidade de interpretação de sensações e lhes oferece sentido, uma vez que não há como afirmar que houve problema técnico referente à acústica em todos os casos.

Do ponto de vista do conteúdo, da mesma maneira, ocorrem problemas relacionados ao não entendimento de certos conhecimentos. Tais problemas apontam para disfunções na interação que correspondem ao fato de os interlocutores não terem uma bagagem compartilhada, faltando-lhes acesso a vivências prévias que respaldam novas (in)formações. Assim, as possibilidades de (re)significação pelos interlocutores, no ato da linguagem, estão vinculadas às suas contextualidades enquanto seres sociais – como seres concretos, cada nicho ou papel social ocupado pode contribuir ou dificultar para que a imersão e a compreensão da linguagem e dos rituais udevistas se tornem significativas.

Os problemas encontrados no aspecto individual relacionados à memória e a dispersões (falta de concentração) como fatores de não entendimento de algum assunto numa situação comunicativa, nos fizeram indagar: se não houvesse tais dispersões, o entendimento seria efetivado? Isso nos mostra quão complexo é o ato da linguagem, no sentido de que os interlocutores ficam expostos a diversos fatores que podem influenciar a efetividade do entendimento entre eles.

Os problemas indicados abrangem aspectos da subjetividade (como a interpretação, no ato de linguagem, uma vez que situações causam estranhamento, afetos ou desafetos). Tais situações envolvem elementos do que Charaudeau (2014) chama de "negociação de estratégias do 'eu' comunicante e das possibilidades de interpretação do 'tu' interpretante".

No que foi apresentado como um caso da inabilidade com efeitos do Vegetal no processo de interação, trata-se de processos referentes a experiências psíquicas. Ainda que o Vegetal propicie a ampliação da percepção, o que facilitaria a compreensão do que se ouve, cada sujeito sente de forma singularizada os efeitos do chá. Isso se configura como um potencializador da percepção, da atenção e dos sentimentos. No entanto, uma conjuntura complexa e individualizada em torno do processamento de toda a situação ritualística, dos objetivos de o indivíduo estar presente naquele contexto, do seu grau de engajamento com a religião e dos seus preceitos influencia, certamente, a efetividade da interpretação, da assimilação e mesmo

da enunciação sobre o que lhe passou (ou sobre como percebeu o que se passou), ou seja, o produto da interação e a forma de discursivizar a própria experiência corresponde a formas diferentes de dizer, na maioria das vezes, opacas, mesmo para quem enuncia (por exemplo, quando não compreende certas vivências místicas, quando não sabe precisar a forma como se alterou um comportamento a partir das vivências etc.).

A partir da questão acerca do entendimento das falas na sessão, foram requeridas dos participantes informações sobre o aprendizado, a partir da seguinte pergunta: **"Com a doutrina da UDV, você aprendeu significados diferentes/novos de termos ou palavras que você utiliza ou utilizava?".**

Como indicado pelo Gráfico 1, obtivemos como resposta quantitativa a manifestação de que a maioria aprendeu novos significados de palavras nas práticas ritualísticas da UDV, mas, para além do resultado quantitativo, as percepções manifestadas no campo dos comentários revelam aspectos relevantes, a partir da reflexão do participante. Assim, foi possível analisar posições dos participantes quanto aos sentidos possíveis da palavra e sua aplicabilidade no cotidiano, balizada na crença e no valor atribuído segundo o processo de aprendizagem na UDV, conforme apresentado pelo participante B:

> Os ensinos de UDV mostram como uma palavra pode ter diferentes sentidos e ser usada de diferentes formas. Acho essa percepção acurada fundamental quando queremos transmitir algo a alguém. A UDV ensina uma nova forma de falar, mais assertiva com o que queremos dizer. **Na UDV, treino a capacidade de ser objetiva e conseguir transmitir para o outro o que de fato quero transmitir.** Como é uma religião oral, treinamos naturalmente como explicar algo da melhor maneira, para atender a diferentes compreensões e servir ao propósito de determinado momento. Nesse sentido, o modo de usar as palavras que aprendo na UDV tem servido até para a minha vida acadêmica. Procuro usá-lo independente do contexto (grifos meus).

A percepção de B revela o resultado de uma aprendizagem linguageira que considera a metalinguagem e reconhece os diferentes efeitos de sentido presentes nas formas de falar e nas especificidades estratégicas de atender às diferentes situações comunicativas. Em consonância com Corrêa-Rosado (2014), podemos dizer que a fala destacada retrata a maneira de o participante utilizar a linguagem em seus contextos sócio-históricos, visando empreender efeitos de sentido conforme os objetivos propostos.

Além disso, verificamos, pelo relato, que há uma avaliação subjetiva conforme experiências individuais, "do sentido do eu" em praticar o que aprendeu em outros contextos além da UDV. Isso reflete o que Damásio (2000) aponta sobre os padrões mentais, que, dos mais simples aos mais complexos, reúnem o objeto e o sentido do "EU", de forma que os

mecanismos cognitivos são indiciados linguisticamente quando o "EU" se manifesta nas práticas linguageiras.

O trecho, a seguir, do comentário do participante J traz aspectos subjetivos do aprendizado:

> Neste aprendizado, de nos comunicarmos melhor para encontrar a facilidade nas coisas da vida, a experiência é fundamental. Acredito que todos nós que seguimos na UDV passamos por isso. **Nós testamos o uso de uma linguagem adequada, positiva e pacífica, e encontramos o resultado.** A escolha do uso tipificado do "udevês" (desculpe o neologismo, mas acho que dá pra entender o que eu quero dizer), também se dá com equilíbrio. Afinal, existem sentidos, nas origens de algumas das palavras que já conhecemos, que não devem ser revelados. Há um tesouro nesta descoberta (grifos meus).

De forma descritiva, observamos também certo enquadramento do tipo da linguagem da UDV na construção de um neologismo, revelando, inclusive, o conhecimento de algumas noções linguísticas no que se refere à formação de palavras. Isso se verifica ao considerar "udevês" como nome de um jargão específico, de um modo próprio de falar e se fazer compreender, de agir conforme um objetivo coletivo – o que revela, também, o grau de pertença aos conhecimentos partilhados pelos membros desse grupo. É importante destacar, ainda, na fala do participante J, o valor atribuído à aprendizagem dos sentidos de certas palavras a partir de sua etimologia, sua origem. Metaforicamente, J afirma haver "um tesouro nesta descoberta". Sua fala remete também à afirmação de Bondía (2002), de que "vivemos com a palavra", que é ela que nos torna humanos: "somos palavra". E isso faz com que os usos na prática sejam situados, contextualizados, de modo a respaldar estratégias discursivas que desenvolvemos.

Na fala de J, percebemos a presença, nos enunciados, de vários interdiscursos. Na concepção de Pêcheux (1988), trata-se de um conjunto de já ditos que sustentam a atualização de um "novo" dizer. Por exemplo, comunicar melhor é importante para uma vida mais harmoniosa ("quem não se comunica, se estrumbica"); testar as coisas é importante para bons resultados, ou seja, o mais experiente se sai melhor; certos mistérios não devem ser revelados, a não ser a membros de altos graus de iniciação (no caso de uma doutrina); a linguagem tem poder (por exemplo, de emular a paz) etc.

Os termos destacados indicam o que o participante considera como linguagem adequada a partir de aprendizado na UDV. Toda essa dinâmica, em síntese, retrata o que Orlandi (2005) defende: que as palavras não são exclusivas daquele que as profere. Assim, o movimento que fazemos com a palavra apresenta resultados além de nossas intenções, mas também conforme os sentidos que recebemos nas experiências interativas/intersubjetivas. Daí, podemos ver que

J., em suas experiências com a palavra, obteve resultados em suas práticas a partir de orientações recebidas na UDV, conforme evidenciado no trecho “Nós testamos o uso de uma linguagem adequada, positiva e pacífica e encontramos o resultado”, e ter um “resultado positivo” reforça sua crença na própria doutrina e no poder da palavra/da linguagem.

Observamos que o comentário de R. também manifesta o objetivo de melhorar a comunicação, bem como a preocupação com a clareza no falar com outras pessoas: “Os ensinamentos recebidos da UDV me auxiliaram a melhorar minha comunicação de uma forma geral, me proporcionando uma condição de falar de maneira mais assertiva e clara com as outras pessoas”. Essa postura demonstra uma busca por estratégias discursivas mais eficazes para as interações, o que inclui a escolha de palavras, o tom, as formas de articulação, tudo isso de forma reflexiva, num desempenho intencional. Suprir as expectativas de J. e de R. quanto aos objetivos da comunicação requer clareza no entendimento entre os interlocutores.

A concretização dessas expectativas na situação comunicativa (em que R. se reafirma como membro do grupo e assevera que participar das práticas ritualísticas lhe permite uma “fala de maneira mais assertiva e clara com as outras pessoas”) consiste no fato de este interlocutor entender a mensagem conforme a intenção do EU enunciador e se posicionar, simultaneamente, como um EU comunicante competente. Para isso, aparenta ter consciência de que é dotado de melhores estratégias discursivas (que antes não detinha), seja quanto ao tom, seja quanto à seleção lexical ou outro aspecto, visando atingir seu objetivo na comunicação e suprir as expectativas/necessidades do interlocutor. Essa dinâmica corresponde ao que Charaudeau (1995) defende: o projeto de fala consiste na expectativa do sujeito tanto em relação à sua intenção como enunciador quanto ao que/como infere ser necessário enunciar para atingir eficazmente seu interlocutor, moldando seu dizer por meio de estratégias discursivas apropriadas. Por outro lado, não basta essa visão estratégica do enunciador, já que o produto da interação não resulta apenas da competência de se comunicar claramente pelas estratégias, utilizadas, mas também de outros elementos explícitos e implícitos, como o contexto histórico situacional e as circunstâncias diversas de atos de linguagem não transparentes. Segundo Charaudeau (1995), no produto da interação, a linguagem não é transparente.

Buscamos saber também se, **após os ensinamentos recebidos na UDV, o participante observa que houve modificação em seu modo de usar as palavras.**

A maioria dos associados revelou que houve mudanças na forma de utilizar algumas palavras, exemplificando com as formas verbais “vai” (ir – 3ª pessoa singular – presente do modo indicativo) para se referir à unidade de sentidos de distanciamento de aspectos negativos e “vem” (vir – 3ª pessoa do singular – presente do modo indicativo) para se referir às pretensões

de aproximação de perspectivas positivas. Essas formas de utilização se fundamentam no ensino de que a palavra carrega uma força de trazer tudo para quem diz. Nessa lógica, pode levar também o que é indesejável. Em razão disso, entendemos que as mudanças nas formas de empregar esses verbos em situações comunicativas estão alicerçadas em sentidos construídos a partir da doutrina da UDV.

Do ponto de vista da recepção linguística, o que implica conhecimentos prévios de um léxico específico (jargão da UDV), algumas construções interpretativas de vocábulos – neologismos ou reanálises de vocábulos (como, por exemplo, “ajudas” x “há judas”) –, como itens do linguajar caboclo, podem não ser transparentes para todos, especialmente os iniciantes. Muitas vezes, a escolha por dizer “auxílio” ao invés de “ajuda” está no campo da significação construída pelo enunciador, pois há uma interpretação pela sonoridade que vincula a palavra “ajuda” à “há judas” em referência ao discípulo Judas que traiu Jesus. As escolhas, nesse sentido, nem sempre são ensinos de mistérios de palavras na UDV, mas alguns participantes realizam interpretações pessoais dessa natureza. Nesses casos, consideramos que o ato da linguagem não se esgota apenas com a interação entre interlocutores, pois, corroborando Charaudeau (2014), trata-se de uma interpretação em que a significação se dá conforme os lugares que cada sujeito ocupa na situação comunicativa. Existem fatores externos à interação que contribuem para a forma de interpretar, fazendo com que isso influencie o ato de linguagem.

Além desse aspecto linguístico da construção de sentido, entendemos, conforme preceitua Maturana (1998), que a significação, enquanto um fenômeno cognitivo, tem como alicerce os elementos constitutivos percepção, emoção e ação. Isso significa que as mudanças nas formas de falar não se restringem a uma mera mudança lexical ou articulatória, mas indiciam aspectos de uma construção identitária (quanto à pertença, ao compartilhamento de conhecimentos no grupo ao qual faz parte, aos afetos, aos aspectos do domínio das emoções etc.). Diante disso, a mudança no ato enunciativo decorre de um processo constitutivo que abrange o indivíduo de forma holística e se reflete em suas práticas de linguagem.

Os comentários dos participantes X, D e S revelam uma identificação de introjeção da premissa da própria doutrina quanto à força das palavras, conforme aprendizado na UDV:

> De modo mais pessoal, percebi que deveria parar de falar "eu sou ansiosa" ou "eu tenho ansiedade", pois **essas palavras imprimiam de maneira permanente esta condição em mim**. Passei a falar de outras formas que indicam o estado ansioso como algo momentâneo (Participante X, grifos meus).

> Na União **venho aprendendo que as palavras têm força** (Participante D, grifos meus).

> Conhecendo a energia das palavras nos alerta a **ter mais cuidado nas palavras** (Participante S, grifos meus).

Consideramos que a maneira de o sujeito se identificar com determinadas posições valorativas (axiológicas) em grupos sociais, bem como fazer escolhas nas mais diversas áreas da vida está relacionada à construção de sentidos a partir de sua visão de mundo e que esse processo é decorrente da significação revestida de atos da linguagem inter-relacionados a fenômenos psicológicos e sociais.

Retomando os fundamentos teóricos apresentados no capítulo 4, podemos entender que as mudanças relatadas pelos participantes X, D e S revelam um processo de significação nos domínios semiótico e semântico, pois, conforme Benveniste (2006), a língua constrói uma semântica própria, sendo que o fator semântico é decorrente da ação do locutor quando transforma a língua em discurso com o objetivo de possibilitar compreensão.

Conforme Benveniste (2006), no domínio semiótico, o signo precisa ser reconhecido e, no semântico, há um foco para o sentido nas construções discursivas escolhidas na comunicação. Entendemos, então, que os referidos participantes mudaram as formas de falar a partir do reconhecimento dos sentidos nas práticas ritualísticas (domínio semiótico), para, assim, realizarem as construções discursivas nas práticas linguageiras (domínio semântico).

No aspecto praxiológico, os participantes realizam, linguística e cognitivamente, as ações de semantizar e sintagmatizar, pois agenciam as palavras para se expressarem, por meio da apropriação de itens lexicais (alguns novos – como “burracheira”, “desaire” – outros já conhecidos, mas atualizados de novos sentidos, afetos ao ritual – como JC), fazendo com que a língua se atualize no uso, em novas situações comunicativas. Assim, a atualização faz com que sempre o ato enunciativo adquira novo sentido numa instância do aqui-agora. Assim, os dizeres de X, por exemplo, “percebi que deveria parar de falar ‘eu sou ansiosa’ ou ‘eu tenho ansiedade’, pois essas palavras imprimiam de maneira permanente esta condição em mim” retratam uma atualização de palavras já conhecidas, criando um novo efeito de sentido nessas construções discursivas, por exemplo, ao dizer que “as palavras imprimem uma condição” (materializando, como se fosse uma prensa à força exercida pela linguagem). Tais processos linguístico-cognitivos são importantes balizas do agir humano, do seu estar no mundo/agir sobre ele. Esse processo de inserção na UDV que levou os participantes a mudarem a forma de falar e de agir compõe-se por experiências intersubjetivas, pelo conhecimento partilhado de uma cultura, nesse caso, pelos ensinos recebidos.

Tendo em vista os escritos de Maturana e Varela (2001), observamos que o operar no mundo depende de elementos linguísticos e não linguísticos, bem como de corpo e mente, de

forma integrada. Isso significa que os participantes realizam interações através de processos cognitivos que possibilitam uma capacidade comunicativa, uma partilha de conhecimento de determinada cultura, manifestando a atualização de sentidos nas formas de usar as palavras.

No processo cognitivo de que trata os autores, incluem-se a percepção, a atenção e a emoção. Acreditamos que a mudança nas formas de usar as palavras se alicerçam também na percepção, na emoção de cada um quando desenvolve afinidades, sentimentos de pertença com relação à instituição da qual faz parte, com seus princípios e ensinos recebidos. Nos termos de S relacionados "a ter mais cuidado nas palavras" (no sentido de zelo, tratamento especial: as palavras precisam ser bem tratadas, olhadas com atenção, uma nuance positiva), podemos perceber a manifestação linguística desse processo integrado de que estamos falando. Numa face diferente, o sentido do trecho "tomar cuidado com palavras erradas" é buscar analisar com rigor o que se diz, para se evitar uma nuance negativa:

> Eu procuro falar observando as palavras que utilizo, mas tomo cuidado com palavras erradas que escuto com frequência na UDV para não usar no meu dia a dia, pois as pessoas que não são da UDV estranham, acham que estou falando errado e sou da área de educação (Participante G).

Noutro excerto, o respondente nos deixa inferir o "tomar cuidado com a palavra" (seu valor, seu poder) levando em conta a possível incompreensão do outro, mas há também aí uma visão de que a fala não padrão deve ser resguardada a certas instâncias, pois se opõem às que demandam a norma padrão:

> Procuro praticar o que aprendo na UDV em todas as áreas da minha vida. Dessa forma, minha resposta diz respeito a qualquer lugar ou contexto que minha percepção não indique que causará um estranhamento forte e geral por pessoas que não são da UDV. Exemplo disso é a escrita na norma-padrão da língua portuguesa, que é necessária para construir uma redação ao prestar um concurso (Participante N).

Assim, as respostas dos participantes G e N revelam, primeiramente, a busca pore utilizar as palavras conforme o que aprendem na UDV, desde que não causem estranhamento a quem não pertence à UDV, bem como em um contexto em que a norma padrão da língua portuguesa "deva" ser utilizada. Suas falas refletem posições valorativas, conforme suas crenças, sua (re)significação realizada a partir de percepções. Por exemplo, G explicita que usa as palavras com cuidado, porque a avaliação externa também conta, já que ela é da área da educação. Isso mostra que há uma percepção crítica relativa à absorção de saberes (linguísticos, mas, por extensão, também de outros âmbitos) na comunidade religiosa udevista.

No aspecto linguístico-discursivo, é possível entender que essas posições valorativas são decorrentes da interpelação existente nas orientações recebidas na UDV e em outros contextos além do religioso, pois o processo de constituição do sujeito compõe-se por diferentes práticas linguageiras, em diferentes esferas sociocomunicativas.

Na fala de N, "Procuro praticar o que aprendo na UDV em todas as áreas da minha vida", nota-se o resultado de atos persuasivos da linguagem na transmissão da doutrina, o que corresponde à intencionalidade socialmente condicionada no sentido de "fazer crer", conforme vimos em Charaudeau (1995). Por fim, ao dizer que usa o modo como é ensinado, mas "sem beatice", o participante demonstra uma meta-avaliação do comportamento, um senso crítico em relação ao que "aprende" na UDV, assim como indicado por G.

Com essas formas de se expressarem, os participantes demonstram consciência do papel/do valor da própria linguagem, pois, ao manifestarem preocupação pela possibilidade de estranhamento do outro em relação à forma de falar, eles colocam em evidência aspectos para além do simples processo de interação. Isso significa que o falante, na posição de enunciador, realiza conjecturas de possibilidades interpretativas do interlocutor/coenunciador – na cena enunciativa, essa avaliação é crucial para o sucesso da comunicação, como mostra o esquema de enunciação de Charaudeau (1995).

Nessa dinâmica enunciativa, há marcas da imagem de si que os enunciadores desejam representar, o que se mostra em relação a escolhas lexicais, em razão do contexto da situação comunicativa (conforme o trecho "acham que estou falando errado e sou da área de educação"). Retrata-se, portanto, de uma coconstrução dos sentidos, por meio de certos signos linguísticos, cujo uso cria marcas identitárias que levam ao reconhecimento dos pares.

O domínio subjetivo, quanto aos aspectos perceptivos, evidenciado por Maturana e Varela (2001), nos possibilita refletir sobre o comentário metalinguístico e metacognitivo de P:

> Sempre reflito sobre a questão da linguagem na UDV. De modo geral, mais que comunicação, a linguagem é expressão do espírito humano (Geist). **Na UDV, de modo muito peculiar, o que é "sentido" reverbera de sua dimensão sensorial/perceptiva para sua dimensão semântica, estruturando-se como linguagem.** Mais que comunicativa, linguagem expressiva. Uma dimensão autêntica da linguagem como produtora/médium de significados, tal como se encontra na arte, por exemplo. Recomendo a leitura de Theodor Adorno no que tange à linguagem como expressão e conhecimento. Muito legal sua pesquisa, sucesso! (grifos meus).

O comentário apresentado por P mostra o significado construído acerca da linguagem na UDV segundo a sua percepção. Ao sugerir leituras ligadas à lente da Antropologia Filosófica, P demonstra conhecimento sobre a estrutura do seu pensamento em relação à

linguagem da UDV e à sua atuação no sentido espiritual. Trata-se de uma meta-análise da sua inserção (não apenas linguística, mas também atitudinal) na UDV. Observamos que a construção desse significado se compõe por estruturas que viabilizam a cognição, dotada de subjetividade e caracterizada pelas abstrações a partir de experiências individuais. Conforme os apontamentos de Maturana e Varela (2001), a experiência humana é essencial para os processos mentais, as abstrações de significados, como forma de conhecer a si mesmo e o mundo em que vive. Além disso, P indica ser um coenunciador que projeta a mente do seu interlocutor (que "lê" a intencionalidade da pesquisadora, cujo instrumento está respondendo). Trata-se de um participante que intenciona evidenciar que compreende o escopo da pesquisa, e que se coloca como um "par" também no âmbito acadêmico ("Mais que comunicação a linguagem é expressão do espírito humano (Geist)"; "Uma dimensão autêntica da linguagem como produtora/médium de significados"), tanto que sugere uma leitura específica ("Recomendo a leitura de Theodor Adorno no que tange à linguagem como expressão e conhecimento"). Por meio da palavra "recomendo", cria-se uma espécie de dissimetria na enunciação, já que o respondente se coloca em posição não mais de par, mas de alguém com um saber superior, tanto que detém uma forma injuntiva. Na sequência, quebrando essa espécie de desequilíbrio, P finaliza em tom conciliatório: "Muito legal sua pesquisa, sucesso!".

As mudanças nas formas de falar (o "cuidado" com o que se diz e com o modo como se diz) retratam o resultado do processo da construção de sentidos em que o sujeito tem a possibilidade de (re)significar seu olhar em face do conhecimento que possui. As percepções evidenciadas por I, Y e U também mostram ajustes realizados na forma de falar em ambientes além da UDV, o que revela que as mudanças vão para a vida, não se restringindo apenas às interações no contexto religioso:

> Na área de trabalho, uso da palavra harmonizou o local. Com os familiares eles notaram que a forma de falar ficou mais amável (Participante I).
>
> Até mesmo nas relações profissionais, sociais e familiares, que no meu caso, não são âmbitos da UDV eu utilizo as palavras como tenho apreendido por meio dos ensinos do Mestre (Participantes Y).
>
> Um exemplo, após a UDV a palavra "obrigada" a substitui por "grata" (Participante U).

As manifestações expressando mudanças confirmam a realização de um processo de (re)significação, a partir de subjetivações, experiências do sentir, no contexto religioso. Dizemos, diante disso, que o processo de construção de sentidos se reveste da conjuntura de

múltiplas faces da linguagem, materializadas na palavra em movimento, com sujeitos psicossociais, em contextos sócio-históricos.

Considerando o objetivo da UDV quanto à cultura da paz, as mudanças nas formas de usar as palavras contribuem para a harmonização nos relacionamentos familiares e profissionais. Isso nos leva a crer que a escolha das palavras ao se comunicar com o outro se dá também a partir de percepções pautadas em sentimentos como a empatia, bem como no comportamento de obedecer ao ensino do Mestre Gabriel, para quem o uso da palavra é como o semear, em que "se planta, colhe" e que "a palavra traz tudo para nós". Essa forma de aplicar os ensinos na comunicação atende a um dos preceitos udevistas quanto à cultura da paz, fazendo com que as transformações nas formas de se relacionar sejam faces de uma graduação espiritual, pois o desenvolvimento do ser humano no sentido espiritual corresponde também à busca pela pacificação na prática.

Conforme os estudos acerca da noção de sentido no capítulo 3, entendemos que as manifestações dos participantes evidenciando a percepção das mudanças nas formas de sentir retratam o quanto o domínio subjetivo está imerso na construção da significação. Além disso, a palavra ouvida pelo participante reflete a singularidade do sentir no domínio da transcendência, conforme o pensamento de Vaillant (2010), de que a espiritualidade propicia aos seres humanos se unirem a outros seres humanos, a estabelecer experiência com o divino, na singularidade com que cada pessoa a concebe.

Propusemos também analisar comentários da questão em que se pede: **Assinale a(s) opção(ões) que reflete(m) sua visão em relação às sessões**, em que a maioria assinalou que "frequentemente aprende novas formas de usar as palavras", obtendo alguns comentários quanto a esse aprendizado na maneira de utilizar as palavras.

Primeiramente, nos deparamos com a percepção do sentido espiritual, que consiste no significado aprendido na UDV sobre a dimensão transcendente acerca do campo da espiritualidade, em contraposição ao sentido literal da palavra – significado no aspecto denotativo da linguagem, conforme dita no comentário do participante C:

> O sentido espiritual difere do literal e, em geral, traz um sentido melhor.

Essa afirmação expressa um caráter avaliativo, ao afirmar que o sentido espiritual éa melhor do que o literal, sendo este relativo a significados comumente socializados. Esse sentido espiritual é considerado pelo participante como melhor devido ao significado construído a partir de uma visão cosmológica adquirida com a experiência com os ensinos sob efeito do Vegetal.

Assim, o sentido espiritual dos ensinos abrange questões da origem da existência dos feitos humanos (espírito) enquanto criaturas do criador, sua transcendência. E isso nos permite dizer que há uma identificação com os sentidos construídos a partir da dimensão denominada espiritual. A significação, nesse caso, inclui uma instância valorativa do que tem aprendido com a doutrina acerca dos efeitos de sentido.

Consoante aos estudos de Giovanetti (2005), a construção de valores está vinculada à espiritualidade quando a vivência promove mudança no interior, que leva o indivíduo à integração pessoal e com o outro, quando permite uma experiência profunda na significação pela captação simbólica do transcendente. Nesse campo, os significados podem possuir dimensões diferentes a partir de experiências referentes aos planos material e imaterial. Diante disso, podemos entender que a avaliação de que o sentido espiritual seja melhor que o literal advém de experiências profundas com a doutrina sob efeito do Vegetal. Não se baseia somente em um aprendizado recebido para novas práticas lexicais, mas da força que a palavra carrega conforme o sentido construído nas experiências subjetivas no campo da transcendência.

Já os comentários de G, M e S revelam a crença de que as palavras possuem força e influenciam as realizações conforme a visão da UDV:

> O uso das palavras no sentido positivo influencia na realização (Participante G).
>
> Compreender do poder das palavras por meio de seus mistérios tem feito com que eu aprenda novas perspectivas de compreender palavras do nosso idioma (Participante M).
>
> Venho buscando me reeducar para melhor utilização da palavra, já que ela é quem traz tudo, conforme instruído pelo nosso mestre (Participante S).

Essa percepção indicada por M acerca do poder das palavras estrutura-se no simbolismo cosmológico, constituído pela identificação com o que é ensinado na doutrina udevista sob o efeito do Vegetal. O significado construído por M abrange concepções individuais relativas a crenças e a instâncias perceptivas, em que a singularidade das experiências com a palavra e o efeito do Vegetal propiciam um contato com o mistério, com o místico, mediante conexões emocionais. O aprendizado nessa perspectiva da espiritualidade se desenvolve de maneira multidimensional.

Segundo Vaillant (2010), a espiritualidade é multidimensional, na perspectiva de ser orientada para o criador, para o mundo e para a dimensão humanista, na relação do homem com o mundo. E, assim, funciona como um condutor de conexões de emoções que possibilita a experiência com o divino, na singularidade com que cada pessoa a concebe na significação.

A partir disso, as atitudes de aprender e reeducar-se (de que falam M e S nos comentários) não excluem o componente linguístico das práticas ritualísticas, pois a enunciação no ambiente religioso em questão se reveste de um conjunto de atos significadores. Segundo Charaudeau (2014), os atos significadores são expressos no mundo, de maneira que o objeto de conhecimento é "o do que fala" a linguagem, "como fala" a linguagem, constituindo o ser. Assim, o aprendizado acontece com a integração de todos esses elementos constituintes, que abrangem a linguagem, o domínio cognitivo e as experiências multidimensionais.

Podemos compreender, ainda, que é estabelecido um contrato de comunicação na interação ritualística, uma vez que os sujeitos pertencem ao mesmo corpo de práticas sociais suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais, conforme visto em Charaudeau (2016). As crenças relatadas nos comentários de G, M e S não se manifestam apenas nos gestos interpretativos e subjetivos desses participantes, mas se constituíram nas práticas linguageiras na UDV, considerando-se uma gama de influências (sociocognitivas, culturais, sócio-históricas etc.), que se agregaram para que se realizasse a transmissão efetiva da doutrina. Entendemos, então, que a constituição do ser humano (no caso, de cada associado) compreende essa visão integrada da linguagem, em que os aspectos linguísticos fazem parte da identificação e da construção de sentidos, conforme a doutrina transmitida.

Assim, por meio das assertivas de G, M, S – partindo do pressuposto de que tenham enunciado aquilo que verdadeiramente sentem –, é possível verificar que temos como resultado que as práticas linguageiras da UDV foram capazes de agir nas instâncias do *fazer saber* (o informativo) e do *fazer crer* (o persuasivo), como postulado por Charaudeau (1995), o que promoveu o *fazer fazer* (agir em consonância com os preceitos). Assim, o ato da linguagem é produto dessa interação na UDV e inclui elementos implícitos e explícitos. Tais instâncias se configuram de maneira estratégica, enquanto fenômeno semiológico.

Conforme dito anteriormente, a significação se relaciona a crenças e a posições valorativas nos atos enunciativos. Diante disso, procuramos saber dos participantes aspectos sobre suas crenças e a maioria indicou acreditar que o uso das palavras no sentido positivo influencia as realizações positivas. Apresentamos aqui alguns comentários:

> A palavra tem uma vibração que influencia nossas atitudes (Participante F).
>
> Compreender a força que as palavras têm impulsiona o nosso pensar, nosso querer e nosso agir (Participante B).
>
> Tudo vem pela palavra (Participante Q).

> Aprendi que as palavras têm sentido, e que podemos utilizar para trazer maior facilidade em nossa vida (Participante D).
>
> O poder da força da palavra reflete no resultado da situação (Participante W).
>
> Quando quero chamar coisas positivas pra mim, uso o verbo no presente, chamando em vez de despedindo, ex: VEM e não VAI (Participante X).

Essas percepções manifestadas endossam a afirmação de Bondía (2002) quanto à construção do significado baseada nas experiências com a palavra. Vemos, pelos comentários, o que a palavra passou a representar na vida cotidiana dos participantes. Retomando a visão desse autor, podemos reiterar que "as palavras criam realidades, funcionam como fortes mecanismos de subjetivação, o que constituem exemplos do movimento de fazer as coisas com a palavra e, o mais importante, as palavras fazerem coisas conosco" (Bondía, 2002, p. 21-22). Compreendemos que essas percepções demonstram que a doutrina da UDV, transmitida prioritariamente pelas palavras faladas, mobiliza elementos de subjetivação na construção desses sentidos e influenciam, portanto, os pensamentos. Afinal, estes se apresentam como palavras não verbalizadas, semiotizadas em imagens.

Os fatores de identificação dos participantes com os sentidos das palavras recebidas ao longo do tempo das experiências interativas vivenciadas na UDV retratam o que postula Stein (2003) de que o mundo que percebemos chega até nós por meio dos sentidos (sensorial e cognitivamente). E os sentidos atribuídos no processo interacional (a semiotização) envolvem toda a conjuntura complexa e integralizada do ser humano.

Podemos dizer que o sentido do "poder" de que tratam os comentários decorre da introjeção dos ensinos recebidos acerca da significação das palavras nos mais diversos aspectos morais, éticos e estéticos, pois se verifica em alguns dizeres a preocupação com a clareza e a busca pela harmonia na comunicação com o outro.

Consoante ao que afirma Charaudeau (2014), a semiotização consiste na relação entre a linguagem e os fatores psicológicos e sociais dos enunciadores no processo de significação. Nesse processo, cada interlocutor transforma "o mundo a significar" em um "mundo significado" Assim, o significado torna-se objeto de compartilhamento na enunciação, pois cada falante cria estratégias e desenvolve intenções mediante a significação construída.

Tanto a fala de F, de que a palavra tem "vibração" (ou seja, é algo que vibra, que tem intensidade e força) quanto a de W, de que ela tem "poder" (pode exercer domínio sobre alguém, sobre si mesmo, sobre as coisas etc.) têm ideias correspondentes: a semiotização do mundo é singular e se dá a partir da visão subjetiva de cada enunciador. As diferentes marcas

aparecem nas práticas linguageiras a partir do processo complexo que abrange linguagem e cognição.

Encontramos também dizeres afirmando a crença no poder das palavras nos usos negativo e positivo. Observamos, assim, a possibilidade de cada sujeito construir novos sentidos das palavras a partir de interpretações particularizadas no processo de subjetivação, conforme o comentário de K:

> Aprendemos sobre o "mistério" de algumas palavras, às vezes ligado à etimologia e outras vezes não diretamente, os quais podemos avaliar se o significado original tem sentido com o que queremos transmitir verbalmente. E após aprendido o conceito na UDV, podemos estudar por nós mesmos o significado e a origem de determinadas palavras, como "bacana", ligada ao Deus da Orgia, Baco. **Pode-se dizer que o sentido da palavra seria "negativo", então posso substituir por "legal" ou algo do tipo de tal forma que invoco outra concepção e origem ao falar. E como aprendemos na UDV, o sentido de nossas palavras influencia, algo que pode ser considerado até mesmo pela psicologia, já que ter apenas pensamentos negativos e palavras pessimistas ou retratam um quadro patológico ou podem levar a um, como depressão etc. Já ser positivo, auxilia a realizar as coisas e os planos darem certo.** Não que seja uma regra e que apenas dizer palavras positivas resolve, não é isso que se ensina na UDV. Existe todo o trabalho da pessoa em prol do objetivo. Porém, **ser positivo já é um primeiro passo e que abre caminhos, sendo as palavras verbalizadas, e até mesmo as pensadas, o que determina se estamos sendo negativos ou positivos.** Até mesmo a forma que escrevi agora, "negativos ou positivos", é uma forma de usar as palavras, onde se termina com a palavra positiva após a negativa, para concluir com o positivo por cima. Mas também aprendemos a não fugir do real, e é possível que a palavra negativa, em certa situação, seja a correta a ser usada, não tomando o uso de palavras positivas como regra obrigatória (grifos meus).

No comentário de K, notamos como o sentido é coconstruído a partir de diferentes articulações, para além das noções etimológicas, em que há apropriação de concepções constituídas de observações do ramo da Psicologia etc. Trata-se, a nosso ver, de um processo de (re)significação, pois parte da crença identificada quanto aos mistérios, em que a palavra carrega força própria, passa pela realização de decomposições de determinadas palavras, por exemplo, e busca por um sentido articulado aos conhecimentos que possui e aos ditos ouvidos ao longo das experiências vivenciadas. É o que Orlandi (2003) defende ao dizer que as palavras com que lidamos significam pela história e o que é dito em outro lugar significa nossas palavras.

Perguntamos a cada participante se ele "**percebe ou percebeu mudanças nas suas maneiras de pensar após os ensinamentos recebidos na UDV"**. Pelos dados quantitativos apresentados no Gráfico 14, 98,5% indicaram que perceberam mudanças nas formas de pensar. Assim, entendemos que, a partir de significações constituídas, os sujeitos realizam mudanças nas formas de pensar. Podemos perceber nos comentários de O e L quando afirmam:

> As diretrizes linguísticas envolvendo a simplicidade e o uso da palavra como forma de conectar com a realidade da vida me fez adquirir como de costume uma vigilância em como usar as palavras e, consequentemente, que tipo de pensamentos são bons para mim e as pessoas no meu entorno (Participante O).

> A minha forma de pensar mudou, com absoluta certeza. Isso ocorreu porque, como o meu grau de entendimento do que é ensinado começou a aumentar, comecei a observar a mim mesmo, as pessoas e suas atitudes, os acontecimentos que muitas vezes não são tão fáceis de lidar e o imaginar de seus porquês (que também são parte dessa transformação), e até mesmo os meus objetivos de vida, as relações que quero desenvolver, etc. Acredito que tudo começa no pensamento, logo, vejo que todas as mudanças em todas as áreas da minha vida são influenciadas pelos ensinamentos da UDV (Participante L).

Essas percepções nos mostram as mudanças nas formas de pensar, bem como o quanto a palavra transmitida nas práticas ritualísticas pode dirigir ações, por meio dos sentidos constituídos pelos sujeitos. E essa constituição é complexa, pois envolve desde as dimensões materiais, passa por construções neurobiológicas (processamentos cerebrais) até chegar às dimensões sócio-históricas da linguagem. A manifestação prática evidenciada nos comentários revela movimentos na prática das atividades humanas como um tod e, nas relações com outro, nos diferentes contextos.

Ao retomarmos a perspectiva Damasiana, no capítulo 3, em torno desse aspecto, vemos que ele apresenta o nível de consciência central e o nível de consciência ampliada. O primeiro é o que possibilita os seres sentirem a propriedade dos conteúdos de seus pensamentos, que são formulados internamente. O segundo se refere ao campo de pensamentos que retratam o estado presente do indivíduo, bem como o passado e o futuro prospectivo. Por essa perspectiva, entendemos que a experiência com o Vegetal nas sessões possibilita ao participante examinar o conteúdo de seus pensamentos, que se destacam pela atenção ampliada. Ele volta seu olhar ao momento presente, evoca o passado e projeta o futuro, em meio a sentimentos e sensações que podem ser agradáveis ou desagradáveis, mas que lhe propiciam discernimento quanto ao que pode trazer benefícios ou malefícios, conforme atestam os comentários seguintes:

> Pensar de forma mais focada, concentrada e preparar atenção quando começa um pensamento. Como se originou na minha mente? E cuidar para o caminho que o pensamento está sujeito a fazer para seguir em palavras (Participante V).

> Atenção é maior e entendimento mais claro das coisas (Participante R).

> Minha percepção mudou muito conforme alguns assuntos do cotidiano, que no dia a dia acabamos deixando de dar a devida atenção (Participante Z).

> Pensar com menos raiva por exemplo. Pensando no sentimento alheio (Participante H).

Nos comentários de V, R e Z, por exemplo, há menção à “atenção”, mostrando que o pensamento está diretamente ligado a ela. Isso nos faz refletir sobre os dizeres de Mezzasalma e Tavares (2003), para quem a afetividade e a motivação influenciam, de forma significativa, o processo atentivo. A atenção, nesse sentido, é elemento perceptivo que destaca aquilo pelo qual o participante sentiu interesse, a que atribuiu importância.

No campo da interação, consideramos a indissociabilidade do pensamento e da linguagem, tendo em vista os escritos de Matêncio (2007), de que o pensamento é semiotizado e tal processo implica interação. Podemos considerar que a atenção focal atribuída pelos participantes, em determinados momentos, nas formas de pensar, é direcionada pela significação construída e, simultaneamente, direciona a forma de pensar resultante. Há, em certa medida, uma imersão subjetiva propiciada pela concentração mental nos rituais, o que pode resultar em reflexos da diversidade de ações e atividades humanas.

Observamos, ainda, que as mudanças revelam alguns aspectos, como o de pensar antes de agir, pensar em ser flexível nas situações de relacionar com outro, pensar no sentimento de compaixão, de compreensão, e pensar em reconhecer o outro, no sentido de que cada ser na sua diferença tem sua história. Em suma, os participantes relataram mudanças em seu olhar para o ser humano, na alteridade, na visão como irmão nas experiências da (com)vivência. Daí alguns sentidos podem ser construídos no sentido de que a responsabilidade é a “habilidade de responder” aos pensamentos, bem como às palavras recebidas verbalmente.

Quanto aos comentários de E, Q e D, podemos compreender que o pensamento no processo perceptivo abrange o sentido do EU e as crenças, em que o funcionamento do raciocínio pode ser beneficiado pelos efeitos psicoativos do Vegetal, na ampliação das conexões neurais, como visto no capítulo 4:

> Transformação em geral de todo um paradigma de vida, sistemas de crenças limitantes ou construtivas, etc. (Participante E).
>
> Tenho mais percepção das coisas que eu falo e faço (Participante Q).
>
> Senti o meu pensamento mais claro, mais ordenado e uma melhora no raciocínio (Participante D).

Conforme vimos no capítulo 4, nos postulados de Maturana (2001), para compreendermos as atividades humanas, é necessário atentar para a emoção que define o domínio de ações no qual aquela atividade acontece e, no processo, aprender a ver quais ações são desejadas naquela emoção. Nesse aspecto ligado à emoção, buscamos saber também: “**Com as experiências vivenciadas na burracheira, você percebe/percebeu mudanças positivas**

na sua forma de lidar com seus sentimentos?". Como vimos, pelos dados quantitativos expressos no Gráfico 22, 97,9 % indicaram que perceberam mudanças nesse aspecto dos sentimentos.

A "burracheira", como experiência individual, possibilita ao participante sentir aspectos da vida além do ritual, tais como os eventos do cotidiano, as interações, os relacionamentos, as crenças e os aspectos da memória e da cultura que tendem a influenciar na maneira como os sentimentos se manifestam. Os comentários, abaixo, retratam algumas mudanças nos sentimentos a partir de experiências no ritual com o Vegetal:

> Algumas crenças construídas desde a infância fui percebendo através dos ensinos que não era bem daquela forma, e hoje tenho a mente mais aberta para examinar e até mudar de opinião se for o caso (Participante C).
>
> Me sinto mais forte, menos abalável emocionalmente. Aprendi a olhar mais pros meus sentimentos, e buscar pela raiz deles (Participante H).
>
> Eu sofria de crises de ansiedade e sentia um medo desesperador, por meio da União e dos ensinamentos do Mestre e do quadro de mestres pude encontrar um jeito de compreender esses sentimentos e entender a mensagem que eles querem me passar (Participante S).
>
> Em minha experiência posso comparar a burracheira a uma terapia profunda que conduz ao autoconhecimento e consequente transformação/ressignificação de memórias ruins e sentimentos que não são bons (Participante U).
>
> Acredito que consigo lidar com meus sentimentos de uma forma mais consciente, muitas vezes percebendo o motivo de estar sentido aquilo (Participante F).

As reflexões sobre si mesmo e os sentimentos de autorresponsabilidade fazem com que o associado desperte uma mobilização em busca do que pretende ou daquilo que o sentimento revelou que é necessário realizar. Em consonância com Damásio (2019), os sentimentos como mobilizadores de ação "comunicam à mente se a direção do processo da vida é boa ou má". A partir desse processo, a experiência do sentir qualifica o processo da vida como conducente ou não ao bem-estar ou à prosperidade. No nosso entender, a qualificação do processo de vida consiste na ressignificação de crenças, valores, atitudes etc., o que faz com que o participante realize (e perceba) mudanças em si, evidenciadas por meio dos sentimentos relativos às experiências com a "burracheira".

As mudanças, conforme os comentários de H, S e U, expressam gestos relacionados ao conhecimento de si e à origem do que sentem, o que, também, faz parte da cognição, já que, conforme Maturana e Varela (2001), além da percepção, a emoção é um alicerce do processo cognitivo. Em razão disso, consideramos que os relatos dos participantes imprimem questões essencialmente subjetivas do campo das emoções, mas que são fundamentais nas práticas

linguageiras como propulsoras das ações, ou seja, direcionam outros segmentos e perspectivas de vida, uma vez que linguagem e cognição fazem parte da integralidade humana.

Além disso, destacamos que a dimensão espiritual, em meio às experiências com o efeito do Vegetal, possibilita sentir o que Stein (2003) destaca como a empatia, a noção de alteridade, uma vez que a capacidade de questionar, aprender e racionalizar, por exemplo, são específicas do ser humano.

Nesse sentido, percebemos a importância da experiência dos participantes com o efeito do Vegetal nas práticas ritualísticas, em que a doutrina é conduzida prioritariamente pela língua oral, pois, de acordo com Stein (2003), a vivência faz com que o espírito direcione seus atos conforme os seus valores, transformando pensamentos e ações, e expressando sentimentos. Diante disso, as experiências em todas as dimensões (corpórea, psíquica e espiritual) constituem o ser de forma que cada um seja singular.

Em se tratando da doutrina, perguntamos **se o participante percebe ou percebeu mudanças em suas formas de agir (incluídos hábitos e comportamentos) após os ensinamentos recebidos na UDV.** Conforme os dados quantitativos apresentados no Gráfico 19, 98,9% indicaram uma percepção de mudanças no comportamento. Nessa seara, são relatadas as formas atuais de reagir a situações de conflito, revelando a postura de minimizá-las.

Apresentamos alguns dos comentários com sentidos mais recorrentes como forma de exemplificação das percepções quanto às mudanças no comportamento:

> Hoje vejo ajustes mais finos, lapidando aos poucos os temperamentos para poder me relacionar melhor com os irmãos, buscando mais serenidade, equilíbrio e mansidão (Participante X).
>
> Mais tolerância com divergências (Participante Y).
>
> Fazendo as pazes com familiares. Voltei a estudar. Ser mais amorosa (Participante G).
>
> No convívio mais pacífico com as pessoas e familiares (Participante L).

A partir desses comportamentos relatados, podemos entender que a cultura da paz se constrói na dimensão do conhecimento e dos sentimentos, já que o ato de conhecer a si mesmo e de reconhecer no outro formas de alteridade pode contribuir para experiências positivas na conduta de vida. E a doutrina pela palavra, aliada ao uso do Vegetal, leva à sensibilização e à mobilização interna que promovem tais mudanças. Isso corresponde aos objetivos da UDV de mobilizar mudanças no comportamento das pessoas quanto ao desenvolvimento de virtudes.

Como indicam as respostas, há um expressivo quantitativo de pessoas que consideram que houve transformações de conduta:

> Superação de vícios e uso de drogas. Reconciliação com parentes. Reconhecimento da importância dos estudos e da atuação profissional competente e consequente dedicação ao trabalho e ao desenvolvimento profissional (Participante M).
>
> Antes de me associar a União Do Vegetal, eu tinha problemas de relacionamento com a minha mãe e através dos ensinamentos do Mestre Gabriel eu consegui transformar dentro de mim e auxiliar minha mãe a transformar dentro dela também e assim podermos sentir o amor sublime que é o amor materno (Participante O).
>
> Aumentou minha capacidade de compreender os próximos... mais paciência. Mais tranquilidade para lidar com as pressões da vida pessoal e profissional (Participante Q).
>
> De forma positiva e gradativamente. Em relação à saúde, relacionamentos e trabalho. Inicialmente, houve muitas mudanças de imediato: parar de consumir bebida alcoólica; falta de interesse em estar em alguns tipos de lugares como barzinhos e boates; reaproximação e compreensão dos pais etc. Hoje vejo ajustes mais finos (Participante X).

As mudanças relatadas por M, O, P e X nos mostram que, embora as experiências sejam individuais, elas acontecem com diferentes pessoas nos mesmos aspectos, como podemos observar nos comentários de M: “Reconhecimento da importância dos estudos e da atuação profissional competente e consequente dedicação ao trabalho e ao desenvolvimento profissional”; de Q: “Mais tranquilidade para lidar com as pressões da vida pessoal e profissional”; e de X: “De forma positiva e gradativamente. Em relação à saúde, relacionamentos e trabalho”. Como se vê, as mudanças, nos diversos segmentos da vida, estão atreladas à construção de sentidos para tal realização.

Observamos que, em todos os comentários aqui apresentados quanto a percepções sobre comportamento, os associados indicam que mudaram positivamente a forma de se relacionarem no ambiente familiar, de trabalho etc., o que tem indícios do princípio enunciativo denominado “alteridade” por Charaudeau (2014), que consiste na troca interacional entre os sujeitos, que se reconhecem na semelhança e na diferença. Identificamos também o princípio da “regulação”, que, segundo Charaudeau (2014), é o engajamento no processo comunicativo. Entendemos que as interações desses sujeitos no meio em vivem, após os ensinamentos da UDV, realizaram-se, em certa medida, conforme esses princípios. Ao reconhecer o outro e se moldar sob determinada regulação (no caso, a doutrina udevista), o sujeito se constitui no processo enunciativo por meio da interação.

Considerando-se o postulado desta tese, pode-se dizer que essa construção se dá pelas palavras na transmissão da doutrina, pelo efeito do Vegetal e pela (re)significação a partir de

fatores sociais, de aspectos identitários, de visões de mundo que compõem as experiências nas práticas ritualísticas com a linguagem etc.

Benveniste (1995) diz que é dentro da língua e pela língua que indivíduo e a sociedade se determinam. Assim, entendemos que, quando o homem atualiza a si mesmo, transforma as perspectivas da sua vida, porque há uma ressignificação nas formas de pensar e sentir. A significação é, portanto, construída na interação com outros no mundo, nos diferentes contextos, o que propicia mudanças de sentido e, consequentemente, no comportamento.

Perguntamos também se, "**além dos ensinos ouvidos nas sessões, a burracheira apresenta/apresentou orientações na sua consciência quanto à forma de usar as palavras no seu cotidiano".** Conforme os quantitativos do tópico anterior, 91% responderam que sim (Gráfico 12). Podemos evidenciar esse processo também nas afirmações de J e R:

> Alguns mistérios de palavras me vêm ao pensamento por vezes. Ex. Esperança. Apareceu em meu pensamento. Esperar herança, no sentido espiritual (Participante J).
>
> Os mistérios de palavras da UDV evidenciam algum ensinamento que pode ser aplicado na vida do discípulo que está relacionado ao princípio de evolução espiritual preconizado pela UDV (Participante R).

Os sentidos que cada um constrói a partir de suas experiências ritualísticas apresentam singularidades que envolvem a dimensão espiritual, transcendente com a prática linguística no cotidiano conforme o aprendizado. Com base nos comentários acima, percebe-se que a doutrina da UDV possibilita a seus associados refletirem sobre os efeitos de sentido no uso das palavras, pelo discurso manifestado verbalmente nas sessões, associado com os efeitos do Vegetal, que agem no sistema perceptivo para a significação, por meio dos sentimentos, da memória etc. Os mistérios das palavras ditos nos comentários de J e R são efeitos de sentidos construídos com base nas experiências psicossociais e na historicidade de cada participante, porém se manifestam pela assunção e pelo compartilhamento de sentidos coconstruídos como membros. A historicidade se faz na trajetória do sócio na UDV, mas também durante o curso de toda a vida, pois se constitui na linguagem nos diferentes contextos.

Conforme Orlandi (2003), o sujeito da linguagem é afetado pelo real da língua e, também, pelo real da história e, por ser assim, se encontra com os "já ditos", numa relação interdiscursiva propiciada pelas experiências com a realidade. Como já indicado neste texto, o uso da palavra nas práticas linguageiras da UDV mobiliza as mudanças nas formas de falar, pensar e agir, sobretudo por estar associado ao efeito do Vegetal, que amplia as percepções de

sentido, fazendo com que ressignificações sejam potencializadas, de maneira que a dimensão do sentir direcione as ações do participante.

Diante disso, perguntamos se "**a burracheira apresenta/apresentou orientações na consciência quanto ao modo de agir/se comportar no seu cotidiano**". Pelos dados quantitativos (Gráfico 15), 98,8% informaram que sim e obtivemos comentários como os seguintes:

> Uma coisa é ouvir uma palavra normalmente, outra coisa é ouvir a mesma palavra sob a luz do vegetal. A internalização é facilitada no segundo exemplo (Participante D).
>
> A UDV é uma grande escola, e por mais que as pessoas queiram fazer o bem, todos precisamos de orientação. Essa orientação vem chegando nas sessões, tocando o nosso sentimento e mudando para melhor a nossa forma de pensar e de agir (Participante Y).
>
> É muito subjetivo, mas recebo um direcionamento no que fazer e como agir Participante J).
>
> Na burracheira percebo melhor, por exemplo, quando destratei algum amigo por estar apressada/estressada, e como poderia ter agido melhor. Ou quando faltei com minha palavra, deixando de cumprir algum compromisso. Também já recebi orientações sobre falar a verdade e ser autêntica, mesmo nas pequenas coisas. Orientações para melhorar a qualidade dos pensamentos; orientações para resolver conflitos relacionais de maneira pacífica; sentidos de uma palavra que não tinha percebido antes. Também já recebi inspiração para poesias durante a sessão do vegetal (Participante A).
>
> Reduzi o melindre, sai da vitimização, reduzi a procrastinação graças a algumas burracheiras que me fizeram ver onde eu precisava melhorar, no tratamento com as pessoas, nas atitudes com as coisas da vida (Participante E).

As percepções apresentadas por D no trecho "Uma coisa é ouvir uma palavra normalmente, outra coisa é ouvir a mesma palavra sob a luz do vegetal" mostram exatamente o potencial psicoativo do efeito do chá Hoasca durante as práticas ritualísticas. A sensibilização torna cada experiência fundamental na forma de sentir, de ouvir a doutrina, de construir significado. As experiências ligadas ao sentir, sob o efeito do Vegetal, fazem com que o indivíduo acione sentimentos que podem contribuir para ressignificar os eventos da vida mediante o processo cognitivo. Esse processo corresponde ao que foi descrito nos estudos de Escobar (2012) de que a substância age sobre o sistema serotonérgico, bem como nos substratos neurais, promovendo ampliação sensorial, emoção e funções cognitivas, em que incluem a semiotização, imagens mentais etc.

Em razão disso, podemos dizer também que os relatos de Y, J, A e E refletem a expressão pessoal e subjetiva das experiências ao longo do período na UDV. Com a metáfora utilizada por Y – "[a] UDV é uma grande escola" –, vemos as relações travadas pelos membros

com base na relação Mestre/discípulo: aquele é capaz (e dotado de poder) de orientar; este deve seguir o caminho apontado, se quiser alçar a um novo patamar de aprendizagem. Isso se reitera pela percepção de J: “[é] muito subjetivo, mas recebo um direcionamento no que fazer e como agir”.

Nesse aspecto, retomamos o conceito de Damásio (2019, p. 25), para quem os “sentimentos são as experiências subjetivas do estado da vida em todas as criaturas dotadas de mente e de um ponto de vista consciente”. A maneira de sentir em cada experiência é própria de cada ser, é do domínio das emoções, o que converge com o que afirma Maturana (2001), de que a ação é vinculada à emoção, pois a construção de significados se realiza por um operar no aqui-agora. O que consideramos, diante disso, é que o sentimento está diretamente ligado à ação, uma vez que os desejos e as escolhas para agir se iniciam pelo sentir, pela emoção. Entendemos que as experiências apresentadas quanto a mudanças no comportamento passam antes pelo sentimento para o domínio do agir.

Além dessas percepções evidenciadas por meio da coleta de dados, encontramos também, em outros espaços de interação na rede virtual de que os sócios participam, manifestações, numa linguagem de face imagética, dos efeitos das experiências vivenciadas nos rituais de sessão.

Figura 10 – Percepção do efeito de sentido das experiências na sessão

Fonte: Ambiente de grupo de WhatsApp de que sócios participam.

Com base na Figura 10, podemos interpretar que a combinação das frases “indo para a sessão” vinculada à imagem de leões e “voltando da sessão” atrelada à imagem de gatos pode

revelar a percepção de mudanças na forma de se sentir mais agressivo e imponente antes da sessão, e menos agressivo, ou até mais humilde, depois dela. Podemos dizer, inclusive, que a imagem de gato ao voltar da sessão faz referência ao sentimento de paz, de tranquilidade. Essa percepção nos faz retomar um dos preceitos do símbolo da UDV: a Luz, a Paz e o Amor.

A partir das percepções expostas até aqui, compreendemos que as mudanças são mobilizadas na maneira de sentir o significado da própria existência, manifestada pelas transformações do olhar, ressignificando crenças e valores por meio das experiências, cuja dinâmica pode ser considerada essencial para o desenvolvimento espiritual proposto pela UDV. E a forma de manifestar a ressignificação vão além das palavras, podendo ser apresentada na forma imagética, como exemplificado nesse caso.

Outra questão que propusemos foi: "**Durante o evento da 'burracheira', em si, você acredita que algum(alguns) mistério(s) ou dúvida(s) que carregava consigo se revelaram/vieram à sua consciência?"**. Conforme os dados apresentados no Gráfico 20, 95,3% dos participantes apontaram que sim. Obtivemos comentários com relatos do entendimento de algumas experiências vivenciadas, com compreensões da origem de algumas sensações e comportamentos atuais dissipando alguns traumas. Para exemplificar, apresentamos alguns comentários com sentidos mais recorrentes:

> Alguns sinais em minha vida, que em determinados momentos, foram desbloqueados na burracheira e compreendi o porquê (Participante A).
>
> A resposta de perguntas existenciais como "quem sou", "o que estou fazendo aqui" e "para onde vou", pra mim se encontram muito mais claras e palpáveis do que ao ler muitos dos clássicos da filosofia (Participante B).
>
> Sempre tenho alguma revelação (Participante C).

As revelações ditas por A e B quanto aos domínios da interioridade, da própria existência, expressam experiências subjetivas. O sentir, em práticas ritualísticas que ampliam a percepção, propicia esse tipo de experiência, estabelecendo uma ponte entre o domínio psíquico e domínio espiritual, já que abrange a singularidade de cada um sentir o transcendente. Ao observar o comentário da Participante C, lembramos de percepções expostas, inclusive, em ambientes da rede virtual, em que circulam alguns textos denominados memes, demonstrando uma atualização do sentido de "revelação", mas numa face imagética e humorística em referência ao Vegetal, como se vê na Figura 11:

Figura 11 – Percepção de sentido do efeito do chá Hoasca

Fonte: Ambiente de grupo de WhatsApp de que sócios participam.

A partir da Figura 11, podemos perceber que a noção de “chá revelação” comumente conhecida como a comemoração que se realiza para revelar o sexo de uma criança na iminência de nascer – apresentada na frase “o que os outros pensam” –, representa outro sentido para quem faz parte da UDV e obtém revelações com o uso do “chá” – no sentido denotativo –, conforme a frase “o que eu penso” junto à imagem do copo com o Vegetal.

Dessa forma, podemos perceber o recurso a outros elementos simbólicos e semióticos nas mensagens, além das palavras, que aparecem combinadas a diversos elementos representativos, por meio da seleção de imagens, de cores etc., para a construção de novos sentidos, vinculados às experiências dos associados.

No campo dos comentários, nesse aspecto, as manifestações mais recorrentes apresentaram relatos de compreensão dos sentimentos, por meio dos ensinos da UDV, quanto aos relacionamentos com outras pessoas, bem como no que se refere a reações diante das situações que a vida apresenta. De maneira figurada, podemos dizer que, com a UDV, os associados perceberam formas de navegar em um mar com muitas ondas, sejam altas ou baixas, o que requer equilíbrio para não naufragar. Nesse movimento, podemos intitular a UDV como o barco no mar de sentimentos, diante do movimento promovido pelo vento, o qual podemos denominar de vida.

Isso pode ser identificado a partir de alguns comentários mais recorrentes:

> Poderia citar inúmeros exemplos. Mas a aceitação comigo mesma e minha história de vida, bem como o restabelecimento do meu relacionamento com minha Mãe são bem marcantes (Participante P, 2023)

> Acredito ter me tornado mais tolerante (Participante D).
>
> Ser menos julgador, mais tolerante e compreensivo. Mais sensível aos sentimentos de terceiros (Participante X).
>
> Era imediatista, às vezes não compreendia no coração que cada um tem um grau e que por isso somos diferentes. Venho tendo um olhar mais inclusivo, respeitoso e amoroso, fazendo menos julgamento pelas aparências e tomando atitudes mais pensadas (Participante N).
>
> Ter paciência e evitar agir por impulso (Participante E).

Podemos observar, pelos dados, que os sentimentos se vinculam, em certa medida, à transformação de aspectos ou características da personalidade, o que pode contribuir para o aprimoramento de virtudes, o desenvolvimento da cultura da paz e, consequentemente, uma melhor condução da vida no segmento comportamental.

Tendo em vista o objetivo da UDV, buscamos saber se o(a) participante **"considera que a doutrina da UDV pode contribuir para o desenvolvimento de virtudes".** Com base nos dados quantitativos mostrados no Gráfico 23, 99,5% indicaram que sim. Conforme vimos no capítulo 5, o objetivo da UDV é contribuir para o desenvolvimento espiritual do ser humano, o que consiste na construção de virtudes. Diante disso, alguns comentários retratam visões acerca dessa temática:

> A UDV me ensina a olhar pra mim com verdade e bondade, para que eu possa me tornar mais forte e ser responsável pela minha vida, minhas ações e emoções. Desta forma posso me aproximar cada vez mais das virtudes, que são o resultado de uma transformação firme e constante (Participante R).
>
> Abre espaço de nos conhecer, traz clareza mental e tbem reconhecer o nosso potencial e tbem o nosso lugar no mundo. Assim, potencializando o que temos de mais nobre e tbem fazendo com que possamos enxergar o que podemos melhorar, colocando em prática os ensinamentos, tendo ação na vida (Participante G).
>
> A doutrina orienta profundas transformações. Cada sessão equivale a muitas horas de terapia (Participante D).
>
> Vejo que a doutrina da UDV e também os exemplos da vida cotidiana do Mestre Gabriel, trazidos com mais profundidade atualmente pelo belo trabalho do DMC, contribuem para o desenvolvimento de virtudes, da moral, pelo seu exemplo. Ouvindo os Ensinos do Mestre sem uma busca de aprofundamento, talvez faça com que as pessoas repitam como papagaios sem entender profundamente do que se trata. Mas eu vejo que, examinando bem direitinho os Ensinos do Mestre e procurando realmente praticá-los, sim, desenvolvemos virtudes (Participante L).

Os comentários apresentam percepções, de forma incisiva, de que a prática da doutrina contribui para o desenvolvimento de virtudes, daí entendemos que não se trata apenas de se ouvir e sentir a "burracheira", mas de experimentar colocar em prática o que se ouve e se sente.

Além disso, a doutrina contribui para a apresentação de exemplos da prática de vida do Mestre Gabriel e para provar um dos seus princípios acerca “da prática no pregador”. Trata-se, portanto, de exemplos e práticas aliadas à palavra e à “burracheira” para contribuir na construção de virtudes.

Isso corresponde ao que Maturana (2001) defende, ao afirmar que a linguagem se estabelece no mundo da vida, no fluir das condutas, em que as palavras ditas devem estar em consonância com as ações de quem diz, traduzindo a existência na convivência com os resultados dos dizeres e configurando o existir na/pela linguagem.

No aspecto discursivo, o resultado dos dados nos faz inferir que a doutrina da UDV retrata a incidência do princípio enunciativo da influência nas práticas ritualísticas, já que revela impactos sobre os associados. Retomando Charaudeau (2014), esse princípio se caracteriza pela intenção de influenciar o sujeito interpretante no processo interacional.

As discussões realizadas até aqui situaram as concepções teóricas que nos guiaram na busca por uma análise qualitativa, porém, como forma de dar maior respaldo ao que vislumbramos nos dados qualitativos, a fim de apresentar graficamente as unidades de sentido dos textos dos comentários, utilizamos a sistematização dos dados por meio do *IRAMUTEQ*, conforme apresentado no tópico seguinte.

6.3. Sistematização dos dados no *IRAMUTEQ*

A partir da proposta de análise de conteúdo, conforme descrito no capítulo 2 apresentamos a sistematização e a codificação das respostas pelo *software IRAMUTEQ*. Nesse tipo de análise, realiza-se, primeiramente, a categorização e a interpretação dos dados, para, depois, organizá-los, quantificá-los e sistematizá-los.

Retomando os escritos de Bardin (2011, p. 41), a análise de conteúdo precisa visar a obtenção de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

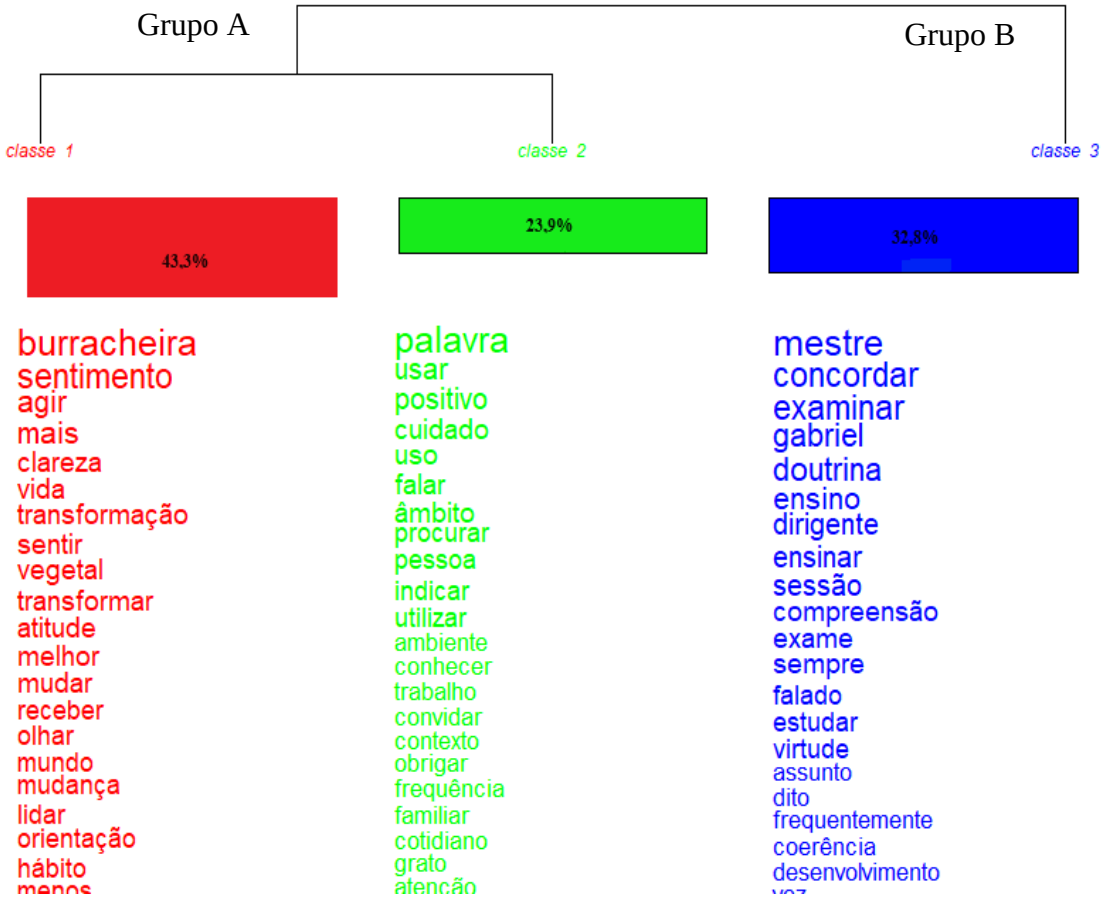
Para a descrição, obtivemos um *corpus* textual composto por 1.073 segmentos de texto (ST), com ocorrência de 4.413 palavras. Dos 1.703 ST que compõem o *corpus* textual, 1.634 foram utilizados para análise, aproveitando-se 95,95% de todo o conteúdo, valor superior ao parâmetro mínimo de 75% apontado por Camargo e Justo (2013), pois, abaixo desse parâmetro, ficaria comprometida a análise e não haveria garantia de que as inferências extraídas do *corpus* textual fossem confiáveis e representassem o significado do contexto da área de pesquisa para

a nomeação das categorias, vinculadas, a *priori*, no referencial teórico (Brito; Ferreira; Pereira, 2022).

Para compreender cada categoria, foi realizada uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que incluiu a associação de palavras por meio do teste qui-quadrado, que apresenta a evocação de palavras semelhantes entre si e de palavras diferentes de outras categorias. Essa classificação atende aos critérios propostos por Bardin (2011), a saber: exclusividade mútua, homogeneidade, relevância, objetividade, fidelidade e produtividade.

Tendo em vista que a visão qualitativa para dados de uma pesquisa requer observação, leituras de um campo determinado segundo dimensões teóricas específicas, adotamos, de forma complementar, um método que, conforme Bogdan e Biklen (1994), descreve as formas de percepção do mundo, de comunicação, de autoconhecimento e de conhecimento dos problemas humanos. Com esse olhar descritivo, sistematizamos e codificamos as categorias, apoiados no referencial teórico da pesquisa.

Figura 12 – Dendograma de classificação hierárquica descendente



Fonte: Gerado pelo *IRAMUTEQ* a partir do corpus textual.

Na CHD, foi possível identificar a constituição de dois grupos, a saber: o grupo A, composto pelas classes 1 e 2, e o grupo B, formado pela classe 3. Observada a literatura sobre o tema, instituímos a identificação das categorias analíticas: classe 1 (percepções e experiências), classe 2 (reflexões e prática) e classe 3 (referência e ensinamentos).

As respostas também foram submetidas à Análise Fatorial de Correspondência (AFC) para a compreensão das dimensões categóricas em termos de associações e significados evocados pelos participantes. A AFC permite visualizar o conteúdo associado a cada representação e as semelhanças e diferenças de posicionamento associadas às diferentes representações do tema pesquisado.

A partir do processamento pelo *IRAMUTEQ*, observamos que todas as palavras conectadas à "burracheira" (grupo a da classe 1 – experiências) retratam uma tendência hierárquica descendente às palavras "sentimento", "agir", "clareza", "transformação", "sentir", "atitudes" e assim sucessivamente. Compreendemos, quanto ao efeito do Vegetal, pelas percepções evidenciadas na pesquisa, que a "burracheira" atua no campo do sentimento, leva ao agir diante da clareza de consciência, uma vez que há uma ampliação perceptiva pela ação psicoativa do chá Hoasca. Com clareza, os sentimentos mobilizam a transformação revelada nas atitudes comportamentais.

Estão conectados à "palavra" (do grupo b da classe 2 – reflexões e práticas) os termos "usar", "positivo", "cuidado", "uso", "falar" e outros. Essa classificação retrata elementos metafóricos, em que a palavra, nas percepções dos participantes, corresponde ao cuidado, ao uso positivo no falar com as pessoas e a outras significações descendentes no gráfico. Conforme vimos em Lakoff e Johnson (1980), a metáfora retrata a forma de o indivíduo compreender e expressar-se, o que não se restringe ao sentido figurado como ornamento do discurso, mas vai além do literal, pois abrange o pensamento abstrato no processo cognitivo.

A palavra "Mestre" apresentou, de forma descendente, conexões com os termos "concordar", "examinar", "Gabriel", "doutrina", "ensino", "dirigente" e outros. Da mesma maneira, entendemos que "Mestre", nas percepções relatadas, corresponde ao ato de concordar a partir do exame, conforme o Mestre Gabriel ensinou em sua doutrina: para concordar, é preciso examinar o que o Dirigente ensina. Na sequência, estão as palavras "sessão", "compreensão", "estudar", "virtude" etc. No sentido metafórico, "Mestre" é referência de virtude, em que é preciso examinar e compreender seus ensinos recebidos nas sessões.

Ao verificarmos alguns comentários, identificamos também sentidos metafóricos. Considerando a dimensão cognitiva humana, a linguagem conotativa se manifesta sobretudo por meio da metáfora, indiciando aspectos do sistema de conhecimento de uma cultura, da

capacidade comunicativa de seus membros, conforme processamento de experiências intersubjetivas, podendo se manifestar nas interações humanas em diferentes contextos:

> Por exemplo, uma linguagem culta dificulta o entendimento de alguns ensinamentos explicados nas sessões, por não entender o significado de algumas palavras, cria dúvidas, que precisa ser perguntadas, principalmente pra quem é analfabeto. **O caminho mais claro é a linguagem cabocla** (Participante T, grifos meus).

Com a metáfora utilizada, temos que a lingua(gem) – especialmente a "cabocla" (aqui, uma metonímia, já que é aquela falada por um indivíduo que não pertence a determinada classe que não seja a elite socioeconômica), isto é, a não padrão – é um caminho pelo qual transitamos e não se trata de um caminho qualquer, mas um menos acidentado, mais tranquilo. É o que podemos observar na fala o Particpante I:

> A linguagem utilizada nos ritos (chamadas e ensinos) não segue a normativa gramatical. Na maioria das vezes, segue o mistério da palavra, e isso causa um certo estranhamento. Ex.: Ispiritu, os coração e várias outras palavras que têm origem na Língua Geral.

Ao lado da explicitação do conhecimento de que certos itens lexicais ou expressões provêm de uma Língua Geral (o que, de certa forma, se aproxima de um conhecimento da ciência Linguística), o participante conota que "a linguagem é um instrumento" (tem utilização) e tem animacidade (ela "segue" o mistério da palavra).

> Às vezes, a gente se desconcentra da fala do dirigente e **viaja nas ideias**. Então não acompanha a resposta toda, o que traz dificuldade de entender tudo o que é falado (Participante E, grifos meus).

Desconcentrar-se e perder a atenção e o foco, conotativamente, é "viajar nas ideias", o que faz "não acompanhar" as palavras, conforme o trecho da Participante E:

> Neste aprendizado, de nos comunicarmos melhor para encontrar a facilidade nas coisas da vida a experiência é fundamental. Acredito que todos nós que seguimos na UDV passamos por isso. **Nós testamos o uso de uma linguagem adequada, positiva e pacífica e encontramos o resultado.** A escolha do uso tipificado do "udevês" (desculpe o neologismo, mas acho que dá pra entender o que eu quero dizer), também se dá com equilíbrio. Afinal existem sentidos, nas origens de algumas das palavras que já conhecemos, que não devem ser revelados. Há um tesouro nesta descoberta (grifos meus).

Compreender a realidade e comunicar-se melhor equivale a "encontrar facilidade nas coisas" – algo abstrato se materializa, como se fosse coisa. Nós "testamos o uso da linguagem

adequada", o que implica tanto colocar sob teste ou confrontar (usar a testa) quanto verificar (mostrar a veracidade). Ela diz também que é precioso descobrir sentidos, um verdadeiro "tesouro" (conjunto de bens valiosos). Conforme visto em Lakoff e Johnson (1980) acerca da metáfora, verificamos a transposição do domínio-fonte "teste" para o domínio-alvo, representado em "verificar". Da mesma maneira, atestamos o domínio fonte de "elemento de valor" representado em "tesouro". Os comentários seguintes também retratam esse movimento de representar metaforicamente os domínios fonte e alvo nas expressões linguísticas, como em:

> Passamos a entender **o que significa a força da palavra e seus desdobramentos** na nossa vida (Participante C, grifos meus).

Nessa forma de dizer, o participante percebe a palavra como algo concreto, que tem força e também apresenta dobras, por isso, se "desdobra" (permite a leitura dos sentidos, dividir-se em partes, mas também possibilita empenho com dedicação, como em "Maria se desdobrou para fazer isso"). Em outras palavras, pode estar relacionado aos efeitos de sentido na materialidade da vida.

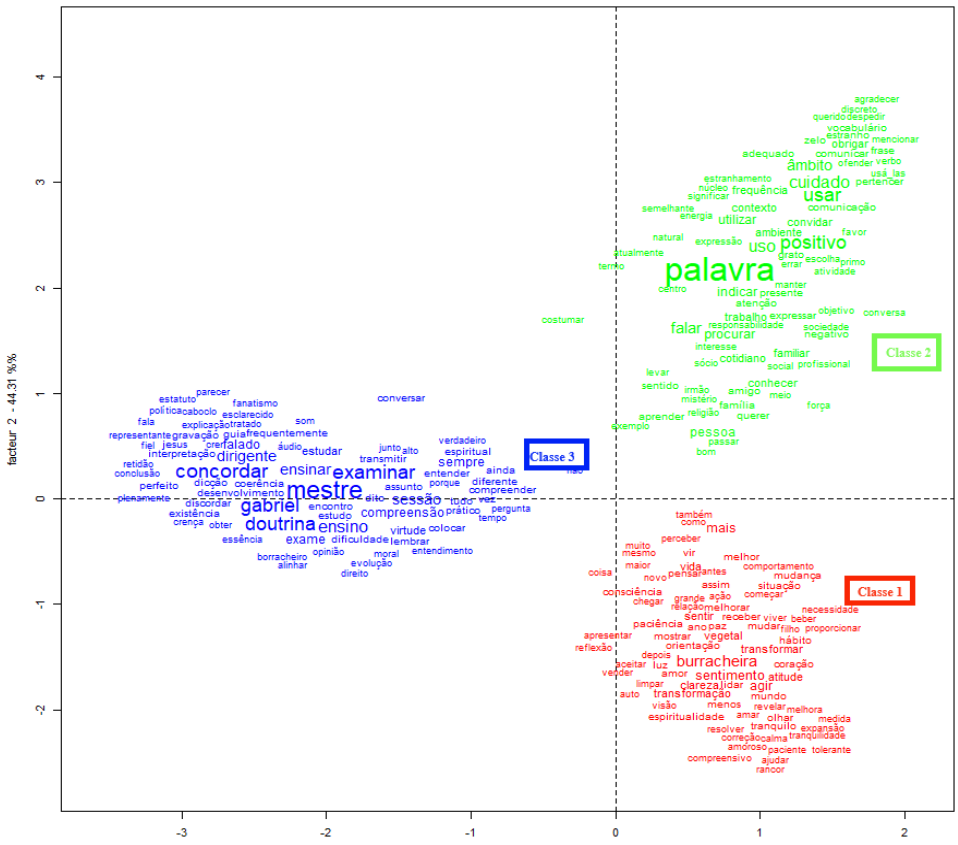
> **Colocar as palavras corretas direciona a energia** para o objetivo desejado de forma mais clara (Participante O, grifos meus).

Com essa metáfora, o Participante O afirma que as palavras são coisas que podem ser colocadas, postas em algum lugar, mas não são "apagadas", pois elas são a fonte/o facho de energia, assim, a palavra "correta" transporta à realização do objetivo desejado.

> Ao entender o sentido da oração: "NO PRINCÍPIO ERA O VERBO...", todas as palavra ganharam uma imensa relevância, e passei a policiar melhor o que sai de minha boca (Participante R).

Compreender melhor a linguagem em todas as suas dimensões lhes confere maior relevância (relevo ou destaque). A partir dessa nova situação, R diz "policiar o que sai de sua boca", outra metáfora pela qual o associado mostra seu grau de engajamento com uma nova atitude frente a esse novo patamar de saber. Além dos exemplos percebidos no sentido metafórico, a sistematização foi realizada para possibilitar identificar formas de conexões por meio da análise fatorial de correspondência.

Figura 13 – Análise fatorial de correspondência



Fonte: Gerado pelo *IRAMUTEQ* a partir do *corpus* textual.

A análise de similitude, mostrada na Figura 13, permite aos pesquisadores visualizarem o quão conectadas estão as palavras presentes em um *corpus* textual, quanto mais espesso o eixo, mais conectadas elas estão (Melquiades *et al*., 2023).

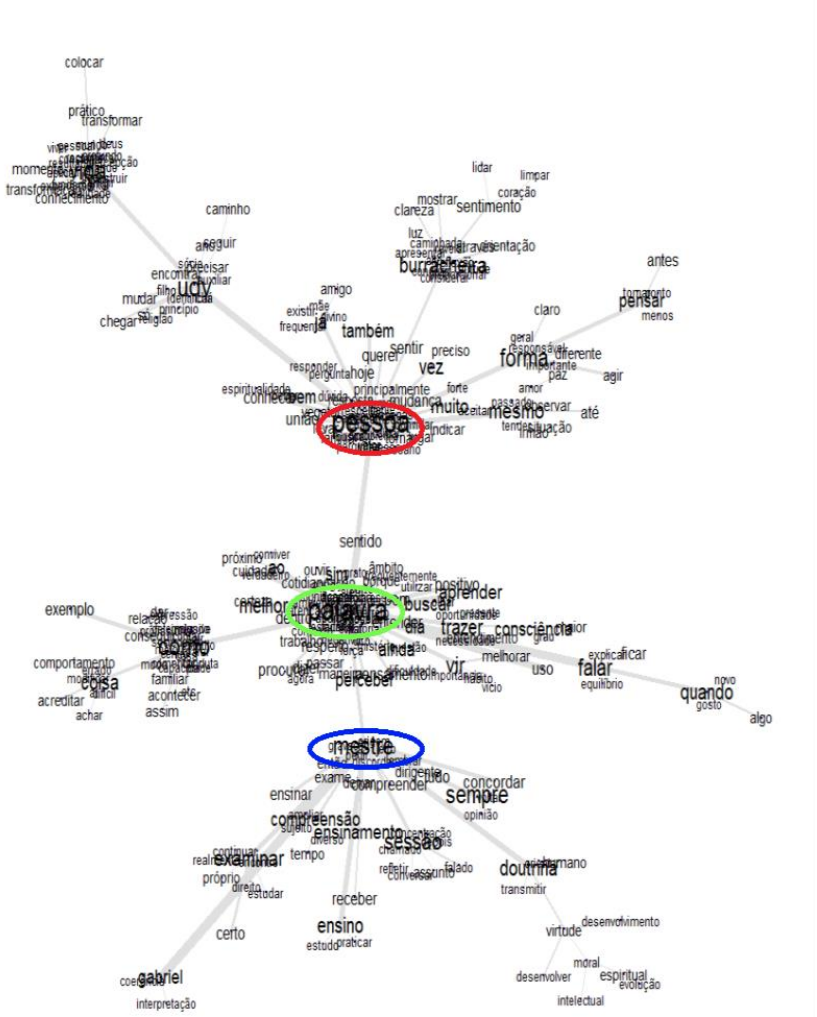
Observa-se que o plano fatorial 1 x 2 explica 100% da variância. No plano fatorial 2, no eixo vertical, percebemos a classe 3 (azul) em posição antecedente em relação às classes 2 (verde) e 1 (vermelha). Isso indica que o Mestre utiliza a palavra com o efeito da "burracheira", o que possibilita mudanças de perspectivas e comportamentos mediante a prática da doutrina vivenciada pelos sujeitos. Esse resultado é esperado, uma vez que, no âmbito religioso, a ressignificação revela a construção de novas formas de pensar e agir, embora, muitas vezes, haja elementos conflitantes entre aquilo que se vive e aquilo ao que é orientado a fazer. Muitas vezes, o que a doutrina ensina se baseia em princípios valorativos, de cunho ético e moral, que exigem do sujeito uma mudança de postura perante as atividades cotidianas.

No fator 1, eixo horizontal, observa-se uma contraposição das classes 3 e 2 em relação à classe 1. Isso possivelmente decorre da busca por aplicar os ensinamentos no cotidiano no que se refere ao uso da palavra coerente com a prática. Nota-se também uma relação paralela entre os ensinamentos do Mestre e a percepção no que tange à "burracheira". É esperado esse

resultado em função da necessidade das pessoas por transformações, porém é um processo que requer tempo para as percepções de mudanças.

Com o propósito de demonstrar a força das conexões temáticas, realizou-se a análise de similitude.

Figura 14 – Árvore de similitude



Fonte: Gerado pelo *IRAMUTEQ* a partir do corpus textual.

A similitude retrata a rede global das conexões entre as palavras identificadas mais aparentes no eixo do processo do objeto de estudo. Assim, observa-se que as palavras “pessoa”, “palavra” e “Mestre” formam o eixo central do conteúdo das respostas. “Pessoa” está representando os participantes dotados do falar, do pensar, do agir, do sentir etc. (conforme a rede de palavras conectadas mais aparentes), refletindo a estrutura de pensamento dos participantes. “Palavra” representa os atos relacionados ao falar, ao ouvir, ao cuidado, ao sentido, ao buscar, ao receber, ao positivo e a outros termos, traduzindo as percepções sobre a

temática proposta na coleta de dados. Compreendemos que a rede representa a constituição da "pessoa" (participantes) pela "palavra" (ensinamentos) do "Mestre" (modelo de virtude a ser seguido), conforme as conexões (mais aparentes) a Gabriel, à doutrina, a examinar, à sessão, a dirigente, a ensino etc.

Assim, o processamento de dados pelo *IRAMUTEQ* identificou as unidades de sentido presentes nos comentários representadas na conexão dos eixos, na forma global e na forma descritiva, nas palavras associadas a cada eixo de referência ("Mestre", "palavra" e "burracheira"). As representações gráficas do sistema convergem com os resultados apresentados na exposição de dados, o que indica a confiabilidade técnica da análise descritiva, consoante ao indicado na abordagem metodológica desta pesquisa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo geral de compreender a relação entre as práticas linguageiras e as representações identitárias/subjetivas quanto às transformações pessoais e às perspectivas de vida de associados da UDV, conforme as práticas ritualísticas de que participam no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV), foi possível tecer alguns construtos no que se refere às faces da linguagem na UDV.

Primeiramente, apresentamos uma breve noção de linguagem e seu percurso histórico, em que nos deparamos com diferentes conceitos, a depender do ponto de vista da área de conhecimento em diferentes épocas e civilizações. O que chamou a atenção neste estudo é que, historicamente, em algumas épocas, a linguagem era compreendida como um instância vinculada a experiências com o divino e a como compreender a realidade, numa busca pela origem constitutiva da relação entre o homem e a linguagem. Pelo percurso histórico, entendemos como os estudos estruturalistas do século XX acerca da linguagem serviram de base para a elaboração das noções de sentido e de discurso no campo da enunciação. No entanto, consideramos, nesta tese, que o sentido é efeito de atividades linguísticas de sujeitos enunciadores e é construído na interação entre texto e sujeitos. Por essa razão, a linguagem comporta múltiplas faces, materializadas na palavra a partir da construção de sentidos decorrentes da operacionalização linguageira no mundo da vida.

Para além disso, o perpasse pela visão cognitiva da linguagem contribuiu para se compreender a concepção de linguagem como parte constitutiva do ser humano, bem como suas relações com o sistema perceptivo no processo cognitivo. Não foi foco desta pesquisa definir precisamente o funcionamento ou a estruturação das fronteiras que demarcam as realizações do campo cognitivo e da linguagem nas manifestações subjetivas. No entanto, foi possível perceber que a palavra em uso comporta um caráter discursivo e semiológico nos atos enunciativos, com os quais os sujeitos significam o mundo, num operar linguístico-discursivo e cognitivo que abrange instâncias simbólicas e intersubjetivas. Nesse aspecto, as palavras são movimentadas pelos sujeitos de linguagem, que dirigem suas ações, constituídas no processo de significação, que é singularizado pela integralidade humana e que subsume fatores biológicos, psíquicos, sociais, emocionais, espirituais, culturais etc.

Tendo em vista que a instituição pesquisada tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento espiritual, foi necessário compreender a noção de espiritualidade, as ideias pertinentes ao que concerne à transcendência no domínio das atividades humanas e as

dimensões que estruturam o espírito: a física, a psíquica e a espiritual, as quais configuram a cognição numa construção de sentido para além da materialidade.

Ter como objeto de estudo as percepções de associados de uma religião da qual participo apresentou desafios e possibilidades: desafios na demarcação de fronteiras entre áreas de conhecimento possíveis para o recorte teórico, bem como na demarcação do lugar da pesquisadora e da sócia da UDV; e possibilidades, considerando-se sua face etnográfica, já que, como pesquisadora participante e conhecedora das práticas ritualísticas, foram despertados aspectos intersubjetivos nas ações de observar e interpretar os dados, o que possibilitou a ampliação do campo de visão no que se refere à interpretação dos dados coletados em estudos que envolvem a triangulação entre linguagem, cognição e espiritualidade. Afinal, as atividades intelectivas que desenvolvemos não estão desvinculadas da nossa subjetividade, do domínio dos afetos etc.

Pesquisar uma instituição de que se participa pode parecer conflitante com as normas estabelecidas pelo campo da cientificidade nos estudos dessa natureza, ainda mais no que tange à possibilidade de os respondentes, por proximidade com o pesquisador, não se sentirem confortáveis em emitir seus julgamentos de forma transparente. No entanto, o fato de os participantes pertencerem a Centros espalhados pelo país e pelo mundo garantiu que a coleta da materialidade obtida (o *corpus* obtido com o questionário) fosse representativa de aspectos que julgamos não falsear a realidade dos membros da UDV (conforme a exposição detalhada dos aspectos quantitativos). Por fim, a análise qualitativa foi feita com o respaldo do aporte teórico, evitando-se uma postura inferencial (subjetiva).

A partir do objetivo específico de descrever as características ritualísticas da UDV, tecemos considerações acerca da vida do Mestre fundador da instituição pesquisada e seus princípios, inclusive quanto à prática da palavra. Apresentamos, também, algumas marcas linguísticas evidenciadas em efeitos de sentidos construídos conforme a doutrina do Centro.

Quanto ao objetivo seguinte, relativo à reflexão sobre o uso do chá Hoasca, importante componente da doutrina transmitida no CEBUDV, foi possível identificar que a doutrina transmitida pelas palavras, potencializada pelo uso do chá Hoasca, promove a sensibilização dos associados para as transformações orientadas nas práticas ritualísticas da instituição. Ressaltamos que, diante dos estudos realizados sobre a ação do Vegetal, identificamos que o efeito psicoativo promove, além da ampliação da percepção, o aumento das conexões neurais, o que revela, também, o aprimoramento do funcionamento cognitivo, potencializando os processos de semiotização. Conforme atestaram os participantes (análise qualitativa), a transmissão da doutrina, mediada pela palavra no contexto religioso em questão, durante o

período de efeito do Vegetal, pode influenciar seus associados quanto à ressignificação de suas formas de falar, de pensar e de agir.

Em se tratando do terceiro objetivo específico, relativo à identificação das marcas linguísticas presentes nas respostas dos associados, bem como de suas representações ou construções de determinados efeitos de sentido, foi possível identificar que múltiplas faces da linguagem se manifestam nessa comunidade de fala da UDV. Múltiplas faces quanto às características do ritual, aos efeitos do Vegetal, à singularidade das experiências simbólicas e subjetivas dos participantes, às músicas como parte do ritual e à doutrina como um todo, a qual apresenta efeitos de sentidos diversos baseados no aprendizado dos participantes dos princípios transmitidos pelo Mestre fundador, José Gabriel da Costa.

Identificamos, também, a diversidade, no sentido de que há pessoas com diferentes níveis de escolaridade, pertencentes a diferentes faixas etárias e classes socioeconômicas, e de diversas culturas e procedências regionais, o que favorece a integração por um falar simples, que atende tanto ao "doutor" quanto ao "caboclo". Assim, não há uma preocupação em se falar obedecendo-se às concordâncias (verbal, nominal) ou a quaisquer outras normas estabelecidas pela prescrição gramatical (gramática normativa).

Ao buscar atingir o objetivo de identificar as representações dos participantes sobre os sentidos construídos ou acessados por meio da ingestão do chá Hoasca, embora a experiência de cada participante com a UDV seja individualizada, os resultados mostraram que as percepções quanto às mudanças nas formas de falar, pensar, sentir e agir se dão na mesma direção, na cultura da paz e da harmonização nos relacionamentos, dos sentimentos de empatia, da serenidade e do equilíbrio emocional. Tais termos foram os que mais apareceram como unidades de sentido no processamento dos dados. Buscamos identificar, ainda, a percepção axiológica (valoração positiva ou negativa) dos associados quanto às práticas ritualísticas e linguageiras na UDV. Nesse aspecto, as questões identificaram que a maioria dos associados percebe como positivo o pertencimento à UDV.

Conforme a hipótese apresentada, os ensinos demonstrados pela palavra na oralidade, evidenciando, inclusive, a prática de vida do guia espiritual (Mestre Gabriel), aliados ao efeito do chá Hoasca (nomeado de "burracheira" pelo Mestre), contribuem para transformações nas formas de pensar, de sentir, de falar e de agir dos participantes udevistas. Isso foi confirmado a partir dos resultados e da análise das percepções evidenciadas nesta pesquisa. A participação efetiva nas práticas udevistas faz com que os associados construam sentidos em determinada direção (consoante aos objetivos preconizados pela UDV), ao refletirem, com a consciência ampliada, sobre os diferentes segmentos de suas vidas, transformando, consequentemente, susa

formas de falar, pensar, sentir e agir. Com base nos resultados da coleta de dados, 98,72% dos participantes demonstraram perceber transformações positivas no desenvolvimento de virtudes, bem como manifestaram a percepção de que construíram novos sentidos a partir das orientações recebidas na UDV.

Tendo em vista que a pesquisa mostrou que maioria dos participantes percebe reflexos benéficos nos diversos segmentos de suas vidas, entendemos, portanto, que há uma relação de correspondência entre as orientações em práticas linguageiras realizadas nos rituais e as transformações percebidas pelos associados da UDV.

Como desdobramentos futuros desta pesquisa, podem-se investigar as relações culturais entre os sujeitos de linguagem, bem como o funcionamento e o exercício do poder religioso no contexto de religiões hoasqueiras. Sob essa perspectiva, o foco pode abranger as interfaces antropológica e filosófica, o que pode favorecer novas percepções do homem enquanto ser de (ação por meio da) linguagem em seus grupos de pertença.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Gênesis**. Tradução de João Ferreira Almeida. Velho Testamento e Novo Testamento. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. A. (2006). **Sociedades caboclas amazônicas**: modernidade e invisibilidade. 1.ed. São Paulo: Annablume, 2003.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, 1991.

ANDRADE, A. P. Contribuições e limites da União do Vegetal para a nova consciência religiosa. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 49. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Curitiba. Texto para uso didático. Versão inglesa de I.R. Titunik, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a BenedettoVecchi/ Zygmunt Bauman. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. Forma e sentido na linguagem. In: **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BOGDAN, Robert. C.; BIKLEN, Sari. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05 mai. 2022.

BONFIM, João Bosco Bezerra. **Hoasca Remédio para o Espírito**: Histórias de Mestre Zé Luiz. Brasília: Pedra Nova, 2022.

BRAGA, Maria Luiza. Variáveis Discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística** – tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2013.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. O quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). In: **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução de Ana Raquel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008. p. 109-129.

BRONCKART, Jean-Paul. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Tradução de Ana Raquel Machado *et al*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p. 121-160.

CAMMAROTA, Mártin; BEVILAQUA, Lia. R. M.; IZQUIERDO, Ivan. Aprendizagem e memória. In: LENT, R. Neurociência da mente e do comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

CARVALHO, Maria do Carmo Brandt; NETTO, J. P. **Cotidiano**: Conhecimento e crítica. São Paulo, Cortez, 2009.

CAVALCANTE, Sandra Maria. Silva. Dimensões sociocognitivas da intertextualidade. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Ensaios sobre Leitura II**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Do Sertão à Amazônia**. Disponível em: https://udv.org.br/mestre-gabriel/o-fundador/jose-gabriel-da-costa. Acesso em: 21 jun. 2023.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **O Símbolo da União é Luz, Paz e Amor**. Disponível em: https://udv.org.br/. Acesso em: 27 jul. 2023.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Os Princípios da União do Vegetal**. Brasília/DF: Alto Falante, 2016.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Ritual**. Disponível em: https://udv.org.br/ritual-religioso-na-uniao-do-vegetal/. Acesso em: 14 jun. 2023.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **Uma missão espiritual**. Disponível em: https://udv.org.br/mestre-gabriel/o-fundador/uma-missao-espiritual/. Acesso em: 16 jun. 2016.

CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL. **União do Vegetal**: Hoasca; fundamentos e objetivos. Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Sede Geral, Centro de Memória e Documentação da União do Vegetal, 1989.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). Manual de linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Langue et discourse** – élements de sémiolinguistique (théorie et pratique). Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**. Modos de Organização. Tradução de Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. Une Analyse sémiolinguistique du discours. **Langages**, nº117, 1995.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado Ed., 1978.

CHOMSKY, NOAM. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

COELHO, Joana. O que é ayahuasca e quais são seus efeitos? **E-Cycle**, 2022. Disponível em: https://www.ecycle.com.br/ayahuasca/. Acesso em: 21 de abr. 2022.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria semiolinguística: alguns pressupostos. **Revista Momento do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura**. 2014 – Universidade Vale do Rio Verde. UNINCOR. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/indez.php/memento/article/view/1826. Acesso em: 12 ago. 2023.

DAMÁSIO, António. **A Estranha ordem das coisas**: a origem biológica dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes**: Emoção, Razão e o Cérebro Humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DAMÁSIO, António. **O Mistério da Consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. **Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Dicionário de Cultura Básica**. 2010. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/38987. Acesso em 21 ago. 2023.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 21. ed. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ENDO, Ana Claudia Braun; ROQUE, Marcio Antonio Brás. Atenção, memória e percepção: uma análise conceitual da Neuropsicologia aplicada à propaganda e sua influência no comportamento do consumidor. **Intercom**, Rev. Bras. Ciênc. Comun., v. 40, n. 1, jan-abr. 2017.

ESCOBAR, José. Arturo. Costa. **Ayahuasca e Saúde**: Efeitos de uma Bebida Sacramental Psicoativa na Saúde Mental de Religiosos Ayahuasqueiros. 2012. 260 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

FABIANO, Ruy. **Mestre Gabriel, o mensageiro de Deus**. Brasília/DF: UDV, 2012.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010.

FLECK, M. P. *et al*. (2003). Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais. **Revista de Saúde Pública**, 37, 446-455.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2º sem. 2009. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3015/1946. Acesso em: 17 mai. 2023.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

GAUJAC, Alain. **Estudos sobre o psicoativo N, N-dimetiltriptamina (DMT) em Mimosa tenuiflora (Willd)**. Poiret e em bebidas consumidas em contexto religioso. 2013. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Química, Salvador, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIOVANETTI, José Paulo. Psicologia e espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 129-145.

HIGGINS, Edward Tory. Social cognition: learning about what matters in the social world. **European Journal of Social Psychology**, Sussex, v. 30, n. 1, p. 3-39, jan./feb. 2000.

INDURSKY, Freda. A Fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). **Discurso, Memória, Identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra LUZZATO, 2001.

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unissinos, 2009.

JUSTO Ana Maria, CAMARGO Brígido Vizeu. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. In: NOVIKOFF C, SANTOS SRM, Mithidieri OB (Org.). **Caderno de artigos: X SIAT e II SERPR**, 2014. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2014. p. 37-54. Disponível em :https://lageres.wordpress.com/. Acesso em: 21 jun. 2022.

JUSTO Ana Maria, CAMARGO Brígido Vizeu. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, 2013, p. 513-518.

KANDEL, Eric. R. **Em busca da memória**: o nascimento de uma nova ciência da mente. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KJELLGREN, Anette; ERIKSSON, Anders; NORLANDER, Torsten. Experiences of encounters with ayahuasca – the vine of the soul. **Journal of Psychoactive Drugs**, 2009.

KOCH, Christof. What Is Consciousness? In: **The Feeling of Life Itself**. Why Consciousness Is Widespread but Can't Be Computed. Institute of Technology, 2019.

KRISTEVA, Júlia. **História da Linguagem**. São Paulo: Coleção Signos, 1969.

LA ROSA, Jorge de. **Psicologia e Educação**: o significado do aprender. 6. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago, 1980.

LIMA-AYRES, Débora. A construção histórica da categoria caboclo. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural. **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, 1999.

LODI, Edson. **Cantiga de Viola**: relicário de sons do sertão. Brasília/DF: Pedra Nova, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1994.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual da linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 177-191.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. Gêneros do discurso e apropriação de saberes: (re)conhecer as práticas linguageiras em sala de aula. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, UNISUL, v. 8, n. 3, p. 541-562, set./dez. 2008.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Textualização, ação e atividade: reflexões sobre a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 51-64.

MATLIN, Margaret; FOLEY, Hugh James. **Sensation and Perception**. 4. ed. USA: Allyn and Bacon, 1997.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

MATURANA, H.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução de Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MAYER, Richard E. **Cognição e Aprendizagem Humana**. Tradução de Luiz Roberto S. S. Malta. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

MEDEIROS, Flávia Andrea Belarmino *et.al*. O *IRAMUTEQ* como ferramenta no processamento de dados em pesquisa qualitativa. **Revista Diálogos**, Rio Grande do Norte, 2022**.**

MELO, Luís Rocha e. Que é a espiritualidade? **Communio: Revista Internacional Católica**, Ano XI, n. 3, p. 197-203, jun. 1994.

MELO, Rosa Virgínia. Encantamento e disciplina na União do Vegetal. **Anuário Antropológico**, v. 38, n. 1, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

METZINGER, Tommas. The subjectivity of subjective experience: A representationalist analysis of the first-person perspective. In: METZINGER, T. **Neural Correlates of Consciousness**: Empirical and Conceptual Questions. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2000. p. 285-306.

MEZZASALMA Adriana; TAVARES, Almir Tavares. A atenção como atividade da consciência. **RMMG – Revista Médica de Minas Gerais**, v. 13, 2013, p. 272-275. Disponível em: http://rmmg.org/artigo/detalhes/1535#:~:text=A%20aten%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20uma%20atividade,resultado%20de%20dist%C3%BArbios%20da%20consci%C3%AAncia. Acesso em: 17 jan. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de Linguística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez, 2005. p. 311-351.

NETTO, Patrick Walsh. **O exemplo na vida de quem prega**: uma análise do CEBUDV a partir dos seus sócios. 502 f. 2017. Tese de doutorado. Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília/UnB. Brasília (DF), 2017. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31986/3/2017_PatrickWalshNetto.pdf. Acesso em: 3 jan. 2023.

NEWBERG, Andrew B. **The neuroscientific study of spiritual practices**. Myrna Brind Center of Integrative Medicine, Thomas Jefferson University, Philadelphia, PA, USA March 2014. Disponível em: www.frontiersin.org. Acesso em: 16 fev. 2022.

OLIVEIRA, Davison Schaeffer de. O Conceito de Espiritualidade a partir de uma Abordagem Filosófica da Subjetividade. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**, Brasília, v. 3, n .1, p. 112-133, ago. 2016.

OLIVEIRA, A. L. de; ANTÚNEZ, A. E. A. A estrutura da pessoa humana em Edith Stein: indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 124-144, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.37067/rpfc.v6i2.982. Acesso em: 22 nov. 2024.

OMENA, Nelize Pires; DUARTE, Maria Eugência Lamoglia. Variáveis Morfossintáticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística** – tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2013.

ORLANDI, E. Dispositivo de análise. In: **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 59-92.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso e interpretação. In: **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005. p. 19-29.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Edunicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1988.

PINTO, Paulo Mendes. Linguagem e Religião: Um jogo, de racionalidade, de identidade, de fundamentos. **Revista de Estudos da Religião**, n. 4, p. 81-98, 2002.

PIRES, Vera Lúcia. Questões sobre identidade e diferença: tensão entre o mesmo e o outro. **Fragmentum** (UFSM), Santa Maria, v. 3, p. 11-28, 2002.

RODRIGUES, Carmem Isabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos Caderno NAEA**, Belém, v. 9, p.120-122, jun. 2006.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Tecnologia, Perda do Humano e Crise do Sujeito do Direito. In: OLIVEIRA, Francisco de.; PAOLI, Maria Célia (Orgs.). **Os Sentidos da Democracia**. Políticas do Dissenso e Hegemonia Global. Petrópolis: Editora Vozes/FAPESP, 1999. p. 291-306.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. In: BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Orgs.). 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SEVERO, Cristine Gorski. Oralidade, Prática Social e Política Linguística. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, v. 15, n. 24, 2019. Disponível em: http://www.letramagna.com/artigos_24/artigo25_24.pdf. Acesso em: 30 out. 2021.

SHELDRAKE, Philip. **A brief history of spirituality**. Malden: Blackwell, 2007.

SILVA, Danielli Katherine Paschoal da. **Experiências com a (pá) lavra na União do Vegetal: um estudo antropológico do conhecer caianinho**. 2016. Dissertação de Mestrado

– Centro de Ciências Humanas e Filosofia – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/175916/345291.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 mai. 2023.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020.

SOUZA, Gilberto Corrêa de *et al*. Estudo da consciência e a cognição corpórea. **Ciência e Cognição**, v. 11, p. 143-155, 2007. Disponível em: http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/662. Acesso em: 30 abr. 2022.

SOUZA, Raimundo Monteiro de. **Memórias de um discípulo do Mestre**. Brasília-DF: Prisma Editora, 2018.

SOUZA, Gilberto Corrêa de *et al*. Estudo da consciência e a cognição corpórea. **Ciência e Cognição**, v. 11, p. 143-155, 2007. Disponível em: http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/662. Acesso em: 30 abr. 2022

SPINK, Peter. Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 20(spe), p.70-77, 2008.

SPINK, Peter. Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: Uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

STEIN, E. Estructura de la persona humana. In: STEIN, E. **Obras completas**: Escritos antropológicos y pedagógicos. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2003.

STEIN, E. Introduccíon a la Filosofía. In: STEIN, E. **Obras Completas**: Escritos Filosóficos – etapa fenomenológica. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2003.

STRASSMAN, Rick. **DMT, A Molécula do Espírito**. Tradução de Dermeval de Sena Ayres Júnior. Brasília: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, 2019.

TIMMERMANNA, Christopher *et al*. **Efeitos cerebrais humanos do DMT avaliados via EEG-fMRI**. Washington University in St Louis School of Medicine, St. Louis, MO; November 12, 2022. Disponível em: https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.2218949120. Acesso em: 25 abr. 2023.

VAILLANT, George Erman. **Fé**: evidências científicas. Ttradução de Isabel Alves. Baruerí, SP: Manole, 2010.

VALLE, Edênio. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. In: **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 201-226.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que investigará faces da linguagem como instrumento de formação humana no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – CEBUDV.

Você foi selecionado(a) porque é um associado do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal no Brasil. A sua participação nesse estudo consiste em responder as perguntas contidas no formulário da pesquisa na plataforma do *Google Forms*. Dessa forma, a pesquisadora coletará os dados para análise na pesquisa.

Os possíveis riscos (e/ou desconfortos) envolvidos nesse estudo podem ser:

- não conseguir compreender alguma pergunta; o que pode ser minimizado com o preenchimento nos campos dos comentários, complementando respostas, informando as percepções da pergunta;
- não ter clareza do que responder em alguma questão; o que pode ser minimizado com a possibilidade de justificar por meio dos campos de comentários ou não responder a questão;
- insegurança de que as informações foram realmente salvas no formulário, o que pode ser minimizado com a possibilidade de informar o e-mail para recebimento do comprovante de participação com as respostas.

Quanto aos possíveis riscos do ambiente virtual, podem ser minimizados com a verificação da veracidade do formulário por meio de contato com o remetente do formulário, ou ainda a escolha de não preencher se não se sentir seguro;

Sua participação é muito importante e voluntária e, consequentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder as questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será deletado.

Os resultados dessa pesquisa servirão para contribuir para o conhecimento pela Diretoria Geral da União do Vegetal acerca das percepções de seus associados, podendo propiciar

benefícios diretamente aos sócios com adoção de medidas no que se refere à linguagem utilizada nos rituais, bem como contribuir, a partir dos resultados evidenciados na pesquisa, para a superação dos desafios quanto aos preconceitos e discriminações, ainda existentes, acerca das atividades ritualísticas do Centro.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você deve guardar uma cópia deste termo onde constam os dados de contato do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Neilane de Souza Viana, (33) 999197012 - e-mail: lanesv_07@hotmail.com

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.ª Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatada em caso de questões éticas, pelo telefone (31)3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Ao selecionar o botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa de acordo com as informações registradas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador.

APENDICE B – QUESTIONÁRIO

Perfil do(a) sócio(a) da UDV

1) Em qual região se localiza o Núcleo a que você pertence?

- Norte do Brasil
- Centro-Oeste do Brasil
- Nordeste do Brasil
- Sudeste do Brasil
- Sul do Brasil

2 - Grau hierárquico na UDV:

- Quadro de Sócios
- Corpo Instrutivo
- Corpo do Conselho
- Quadro de Mestres

3- Tempo de associado na UDV

- Menos de 01 ano
- De 1 a 5 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Entre 10 e 15 anos
- Entre 15 e 20 anos
- Entre 20 e 25 anos
- Acima de 25 anos

4- Faixa Etária (Idade)

- 18 a 25 anos
- 26 a 35 anos
- 36 a 45 anos
- 46 a 55 anos
- 56 a 65 anos
- Mais de 66 anos

5) Sexo:

- Masculino
- Feminino

6) Você se considera:

- Branco
- Preto
- Pardo
- Amarelo
- Indígena
- Não sabe / não quer responder

7) Nível de Escolaridade:

- ○ Ensino Fundamental completo
- ○ Ensino Fundamental incompleto
- ○ Ensino Médio completo
- ○ Ensino Médio incompleto
- ○ Ensino Superior completo
- ○ Ensino Superior incompleto
- ○ Pós-Graduação *Lato sensu*
- ○ Mestrado
- ○ Doutorado
- ○ Pós-doutorado

A Linguagem na UDV

8) Entende com facilidade o que é falado nas sessões de que você participa na União do Vegetal?

- ○ Sempre
- ○ Às vezes
- ○ Raramente
- ○ Nunca

Explique ou exemplifique alguma situação em que teve dificuldade **(Resposta Opcional)**

_____
_____
_____

9) Com a doutrina da UDV, você aprendeu significados diferentes/novos de termos ou palavras que já conhecia?

- ○ Não
- ○ Sim

10) Assinale a(s) opção(ões) que reflete(m) sua visão:

Durante as sessões na UDV, você:

( ) normalmente aprende novos sentidos das palavras.

( ) frequentemente aprende novas formas de usar as palavras.

( ) sente um estranhamento quando ouve certas palavras.

( ) acha normais e familiares os sentidos das palavras e expressões utilizadas.

( ) nunca aprende(u) novos sentidos ou formas de usar as palavras utilizadas nas sessões.

Comente sua resposta **(Comentário opcional):**

_____
_____
_____

11) Indique a(s) afirmação(ões) conforme sua crença:

( ) O uso das palavras no sentido positivo influencia na realização de coisas que desejamos.
( ) O uso das palavras no sentido negativo interfere na realização das coisas que desejamos.
( ) Tanto os usos das palavras no sentido positivo quanto os usos das palavras no sentido negativo não interferem na realização das coisas.
( ) As palavras não têm sentidos positivos ou negativos.

Na(s) crença(s) assinalada(s) acima, de que forma sua experiência na UDV contribuiu para reforçá-la? **(Comentário Opcional)**

_____
_____
_____

12) Além dos ensinos ouvidos nas sessões, a burracheira apresenta/ apresentou orientações na sua consciência quanto à forma de usar as palavras no seu cotidiano?

- **Sim**
- **Não**
- **Às vezes**

13)Após os ensinamentos recebidos na UDV, você observa que houve modificação em seu modo de usar as palavras:

( ) No seu falar cotidiano, em qualquer lugar ou contexto
( ) Somente no âmbito da UDV, quando participa das sessões.
( ) Não houve mudança na minha forma de falar em nenhum contexto.

Comente, se possível, sua resposta: **(Comentário Opcional)**

_____
_____
_____

A FORMAÇÃO HUMANA

14)Você percebe ou percebeu mudanças nas suas maneiras de pensar após ensinamentos recebidos na UDV?

- Sim, mudei minha maneira de pensar sobre
  _____
  _____
- Não mudei minha maneira de pensar sobre
  _____
  _____
- Talvez tenha mudado um pouco minha maneira de pensar sobre
  _____
  _____

- Não sei responder.

15)A burracheira apresenta/ apresentou orientações na sua consciência quanto ao seu modo de agir/ se comportar no seu cotidiano?

( ) Sim

( ) Não

16) Numa escala de 0 a 5, o quanto se identifica com a doutrina da UDV proposta e difundida pelo Mestre Gabriel?

- 1 discordo totalmente
- 2 discordo parcialmente
- 3 concordo mais do que discordo
- 4 concordo parcialmente
- 5 concordo totalmente

17)Passadas as sessões na UDV, você costuma refletir/examinar sobre o que é ensinado nessa instituição?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

Comente sua resposta **(Comentário Opcional):**

_____
_____
_____
_____

18)Assinale a opção e complete-a: Quando reflete sobre o que é ensinado nas sessões da UDV, você costuma:

- Sempre concorda com tudo o que é ensinado. **(Comentário Opcional)**
  _____
- Às vezes concorda com o que é ensinado. **(Comentário Opcional)**
  _____
- Raramente concorda com o que é ensinado. **(Comentário Opcional)**
  _____
- Nunca concorda com o que é ensinado **(Comentário Opcional)**
  _____

19)Você percebe ou percebeu mudanças em suas formas de agir (incluídos hábitos e comportamentos) após ensinamentos recebidos na UDV?

- Sim, mudei minha maneira de agir. **(Comentário opcional)**
  _____
  _____
  _____

- Não mudei minha maneira de agir. **(Comentário opcional)**
  _____
  _____
  _____

- Talvez tenha mudado um pouco minha maneira de agir. **(Comentário opcional)**
  _____
  _____
  _____

- Não sei responder.

20) Com as experiências vivenciadas na burracheira, você percebe/percebeu mudanças na sua forma de lidar com seus sentimentos?

Comente sua resposta **(Comentário opcional):**
_____
_____
_____
_____

21) Durante o evento da "burracheira", em si, você acredita que algum(alguns) mistério(s) ou dúvida(s) que carregava consigo se revelaram / vieram à sua consciência?

( ) sim
( ) não

Comente sua resposta **(Comentário opcional):**

_____
_____
_____

22) Assinale a(s) opção(-ões) que, a seu ver, tem (têm) mais validade / veracidade, de acordo com sua experiência na UDV:

( ) Por meio da ingestão do chá, na "burracheira", é possível conhecer e transformar diversos aspectos da minha vida e da minha personalidade.
( ) A burracheira no ritual é importante para mim, mas o principal é a fala do Mestre, os exemplos que ele apresenta e explica.
( ) Tanto a burracheira quanto as palavras ditas pelo Mestre durante o ritual têm o mesmo peso no sentido de levar a uma transformação de consciência.
( ) Na burracheira, consigo ver melhor as coisas que representam problemas para minha vida e descubro soluções que antes não via.

23) Você considera que a doutrina da UDV pode contribuir para o desenvolvimento de virtudes?

- Sim
- Não
- Talvez

Comente sua resposta **(Comentário Opcional):**

_____
_____
_____
_____

24) Em qual(is) segmento(s) você percebe reflexos positivos do aprendizado desenvolvido por meio da doutrina da UDV?

- Espiritual
- Comunicação.
- Familiar.
- Profissional.
- Intelectual.
- Social.
- Saúde.
- Psicológico.
- Nenhum segmento.

25) Você já indicou (ou indicaria) a UDV para outras pessoas?

( ) sim
( ) não
( ) talvez

Comente sua resposta **(Comentário Opcional):**

_____
_____
_____
_____